

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

TÚLIO DE MORAIS REVOREDO

**A FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DA REPERCUSSÃO DA TEORIA DE
LUCIANO FLORIDI**

RECIFE

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

TÚLIO DE MORAIS REVOREDO

**A FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DA REPERCUSSÃO DA TEORIA DE
LUCIANO FLORIDI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como um dos requisitos acadêmicos parciais para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia

Linha de Pesquisa: Memória da Informação científica e tecnológica

Orientadora: Profa. Dra. Leilah Santiago Bufrem

RECIFE

2015

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Valéria Baltar de Abreu Vasconcelos, CRB4-439

R454f Revoredo, Túlio de Moraes
A filosofia da informação na ciência da informação brasileira: uma análise da repercussão da teoria de Luciano Floridi / Túlio de Moraes Revoredo. – Recife: O Autor, 2015.
119 f.: il.

Orientador: Leilah Santiago Bufrem.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2015.
Inclui referências.

1. Ciência da informação. 2. Filosofia - Informação. 3. Filosofia - Ciência da informação. 4. Floridi, Luciano - Teoria (Filosofia). I. Bufrem, Leilah Santiago (Orientador). II. Título.

020 CDD (22.ed.) UFPE (CAC 2015-193)



Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI

TÚLIO DE MORAIS REVOREDO

***A filosofia da informação na Ciência da Informação Brasileira:
uma análise da repercussão da Teoria de Luciano Floridi***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 27/02/2015

BANCA EXAMINADORA

Prof^a D^{ca} Leilah Santiago Bufrem (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Fabio Assis Pinho (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Diego Andres Salcedo (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha (Examinador Externo)
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, reconhecer e agradecer a todos os agentes invisíveis à compreensão humana que, em suas respectivas medidas, tornaram possível a elaboração deste estudo. Ao transcendentalismo da alma, minha gratidão.

Aos meus pais e meu irmão. Fred, Ceça e Junior, respectivamente, sempre parceiros na minha loucura de falar sobre conceitos pouco convencionais que não dão retorno financeiro algum. Pela compreensão, grato.

À minha orientadora, amiga e conselheira, Leilah Santiago Bufrem. Mulher de uma grandiosidade de alma de proporções imensuráveis. Todo este estudo e minha formação acadêmica dependem muito dela. Por tudo que representa em minha vida, meu muitíssimo obrigado.

À banca examinadora que compõe a avaliação deste trabalho. Nas pessoas do Prof. Dr. Gustavo Saldanha, autor, pesquisador e acadêmico ao qual me referencio muito e por quem tenho grande admiração acadêmica. Ao Prof. Dr. Fábio Pinho, um docente e pesquisador que me mostrou a beleza do mundo acadêmico. E ao Prof. Dr. Diego Salcedo, docente e pesquisador que compartilha comigo, há alguns anos, os passeios pelos campos da filosofia, sempre instigador e motivador da minha pesquisa, um parceiro. Enfim, a todos minha grande gratidão. É uma honra inestimável tê-los em minha banca.

A toda equipe do PPGCI-UFPE, em especial a Suzana pelo seu carisma ao tratar as questões pertinentes aos discentes.

À CAPES, por proporcionar a bolsa de estudos para elaboração desta pesquisa. Sem a bolsa, o caminho deste mestrado se tornaria quase impossível.

A todos da minha enorme família espalhada pelo Brasil. São muitos, mas todos em sua medida tornaram este estudo possível.

Aos meus amigos denominados em grupo de “Ócio Digital”. A Amélia Mendes, Ana Cecília, Charlene Santos, Cinthia Holanda, Marcelo Dantas, Pietro Santiago, Rafael Oliveira e Silla Cadengue. Há ainda Amanda Deodato, não pertence ao grupo mas pertence ao meu coração. Todos, sem exceções, sempre tiveram e continuam tendo papel importante na minha formação pessoal e acadêmica. Brigas épicas, confissões, choros e toda sorte de expressões dos sentimentos de quem ama. Unidos pelo extremo sentimental. A todos, meu muito obrigado.

Aos amigos denominados em grupo de “Nós e agregados”. A Danilo Rafael, Denise Guerra, Diógenes Abreu, Felipe Xavier, Irla França, Nathália Abreu, Lucas Silva e Romeu Carneiro. Conheço-os desde que era um *girininho*, tanto tempo que nem me lembro mais. Amigos de uma vida e para uma vida. Estarão sempre comigo. Pelo companheirismo, minha eterna gratidão.

Aos amigos que fiz ao longo da vida profissional. Agradecer à toda equipe da Rec Produtores Associados, construí uma família *alí*. Saí da Rec, mas não ela de mim. À toda equipe da Ateliê Produções, quão maravilhoso foi trabalhar com aquela equipe de editores, galera show de bola.

A todos meus amigos em geral, da infância, da vida, das conversas filosóficas, das cervejas, deixo minha gratidão. São muitos e não irei citar nomes para não cometer a injustiça de esquecer-me de alguém.

A felicidade, portanto, está sempre no futuro ou no passado, e o presente é como uma pequena nuvem sombria que o vento impele sobre a planície cheia de sol; diante dela, atrás dela, tudo é luminoso, só ela projeta sempre uma sombra.

Arthur Schopenhauer

RESUMO

Investiga, guiado pelos conceitos teórico-metodológicos da Filosofia e da Ciência da Informação, como a Ciência da Informação, sobretudo brasileira, configura a sua pesquisa filosófica e os alicerces para sua construção enquanto Ciência. Adota o termo Filosofia da Informação bem como analisa seu conceito a partir do filósofo Italiano Luciano Floridi, devido ao seu pioneirismo em fomentar e apresentar as teorias para o estudo filosófico da Informação. Diante dessa perspectiva e para uma construção de uma estrutura panorâmica conceitual entre a Filosofia da Informação e a Ciência da Informação, analisa a literatura científica, sobretudo artigos, contidos na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), usando os termos “Filosofia da Informação”; “Filosofia da Ciência da Informação” e “Luciano Floridi” para analisar as obras que tratam conceitualmente sobre a Filosofia da Informação, e assim poder identificar como está se configurando seu estudo na literature sobre Ciência da Informação o Brasil. A partir desse levantamento, constitui um *corpus* sobre os autores e temas relacionados à Filosofia da Informação floridiana, com o objetivo de realizar uma análise sobre os títulos identificados e, posteriormente, analisar as formas de apresentação da Filosofia da Informação no Brasil em suas modalidades de produção e circulação social do objeto. Para isto, identifica e estuda, utilizando a análise de conteúdo, os artigos que tratam da filosofia da informação, com o propósito de contribuir para a identificação do estudo filosófico da informação que emerge no Brasil.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Filosofia da Informação. Filosofia da Ciência da Informação. Luciano Floridi.

ABSTRACT

Investigates, guided by theoretical and methodological concepts of Philosophy and Information Science, as the Information Science, particularly Brazil, sets his philosophical research and its foundations for its construction as Science. Adopts the term Information Philosophy and analyzes its concept from the Italian philosopher Luciano Floridi, due to its pioneering promote and present the theories to the philosophical study of Information. Given the perspective and a mounting a conceptual overview structure of the Information Philosophy and Information Science, analyzes the scientific literature, especially articles contained in the Reference Database Articles Journals in Information Science (Brapci), using the terms "Information Philosophy"; "Information Philosophy of Science" and "Luciano Floridi" them to identify projects that address conceptually on the Philosophy of Information, and thus able to identify how you are setting up your study in Information Science Brazilian. From this survey, is a corpus of authors and topics related to Floridiana Philosophy of Information in order to perform an analysis of the identified titles and then examine ways of presenting Philosophy of Information in Brazil in their method of production and social movement of the object. For this, identifies and analyzes within the content analysis, the articles dealing mainly the philosophy of information, in order to contribute to the identification of the philosophical study of information emerging in Brazil.

Keywords: Information Science. Philosophy of Information. Philosophy of Information Science. Luciano Floridi.

SUMÁRIO

<u>1 QUESTIONAMENTOS INTRODUTÓRIOS</u>	<u>12</u>
<u>2 A CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOB O OLHAR FILOSÓFICO</u>	<u>19</u>
<u>3 CONCEITUANDO A FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO</u>	<u>29</u>
<u>4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA</u>	<u>46</u>
<u>4.1 Plano metodológico para estruturação dos dados</u>	<u>46</u>
<u>4.2 Caminhos entre as ideias: um breve passeio pela análise de conteúdo</u>	<u>53</u>
<u>4.3 Estrutura para análise do corpus</u>	<u>63</u>
<u>5 A FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO FLORIDIANA E SUA REPRESENTATIVIDADE NO BRASIL</u>	<u>65</u>
<u>5.1 Entre o discurso e a publicação: a representação analítica dos artigos científicos</u>	<u>68</u>
<u>5.2 Comentários sobre as análises</u>	<u>105</u>
<u>6 TÊLOS DA PESQUISA</u>	<u>110</u>
<u>REFERÊNCIAS</u>	<u>114</u>

1 QUESTIONAMENTOS INTRODUTÓRIOS

A evolução do pensamento filosófico/científico ocorre em uma estrutura histórico/conceitual, congregando elementos trazidos à discussão pelos sujeitos responsáveis pela sua constituição. Estes elementos são postos em análise e grafados no tempo, constituindo-se, assim, em marcos históricos que definem uma determinada linha de pensamento. Ou seja, uma corrente de pensamento que teve seu início no século XVII, por exemplo, terá seu *lócus* temporal definido, sendo esta data responsável pela representação do pensamento e do momento histórico em que ocorreu, no caso, a “Modernidade”.

Essas correntes de pensamento, acontecendo em períodos ao longo da dimensão temporal, dão origem ao que se conhece como “antiguidade”, “modernidade” e “pós-modernidade”, caminhando para delineadores temporais com o propósito de identificar os diversos tipos de pensamentos que foram progredindo de acordo com a evolução dos saberes produzidos e registrados pela humanidade, sobretudo no ocidente. Latour, a respeito do conceito de ciência e da sua organização no ambiente social/temporal, comenta que

Um conceito não se torna científico por estar distanciado do restante daquilo que ele envolve, mas porque se liga mais estreitamente a um repertório bem maior de recursos. [...] disciplinas difíceis precisam de conceitos mais amplos e mais exigentes que as disciplinas fáceis, não por estarem mais distantes do resto do mundo dos dados, colegas, aliados e espectadores – os outros quatro circuitos -, mas porque o mundo que elas agitam, abalam, movem e vinculam é muito maior. (LATOURE, 2001, p. 127)

Contudo, é importante lembrar que esses delineadores temporais, ou épocas do pensamento, são determinados pelo pensamento, sobretudo pelo pensamento científico que voga em questão do tempo e espaço, sendo atribuídos, também, pelos agentes sociais, doutrinas políticas e relações de poder os quais concentram pensadores e desenvolvedores de um determinado conceito.

Sob essa análise, do pensamento construído em uma cadeia temporal e lotado em um espaço, pode-se observar que o conceito de ciência serviu para

reacender o clima de discussão intelectual, levantando vozes de acordo com as tendências mais variadas. De um lado ficam aqueles que acreditam na intensidade do debate nas ciências e, de outro, aqueles que parecem reconhecer a crise de paradigmas. Nas ciências sociais, mais especificamente, o debate envolve duas vertentes distintas: uma pergunta sobre o paradigma positivista e a outra discute a racionalidade da modernidade em crise. O que se discute é o método das ciências naturais, que foi transferido para o campo da pesquisa social, especialmente nas diversas proposições da pesquisa *neopositivista*. Essa tradição de pesquisa, sobretudo estruturada sobre o paradigma positivista, sofre sérias restrições nas vertentes teóricas de origem hegeliana, no discurso marxista e na Escola de Frankfurt, em cujas proposições firma-se uma concepção de ciência no seio da modernidade.

A interlocução da modernidade com perspectivas de construção de novos campos científicos findou em novas estruturas para a indagação e elocubração desses campos, como ocorreu com a institucionalização da Ciência da Informação na década de 1940.

Desta maneira, a Ciência da Informação (CI) se configura em uma estrutura, ainda, de desconstrução de paradigmas para suas atividades e pesquisas. Essa configuração incipiente pode ser explicada pelo fato de que sua formalização enquanto campo de estudo ou sua institucionalização se deu após a segunda guerra mundial. Com o artigo "*As we may Think*", escrito pelo engenheiro americano Vannevar Bush, tido por grande parte da literatura científica da CI como um artigo regulamentador das teorias e práticas que ocorriam até 1945, enunciam-se questões problematizadoras para o gerenciamento e tratamento da crescente produção de informações registradas naquela época.

É importante salientar também que, desde o final da Segunda Guerra, evidencia-se nova correlação de forças entre blocos hegemônicos no cenário político, com reflexos no desenvolvimento da ciência e extensivamente da CI. Os dois blocos, cujas divergências ideológicas marcaram a disputa entre Estados Unidos e União Soviética, passaram a se constituir em atores da Guerra Fria.

Tais implicações acarretam uma construção não só teórica da CI, mas também, uma formação política, visto que o mundo polarizado, no pós-guerra, contribuiu para os caminhos que a CI vem seguindo.

Todavia, faz-se necessário apontar que a visão estruturadora da CI advinda do século XX no pós-guerra, trata-se de uma ótica unilateral pela qual se atribui a visão de ciência a uma questão institucional, desconsiderando, portanto, a construção da Ciência enquanto construção de preceitos e teorias filosóficas, pela qual a constituição do saber parte, antes de tudo, da reflexão e da investigação do fenômeno posto no mundo, como bem observava Aristóteles, filósofo mentor intelectual das ciências.

Após a evolução do conceito aristotélico, o mundo e as ciências se modificaram, as formas de tratamento dos saberes receberam especificações e campos institucionais bem definidos. Como sinaliza Pierre Bourdieu (1983. p. 122-123. Tradução nossa), o campo científico seria

[...] um sistema de relações objetivas entre posições adquiridas, ou seja, o lugar, o espaço de uma luta concorrencial, na qual está em jogo o monopólio da autoridade científica definida como capacidade técnica e poder social, ou ainda, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado.

Desde então, uma estrutura científica vem se configurando, apoiada na premissa da produção e uso da informação, buscando-se novas maneiras para que a informação esteja acessível em seus mais diversos suportes. Diante dessa perspectiva, que se pode considerar como positivista, pelo fato de tratar majoritariamente os resultados quantificáveis como o elemento principal de estudo, alguns paradigmas são constituídos na tentativa de moldar um padrão de atuação e pesquisa para a Ciência da Informação. Capurro (2003. Tradução nossa), por exemplo, propôs três paradigmas em uma tentativa de estruturar formalmente a CI: “o físico (o documento em si), o social (o impacto social da produção e uso da informação) e o cognitivo (relacionado ao cérebro como processador de informação)”.

Assim como Capurro, outros autores também estruturaram paradigmas, todavia, colocando-os em debate sobre o produto ou resultado da ação do fazer Ciência da Informação, como Michael Buckland (1991), autor da proposta de conceituação de informação-como-coisa, como-processo e como-conhecimento, tendo a informação como ideia concebida, fruto de um processo quantificável.

Mediante essa configuração, os conceitos expostos tendem a apresentar uma maior afinidade com esses paradigmas e, conseqüentemente, a construção da Ciência da Informação, em uma estrutura que vislumbra, talvez, os fins e não os meios, atrelando a sua razão de existência a números e quantificações de resultados, pouco visando suas raízes de ordem filosófica. No entanto, vale a pena ressaltar, que a discussão trazida por Capurro (2003) denota uma perspectiva filosófica.

Ao longo desse processo de construção, a pesquisa sobre a Filosofia da Informação no Brasil, teoria da qual se buscam respostas e propõem-se questões para visar a construção científica como uma concepção teórica passível de interpretações e questionamentos, ficou sendo ignorada por longos anos, até que, em 2002, com o artigo *“What is the Philosophy of Information?”*, o filósofo italiano, Luciano Floridi, dá início ao debate sobre a filosofia inserida na Ciência da Informação e em como ela poderia trazer aportes reflexivos para um corpus de pesquisa definido e traços de finalidade concisos.

Destarte, esta dissertação propõe-se a tratar a representação da Filosofia na literatura da CI, antes e depois da pesquisa floridiana, buscando compreender como o tema era tratado na área e quais foram seus reflexos para a construção científica.

Neste ponto da construção filosófica, Zeman (2005 p. 1) esclarece que:

A Filosofia sempre discutiu duas concepções: a materialista e a idealista. Ambas, na realidade, parecem ser incompatíveis e inúmeros filósofos tentaram e tentam compreendê-las. No princípio, Aristóteles estabelece uma oposição entre a matéria passiva e a matéria posta em movimento. Para o filósofo, o dualismo desses princípios não pode se dar em plena ligação dialética. Já para Descartes, há uma substância corporal em extensão (matéria) e a substância espiritual pensante (ideia). Uma age sobre a outra [...]

Deste mesmo modo, tendo a ideia substancial do ser em questão, Zeman (2005 p. 1) prossegue afirmando que “a contradição entre a realidade e a ideia resolve-se no ato. O materialismo dialético é caracterizado por um monismo (redução à unidade)”. Para uma questão de preservação da substância humana toma como central o “ideal da matéria e da consciência humana e, ao mesmo tempo, chama a atenção para o seu caráter único” (Zeman, 2005, p. 2).

Com esta questão filosófica estrutural, considerando o objeto e o sujeito como partes integrantes de uma estrutura para a fomentação da relação informacional em um âmbito epistemológico, consegue-se vislumbrar uma relação *in natura* (no sentido de estar atrelada à concepção ou de ser indissociável) de como a Filosofia poderá contribuir de alguma maneira para ajudar a Ciência da Informação a buscar e definir suas raízes conceituais de forma bem clara, gerando perspectivas futuras e manutenção e expansão da área.

A partir dessa estrutura de pensamento filosófico, surge a proposta da “Filosofia da Informação”, centrada em questões primordiais da Filosofia, na sua relação com a Informação em seu sentido mais abrangente e na sua inserção na ciência como processo, meio e fim fundamentais. Dessa maneira, partindo de reflexões sobre a informação em seu conceito amplo, espera-se contribuir para a compreensão de como se foi construindo a Ciência da Informação, buscando-se trazer debates reflexivos e novas maneiras de pensar a área. Prospectar a CI para novos alicerces de uma construção filosófica fortemente embasada, a partir da reflexão sobre a institucionalização enquanto campo e propondo um debate situado em questões atuais, atinando, todavia, para o futuro da área.

Para uma teoria tal, evidenciam-se alguns autores, cujo foco está em analisar a construção filosófica como um processo. Dentre os autores que se dedicam ao estudo filosófico, Luciano Floridi ganha destaque, sobretudo no Brasil, por ter um escopo de pesquisa bem fundamentado e vasto. O autor ganhou notoriedade na literatura científica da CI, sendo citado e validado cientificamente por autores como (entre outros) Mostafá (2010), Saldanha (2011) e Salcedo; Revoredo (2013. p. 8) “que compreendem a Filosofia da Informação

proposta por Floridi, voltada a uma discussão válida na CI, mesmo que seja para ser contestada, devido a seus métodos bem desenvolvidos e concisão no escopo de pesquisa”.

Os recentes desenvolvimentos na Filosofia da Informação, iniciados com a proposta de Floridi (2001, 2002, 2004a, 2004b), têm sido focados na relação com os problemas filosóficos tradicionais em relação ao fenômeno da informação. O estudo floridiano tem um foco mais específico, desenvolvendo a noção de que o objetivo é mostrar que muitos dos problemas filosóficos clássicos podem proveitosamente ser aplicados aos domínios da Ciência da Informação. Por isso, se inicia uma análise comparativa dos conhecimentos em Ciência da Informação e filosofia, e em suas relações mútuas. Tal teoria pode conduzir a uma dupla vertente, ou a dois aspectos ilustrados por Tomic (2010, p. 10. Tradução nossa) para elucidar as questões pertinentes a conceituação da Filosofia da Informação:

1. Que a filosofia de informação pode funcionar como um meta-teoria subjacente a cada um dos subdomínios. Essa meta-teoria possivelmente reflete os princípios da CI em cada um dos subdomínios específicos e relaciona-se com abordagens para problemas tradicionais da filosofia; 2. Essa filosofia de informação pode, assim, ser uma meta-teoria unificadora, porém aberta ao debate crítico contemporâneo. Tal teoria, possivelmente, analisa como os subdomínios específicos (por causa de suas abordagens explícitas ou implícitas para os problemas filosóficos do pensamento crítico da informação) podem ser unificados.

Diante dessas concepções e premissas, o objetivo geral desta pesquisa é averiguar em que medida os debates propostos por Floridi, no âmbito da Filosofia da Informação, problematizam o campo da Ciência da Informação brasileiro.

Como objetivos específicos, procura-se: a) identificar os artigos científicos que tratam sobre Filosofia da Informação no Brasil, na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI); b) extrair da análise dos artigos identificados uma síntese histórico-conceitual da Filosofia da Informação na Ciência da Informação brasileira; c) indicar os

principais fundamentos que norteiam e problematizam o debate no campo da Ciência da Informação brasileiro, a partir da Filosofia da Informação.

2 A CONSTRUÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO SOB O OLHAR FILOSÓFICO

Há cada vez mais interesse em representar o passado como um banco de dados ou repositório de fatos históricos. O aumento da disponibilidade de textos e avanços históricos digitalizados, na mineração de texto em bases de dados, contribui para realizar o sonho de Paul Otlet de extrair o conteúdo a partir de fragmentos e torná-lo disponível para responder a perguntas sobre o passado.

Sendo assim, no centro de qualquer compreensão sobre a "Ciência da Informação", tem-se, por certo, uma compreensão de "informação" como um escopo central, sem perder de vista, no entanto, a necessidade de informação em todas as áreas do saber e do fazer humanos. Vickery estava consciente da utilização do conceito de "informação" em outras áreas temáticas, quando afirmou a necessidade de

[...] um alargamento do domínio abrangido pelo conceito de "informação", tanto em relação a sua teoria, quanto a sua prática. A transferência de informação tem sido colocada em pé de igualdade com a transferência de matéria e energia, como um dos processos naturais primários (1994, p. 7. Tradução nossa)

No entanto, ele nunca pareceu querer definir, ou fechar o conceito de "informação", talvez sentindo que, no contexto, seu significado é óbvio. Mesmo em seu livro (VICKERY, 1994), as informações são compreendidas simplesmente como o que é comunicado entre as pessoas. Em um de seus últimos escritos, ele sugere, como uma resposta a uma definição de "guarda-chuva", que pode ser útil para definir a informação como o conhecimento necessário para realizar uma ação de qualquer natureza (prático ou intelectual) (VICKERY, 1997). Este enfoque pragmático, evitando a busca de definições ou paradigmas fundamentais, é característico de sua concepção.

Por outro lado, um dos problemas mais graves enfrentados ao longo da história da Ciência da Informação é saber o que ela está estudando. Seria a informação fruto de um processo? O documento é um conteúdo da comunicação verbal com expressão de significado?

A história de disciplinas científicas tradicionais, como a física e a matemática, por exemplo, contribui para que elas tenham suas representações e características singulares bem definidas. O fato é que elas têm uma história, têm sua origem em fatos concretos e uma filosofia que contribui para sua consolidação e institucionalização. Há uma espécie de “reserva linguística” para cada uma delas, a forma e o conteúdo do que mudou e continuará a mudar com o passar do tempo. Mas quaisquer que sejam as mudanças, pelo menos, a reserva de uma história definida e linearmente compreendida é facilmente entendida, estando lá, um produto de todos os seus observadores e pesquisadores anteriores.

Existe um problema fundamental no uso da palavra "ciência", neste contexto. É a Ciência da Informação realmente uma "ciência", já que seus alicerces epistemológicos não são bem claros? Como se deve assimilar a noção de desenvolvimento tecnológico à Ciência da Informação? Como se deve relacionar os serviços profissionais para a ciência? Existe um profissional da informação, cujo trabalho é determinar a agenda de uma Ciência da Informação como pesquisa e desenvolvimento? Seria apropriado ignorar tais problemas, focando apenas nos seus produtos e seus fins e no que se pode ver e quantificar, como Machlup e Mansfield (1983) o fizeram. Todo o entendimento que constitui a ciência e a falta de conscientização das potenciais interrelações da ciência e da tecnologia remonta à ideia de Buckland, pela qual ele argumenta que “o desenvolvimento da informação está condicionado às suas relações de construção, ganhando significado de acordo com o nicho em que está inserida” (BUCKLAND, 1995. Tradução nossa).

Há, certamente, uma questão real quanto à validade de caracterizar a Ciência da Informação como uma "ciência", em oposição a algo que é meramente e, talvez, inadequadamente denominado "científico". Ou seja, para o objeto informação, a CI tem os seus estudos voltados a compreender a informação e suas nuances ou teria a CI dedicado toda sua história a resolver problemas informacionais no que tange a sua aplicabilidade, sem se importar muito com seus fundamentos? A posição adotada para este estudo é aceitar,

por enquanto, o uso atual do termo "Ciência da Informação", desenvolvido ao longo dos últimos 40 ou 50 anos e tentar entender qual é o seu objeto de estudo.

Enquanto a "informação" em si é uma palavra de uso comum, "Ciência da Informação" é um conceito que tem sido usado como um produto da revolução do computador e, portanto, só a partir da segunda guerra mundial esse termo tem sido mais frequente na literatura científica. E "não existe consenso sobre o seu objeto ou objetos" (BUCKLAND, 1995, p. 16). O termo representa uma realidade nova, emergente e como resultado, é transitório e instável em sua significação. O que se entende por "informação" varia de acordo com as experiências e perspectivas dos investigadores individuais, podendo ser mais apropriadamente chamado, como Machlup e Mansfield (1983) sugerem, no plural, "análise das peculiaridades semânticas em estudos de informação".

A interdisciplinaridade da Ciência da Informação é um tema bastante debatido na tentativa de conceituar essa ciência. Para uma possível definição, é importante observar que se deve concentrar no conceito de informação como o fenômeno a ser estudado em seus diversos aspectos. Para Borko, por exemplo,

a ciência da informação é a disciplina teórica preocupada com as aplicações da matemática, projeto de sistemas e outros conceitos de processamento de informações, é uma ciência interdisciplinar que envolve os esforços e competências dos bibliotecários, lógicos, linguistas, engenheiros, matemáticos e cientistas comportamentais. A aplicação das informações é resultado da ciência em um sistema de informação. O papel da ciência da informação é explicar as bases conceituais e metodológicas em que os sistemas existentes se baseiam. (BORKO 1968, p. 4, tradução nossa).

Hayes, por sua vez, adota uma visão não muito diferente, definindo a Ciência da Informação como "o estudo dos meios pelos quais estruturas organizadas (chamadas de 'sistemas de informação') processam símbolos (dados) registrados para atender seus objetivos definidos" (HAYES, 1985 p. 174. tradução nossa). Ele sugere que o que constitui um sistema é limitado apenas pela imaginação.

Sobre os antecedentes conceituais da Ciência da Informação, identifica-

se, ainda, outra perspectiva para entender os conflitos que cercam a Ciência da Informação como um campo de identificação do estudo (BUCKLAND, 1996). Em certo sentido, ele lida com um tipo diferente de interdisciplinaridade que envolve as questões aparentemente relacionadas às disciplinas a partir dos empréstimos que tenham ocorrido. Por outro lado, há áreas que parecem fazer parte da composição genética da Ciência da Informação como, por exemplo, a bibliografia, a documentação, a informação científica e a recuperação de informação.

Compreender as atribuições históricas de um campo de estudo, no caso a CI, demanda analisar suas origens, seus alicerces fundadores, sua história. Por isso, faz-se necessário iniciar a abordagem da história da Ciência da Informação pelo viés das consolidações dos conceitos da CI, visando indicar algumas marcas da sua identidade.

Tais bases fundamentais da CI são entendidas na literatura científica das mais diversas áreas do conhecimento como o “estudo epistemológico”, ou seja, maneiras de como estudar, analisar e constatar as origens de determinada área.

Constituir um estudo da epistemologia, de modo geral, ou especificamente, para tentar encaixar a discussão em uma disciplina científica específica, não é tarefa fácil. Estudos em epistemologia são considerados pela abrangência interdisciplinar de discussão que permeiam muitos aspectos, quanto a construção do conhecimento, incluindo os aspectos sociológicos e políticos da definição de campos científicos. Esta proximidade com outras áreas do conhecimento e a forma com que a epistemologia se propõe a resolver, assumindo a natureza interdisciplinar da investigação. Ainda sob essa ótica, Saldanha (2011, p.03) afirma que “as ciências são percebidas a partir de um olhar aberto e interdisciplinar – que respeita o específico das disciplinas e valoriza suas fronteiras”.

Conforme os conceitos que historicamente se colocam, destacam-se formas de elucubrar definições e limites para a epistemologia. Uma definição perspicaz e eficiente que mostra a vulnerabilidade de respostas científicas e,

portanto, da sua própria epistemologia, é encontrada no dicionário de filosofia de Marcondes:

(...) podemos defini-la como a disciplina que toma por objeto não mais a ciência verdadeira de que deveríamos estabelecer as condições de possibilidade ou os títulos de legitimidade, mas as ciências em via de se fazerem, em seu processo de gênese, de formação e de estruturação progressiva. (MARCONDES, 1996, p.85)

Para enfatizar o significado da discussão deste trabalho, deve-se dizer que a epistemologia histórica tem sido uma das maneiras de construir um quadro conceitual para a informação científica, porém, temporária.

No entanto, o estudo não termina a sua visão em uma epistemologia histórica, como Bachelard propõe. O filósofo não pode ficar preso a uma doutrina regimentada, é salutar tentar entender a contribuição para a Ciência da Informação a partir da perspectiva de sua constituição histórica, porque "em outras palavras: uma disciplina que leva o conhecimento científico como um objeto de pesquisa deve levar em conta a historicidade do objeto" (Bachelard, 2003. p. 71).

O enredo histórico de construção do conhecimento ainda pode ser encontrado, em ordem cronológica, em relação aos outros dois grandes momentos de discussão científica. Na verdade, fala-se de três resultantes estratégias discursivas, no contexto da modernidade: essencialista (século XVII); fenomenalista (século XVIII) e historicista (século XIX).

A distinção e a justificação da escolha da epistemologia histórica são baseadas na concepção de conhecimento como construção coletiva capaz de modificação. Assim, o conhecimento pode ser localizado e revisto historicamente através de seus sujeitos e contextos, em relações de reciprocidade e interação constante. Em outro ponto adicionado à concepção histórica do conhecimento do papel do sujeito como criador de conhecimento, dando espaço para a formulação de uma epistemologia construtivista.

Vale ressaltar uma pequena ressalva sobre a possível transição de Biblioteconomia, para Documentação e esta para a Ciência da Informação. Na

verdade, não há certeza de que a continuidade linear expressa a relação entre essas disciplinas. No entanto, o pensamento de Paul Otlet, considerado um dos pioneiros da documentação, foi assumido por muitos autores no campo da Ciência da Informação. Além disso, a área de organização da informação, que derivou da Biblioteconomia, continua em estudos na Ciência da Informação.

Pinheiro (2005) descreve um contexto histórico da evolução da Ciência da Informação no que diz respeito aos seus alicerces conceituais. Começa dissertando sobre as origens de documentos, destacando a importância da tecnologia para construir o conceito de documentação, com o propósito de difundir o conhecimento humano ao redor do mundo. Inclui nessa formação o conhecimento técnico, do qual as bibliotecas se valeram para troca as informações e procedimentos entre elas, a fim de criar grandes redes.

O aspecto tecnológico abriu então a "era da informação". No entanto, é interessante notar uma das definições do que é a Ciência da Informação citada neste artigo, sugerindo que a Ciência da Informação é um aspecto do processo de comunicação e o processo de comunicação é um fenômeno social (SHERA, 1971).

A partir dessas questões levantadas por Shera (1969; 1973), pode-se se identificar os seguintes problemas:

- a) a dificuldade de agregar informação - isto é, o crescimento exponencial da informação em diferentes formatos e suportes;
- b) a deterioração da informação - ligada a informações desatualizadas gerada pela necessidade contínua para a conversão de informações em diferentes formatos e suporte tecnológico;
- c) extensões da teoria da informação de Shannon - o problema aqui é a tradução dos conceitos desenvolvidos por sua teoria (que são essencialmente técnicos) para Ciência da Informação;
- d) desenvolvimento de novos modelos - a necessidade de propor novos modelos de pesquisa, principalmente associados, neste caso, a questão da estrutura dos termos de melhorar a

- recuperação da informação;
- e) desenvolvimento de atividades de informação e critérios de desempenho - refere-se a necessidade de medidas de qualidade e utilidade da informação;
 - f) relação entre semiótica e do conteúdo da informação - é fazer avançar o estudo da linguagem em seus aspectos sintáticos e andar em elucidar aspectos de conteúdo com informações a partir da perspectiva da semiótica;
 - g) o problema da relação informação e conhecimento - neste caso, o autor enfoca a visão cognitiva de Brookes e Belkin, especialmente a equação fundamental da Ciência da Informação Brookes;
 - h) informação e processos de mecanismos de cognição e de aprendizagemem uma perspectiva cognitiva partindo da compreensão do cérebro como um processador de informações que está preocupado com a interface homem-máquina em sua possibilidades de representação e simulação.

Vislumbrar a Ciência da Informação como uma ciência essencialmente empírica é, talvez, uma tentativa de tornar concreta ou viável a essência subjetiva e intangível da informação. O esforço para identificar os problemas da informação pode ter sido uma das primeiras tentativas de legitimar e introdução da CI como disciplina científica. Talvez o maior problema com este projeto fosse a ausência de teorias, ou até mesmo de consistentes elaborações conceituais, o que causaria de alguma forma, que mais uma vez, a dificuldade de definir a essência da Ciência da Informação.

Observa-se que a retomada da teoria matemática da informação no seu desenvolvimento e progresso, e, além disso, os autores enfatizam a importância do tema "busca de informações", como a questão fundamental da área. No mesmo espírito, há confirmação de que tecnologia da informação na resolução de problemas com a ciência. Retornando a questão de que a teoria da informação estende o seu argumento para mudar o conceito de sistemas no

contexto da Ciência da Informação. O processo de comunicação e informação dirigida, mas o seu objetivo é, de fato, uma influência matemática da teoria da informação matemática de Shannon.

Por fim, ressalta-se, ainda, o tema da história e epistemologia da ciência da computação, embasado nos conceitos de Buckland (1995). Este trabalho é uma compilação das grandes possibilidades de estudar Ciência da Informação. O texto descreve a teoria, mas a sua organização aos tópicos expande a gama de questões tratadas anteriormente por outros autores, incluindo, por exemplo, o contexto de informação social.

Em todos os textos, o que parece definir e estabelecer a CI é o advento da tecnologia, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, podem-se relatar histórias divergentes, mas sem executar diferentes visões sobre a mesma questão.

Um ponto, talvez o mais controverso, se refere ao fato da Documentação se inserir, enquanto campo de estudo, na Ciência da Informação que, por sua vez, tem suas raízes na Biblioteconomia. Esta ideia estava presente em Paul Otlet, ao elaborar o “Tratado de Documentação” tornando-o, de certo modo, um pioneiro da CI. Dias (2000), por exemplo, acredita que os argumentos em favor de uma distinção entre Biblioteconomia e Ciência da Informação são fracos. Ele também mostra a relação interna entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação nas principais universidades do mundo, onde LIS (*Library and Information Science or Studies*) é uma expressão muitas vezes adotada. Esta consideração de pensar a Ciência, observando sua estrutura epistêmica, partindo da ideia do conceito epistêmico fundador e não da reprodução técnica, justifica a construção da CI pelo viés da concepção filosófica.

Outra possibilidade seria a de considerar a Ciência da Informação como advinda da pós-modernidade, ou a ciência pós-moderna. Neste caso, a ruptura com o passado se tornaria aparente e a Ciência da Informação, se apoiaria em um novo paradigma científico. No entanto, embora não esteja claro o surgimento de uma nova disciplina oriunda do pós-modernismo, os autores que lidam com este problema parecem direcionar suas críticas para as disciplinas

mais estabelecidas, como física e matemática. Outro aspecto é que a nova disciplina, como Ciência da Informação, que ainda está à procura de seus fundamentos, da sua história e da sua finalidade como proposta de pesquisa, parece reduzir a cientificidade da área a uma questão de fácil resolução, o que não é o caso devido à imensa complexidade em que seu objeto de estudo se relaciona com as raízes de identidade científica.

Uma terceira história também poderia ser dita do ponto de vista da ciência como uma Ciência da Informação Social. Essa ideia, embora aparentemente simples, é muito discutida na Ciência da Informação. Shera (1970) elaborou uma grande contribuição para esta área, quando formulou o conceito de epistemologia social e refere-se a este conceito para destacar as bases sociais de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Depois de anos de estudo, Capurro (1992) elabora um conceito sobre o paradigma social para a CI, pontuando a necessidade de encontrar bases cada vez mais sociais.

Esta proposta configura a mudança de direção conceitual, pela qual a informação em sua dimensão social estava presente na vida humana desde a sua organização em sociedades primitivas, em suas formas de se organizarem em busca de um novo ambiente, ou até mesmo pela forma com eles se organizavam para conseguir alimentos.

Para além, Saldanha nos apresenta o conceito de “neodocumentação” como sendo um “discurso coletivo e sólido, distinto e provocador, como aqueles discursos que se estabeleceram ao longo do tempo, em circunstâncias específicas, como ‘Biblioteconomia’, ‘Documentação’ e ‘Ciência da Informação’” (SALDANHA, 2012 p. 100). Este conceito de uma documentação emergente na contemporaneidade, reavivando e congregando teorias adjacentes da CI, é um retorno ao “documento” em sua essência teórico-epistemológica, devido a sua retomada do século XIX para a contemporaneidade, por ter sido reavivado a sua importância em diversas áreas, que não só a CI, impulsionada, sobretudo, por novas perspectivas de se observar o documento devido ao avanço tecnológico no âmbito da computação.

Saldanha destaca:

[...] na crítica “neodocumentalista”, dentre outros aspectos, a discussão em torno da “materialidade” dos registros dos saberes, aberta pela reflexão de Michael Buckland, em 1991. Se pudermos pensar uma “linguagem primitiva” em ação na corrente “neodocumentalista”, podemos atentar fundamentalmente para uma conceituação de “documento” que comporta a noção de materialidade, mas sob uma nova expressão, que reconhece e ultrapassa a reflexão de Paul Otlet (1934) e Suzanne Briet (1951). É preciso lembrar que a “neodocumentação” acontece, enquanto discurso crítico, no bojo da aplicação da web. Deste modo, ela pressupõe as manifestações do contexto digital e de um mundo que será entrecruzado pelas redes sociais e demais mutações contemporâneas. (SALDANHA, 2012 p. 98-99)

Ora, essa nova forma de observar documentação, como uma unificadorade conceitos para a CI, traz a tona teorias filosóficas que se entrelaçam em uma forma de apresentar um novo universo de pesquisa, dando, ainda, mais subsídios para alimentar a ideia de que a CI está em constante transformação. Esta transformação, que não parte dos seus fins (produtos), mas sim, da sua base (epistemologia), reforçando mais ainda o escopo de estudo dessa pesquisa, fazendo da Filosofia da Informação uma teoria viável para repensar e construir a CI com seu discurso próprio e fundamentado.

Como já mencionado anteriormente, as ciências tidas como seculares e de uma linha histórica bem definida, com início, meio e atualidade, tem uma base filosófica bem estruturada e questões bem resolvidas quanto a seu objeto de estudo, preocupando-se “apenas” como esse seu objeto (bem definido) irá se modificar ao longo do tempo.

3 CONCEITUANDO A FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO

Luciano Floridi, em 2002, tentou abarcar uma grande gama de conceitos no cerne da pesquisa filosófica sobre informação, com cinco áreas: “definição da informação, a semântica da informação, inteligência/cognição, informativo universo/natureza e valores/ética”. (FLORIDI, 2001. p. 23 tradução nossa.) A tarefa de avaliação em um capítulo sobre os progressos alcançados em mais de uma década parece esmagadora. No entanto, realizar uma tentativa de reexaminar os problemas e ver o que as perguntas listadas é um tarefa que exerce um grande esforço de interpretação e contemplação dos conteúdos.

Mesmo se incipiente esta revisão pode servir como uma contribuição para o esforço de compreender o presente estado da arte e os caminhos de desenvolvimento. Muitas ideias novas serão encontradas e respostas sugeridas para os problemas surgidos no decorrer do desenvolvimento da Filosofia da Informação. A fim de elucidar os resultados do progresso alcançado, pretende-se apresentar diferentes e às vezes opostos pontos de vista, na esperança de lançar mais luz sobre vários aspectos do desenvolvimento e nas perspectivas futuras.

Em seu emblemático artigo “Open Problems in the Philosophy of Information” baseado na palestra de Herbert Simon professor em Computação e Filosofia da Universidade Carnegie Mellon, em 2004, Luciano Floridi enumera cinco das áreas mais interessantes com dezoito questões fundamentais para o campo emergente nomeado de *Filosofia da Informação*. A sua pesquisa inclui muitos temas já existentes para os quais os pesquisadores vêm contribuindo, mesmo antes de 2004, mas há também a inserção de novos problemas filosóficos em um novo contexto, com o objetivo de organizá-los em um sistema coerente.

Neste sentido, pode-se apresentar que:

A Filosofia da Informação é a nova empreitada filosófica da pós-modernidade. No contexto da realidade de informações, um conjunto de problemas filosóficos clássicos, como os princípios, as origens e estruturas de conhecimento, a natureza da existência, os problemas

da mente, as estruturas lógicas da linguagem e do sentido, os princípios de raciocínio lógico e pensamento crítico, as teorias da verdade, e questões éticas (por exemplo, Floridi 2002, 2004a, 2004b) contribuem para a visão da Ciência da Informação também é relativamente nova no campo científico. A CI desenvolve-se em direções diferentes e, portanto, analisa diferentes aspectos da realidade de informação, tais como - para citar apenas alguns dos aspectos relevantes - a recuperação da informação, sistemas de informação, organização do conhecimento, gestão da informação/conhecimento, o comportamento da informação, estudos métricos, inteligência artificial, entre outros. (TOMIC, 2010. p. 9. Tradução nossa)

“A Ciência da informação não é uma disciplina com limites claros que, de forma unificada, descrevem suas questões de investigação, teorias e métodos” (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995 p. 47). É, antes, um campo complexo e dinâmico que aborda muitos problemas de pesquisa diferentes baseadas em uma variedade de teorias e metodologias. Isso resulta em uma pluralidade de “subdomínios” teóricos e metodológicos da Ciência da Informação.

Tais questões parecem ser de difícil conceituação e definição, no entanto, no cerne da Filosofia da Informação perguntar sobre “O que é X” (ti esti), presente na obra “A Metafísica” de Platão, remonta e leva a outra pergunta com cunho filosófico de extrema densidade: “o que é informação?” Esta pergunta denota o conceito *informação* como vago e ainda como uma parte importante dos estudos da linguística moderna, da Comunicação, da Filosofia entre tantas outras áreas dos saberes. Vive-se na “era da informação”, ler-se “informação” nos jornais, pode-se reunir “informação” sobre, por exemplo, a evolução e expansão do vírus do Ebola, e se pode falar sobre a quantidade de “informação” que podem ser entregues através de uma conexão sem fio. No entanto, como vários filósofos apontaram, dificilmente pode-se dizer precisamente o que significa o termo. Tendo em conta que também é utilizado de forma diferente em diferentes campos de estudo (biologia, comunicação, ciência da computação, economia, matemática, entre outros), é uma das características da Filosofia da Informação realizar esta tarefa de esclarecimento, se o termo “informação” é para ser informativo em tudo. Então, em primeiro lugar, esta área de pesquisa

examina o termo em sua multiplicidade de significados e esclarece seus diversos usos.

Colocando desta forma, o leitor pode ficar com a impressão de que a "Filosofia da Informação" é meramente filosofia em matéria de informação e uma tentativa de determinar o que é no mesmo sentido que a filosofia da ciência é a filosofia sobre a ciência e o que ela é, mas tal interpretação seria enganosa. Tendo em conta que a "informação" é um conceito fundamental de uma forma que a "ciência" não é, alguns têm tentado reformar o empreendimento filosófico, situada em informações na vanguarda da investigação filosófica, tornando a Filosofia da Informação uma nova *philosophia* que prima para tomar o lugar da metafísica fundamental anterior, embora com variações de compromissos ontológicos.

Dicas desta manobra estão presentes em Floridi (2011 p.12), que aponta para uma crise no coração da filosofia contemporânea em decorrência de um

[...] olhar para a informação como a mais fundamental das categorias tradicionais de conhecimento e existência. Outros, como Capurro e Hjørland (2007), por exemplo, empregam a noção de informação biológica, matemática e filosófica simultaneamente, apontando questões relacionadas com a mente a partir de um substrato físico e, inclusive, da consciência. Outros autores ainda optam pelo longo alcance informativo de transformação histórica e cultural, como Piaget (1971) em seu processo de concepção do construtivismo, tendo a informação como parte integrante de um processo cultural e biológico. (Tradução nossa)

A Teoria matemática de Shannon é usada ainda hoje na construção de uma "teoria da informação", como uma técnica de um ramo de estudo que lida com medidas quantitativas de informações. O termo "informação teórica" é usado para designar as análises que se seguem a partir deste paradigma. Dois indicadores, em particular, são vulgarmente utilizados na literatura. Um é a medida de quantidade de informação que pode ser armazenada num sistema de símbolo e o outro uma medida da incerteza de uma parte de informação.

O primeiro indício da teoria Matemática de Claude Shannon (1948) versa sobre o dígito binário, ou bit, que pode armazenar dois pedaços de informação,

uma vez que pode representar dois estados diferentes. Dois bits podem armazenar quatro estados: 00, 01, 10 e 11. Três bits pode armazenar oito estados, quatro de dezesseis e assim por diante. Isto pode ser generalizado pelo \log_2 fórmula (x), onde x representa o número de símbolos possíveis no sistema. \log_2 , por exemplo, igual a 3, o que indica que três bits binários de informação são necessários para codificar 8 estados de informação (SHANNON, 1948).

O segundo ponto trata sobre a "entropia", sendo ela, a medida da incerteza em termos de imprevisibilidade de um pedaço de informação. A informação que é altamente provável (portanto, mais previsível) tem uma entropia menor de valor informacionais distribuídos e, portanto, nos diz menos sobre o mundo. Um exemplo que aparece regularmente na literatura é a de um sorteio. O lançamento de uma moeda honesta que pode desembarcar cara ou coroa com igual probabilidade tem um resultado menos previsível, maior entropia e, portanto, uma maior capacidade de diminuir a ignorância sobre um futuro estado de coisas. Uma moeda ponderada, por outro lado, tem um resultado muito previsível, menor entropia e, portanto, é incapaz de nos dizer qualquer coisa que ainda não sabe.

Em 1948, Shannon, destacou o fato de que, em vista, a semântica, nada tinha a ver com as concepções de matemática da informação. Essa observação nos leva ao segundo tipo de informação mencionado na taxonomia acima, informação ou informação "sobre" alguma coisa semântica. Informação semântica diz respeito significado, ou "conteúdo", informações e, assim, pelo contrário, deixa claro que a concepção matemática da informação lida principalmente com quantidades de dados. Informação semântica é, por sua vez, definida e analisada de forma diferente por pessoas diferentes e é repleta de dificuldades filosóficas.

Shannon (1948) lança uma abordagem probabilística que capitaliza sobre a noção de incerteza de uma informação em um determinado espaço de probabilidade. Identifica como o princípio relação inversa, esta posição está intimamente ligada à noção de entropia de informação, embora aplicada aqui para a quantificação do conteúdo semântico e, assim, demonstra uma relação

mais estreita entre a informação semântica e a quantificação matemática de dados do que anteriormente imaginado por Shannon.

O princípio da relação inversa diz que o ato de informar, fragmenta a compreensão e dificulta a comunicação. Assim, dentro do domínio do conhecimento geral dos animais, por exemplo, na frase "um animal de quatro patas que rosna", a gama de o termo "animal" é maior do que a de "quatro patas", e, portanto, é menos informativo. O termo "*rosnam*" é menos provável de ocorrer e é assim a mais informativa.

Esta abordagem probabilística de informação semântica é bem diferente do novo pensamento trazido por Floridi, segundo o qual a informação semântica é definida como "bem-formados, significativos e verdadeiros dados" (FLORIDI, 2011 p. 31). Uma vez que esta definição é mantida ao longo da teoria floridiana. A Filosofia da Informação, como parte integrante de um complexo estudo filosófico, traz uma revisão da metafísica e da epistemologia a ser apresentado em um contexto mais denso da Informação.

Anos após Shannon apresentar a sua esquematização para um teoria matemática da informação, Luciano Floridi fez o mesmo para a Filosofia da Informação. Em 2002, na Universidade Carnegie Mellon, ele enumerou dezoito problemas que estavam na necessidade de solução, definindo assim, a agenda para o desenvolvimento futuro nesta área de pesquisa. As perguntas passaram a ser registradas e discutidas em Floridi (2011) e serão apresentadas em seguida:

- a) O que é informação?
- b) Quais são as dinâmicas de informação?
- c) É possível existir uma grande teoria unificada para os diversos contextos de informações possíveis?
- d) Como os dados podem adquirir o seu significado?
- e) Como os dados podem adquirir o seu valor de verdade?
- f) Informação pode explicar a verdade?
- g) Informação pode explicar o que significa?
- h) Pelos aparatos cognitivos, têm-se satisfatoriamente uma análise dos

processamentos de informações em algum nível de abstração?

- i) A inteligência natural (no âmbito Racionalista e Empirista) pode satisfatoriamente analisar o processamento de informações em algum nível de abstração?
- j) Analisar a informação sob a perspectiva das ciências naturais acarreta em uma compreensão satisfatória?
- k) Pode uma abordagem informativa resolver o problema mente-corpo?
- l) Como a informação pode ser avaliada? Se a informação não pode ser transcendida?
- m) Poderia epistemologia ser baseada em uma teoria de informação?
- n) A ciência é redutível a modelagem de informações?
- o) Qual é o status ontológico da informação?
- p) A informação pode ser um fruto natural do meio?
- q) Pode ser a informação a natureza da ciência?
- r) A ética computacional tem um fundamento filosófico informacional?

Embora essas perguntas forneçam um contexto mais embasado para a discussão contemporânea na Filosofia da Informação, o consenso general sobre respostas a qualquer uma delas ainda não foi alcançado, tornando o campo maduro para futuras pesquisas. Além disso, como o campo se desenvolve, perguntas adicionais podem ser adicionadas à lista, podendo tornar outras indagações irrelevantes.

Um dos eventos mais significativos para a FI foi a publicação do livro: *Philosophy of Information, Handbook of the Philosophy of Science*. O capítulo do livro, intitulado “Filosofia da Informação: Conceitos e História”, inclui ensaios sobre Epistemologia e a Informação, Informação em Língua Natural (Kamp e Stokhof), Tendências em Filosofia da Informação (Floridi) e Aprendizagem e da Cooperativa Computacional Universo (Gibbons, 1994). De que parte se pode ganhar a introspecção em várias facetas do conceito, fornecendo provas de que atualmente os conceitos de informação apresentam um corpo complexo de conhecimentos que acomoda diferentes pontos de vista de informação através

de campos da ciência natural, social e computacional. Ou, como Floridi (2004) formula, "A informação é um conceito tão poderoso e indescritível que pode ser associado a várias explicações, dependendo das necessidades e intenções" (tradução nossa).

Ao mesmo tempo, Capurro e Hjørland (2007) analisam o termo "informação" como um conceito interdisciplinar por natureza. Os autores apontam as contribuições mais significativas para a teoria da informação ao longo do último século, tendo como base os conceitos trazidos pelos Físicos, Biólogos, Filósofos, Cientistas da Computação e da Informação.

O conceito de informação tal como aparece em diferentes domínios é fluido, e muda a sua natureza de acordo como ela é usada para fins especiais em vários cenários teóricos e práticos. Como resultado, uma complexa rede de conceitos inter-relacionados tem se desenvolvido, de acordo com seus usos em diferentes contextos. Na filosofia da linguagem de Wittgenstein, esta situação é descrita como semelhança familiar, aplicado à condição em que alguns conceitos dentro de um conceito, enquanto outros conceitos partilham outros. "A visão sintetizada pelas Investigações Filosóficas de Wittgenstein é que o significado, gramática e regras sintáticas emergir das práticas coletivas através da sua sede, em mudança, o uso significativo da linguagem de comunidades de usuários" (Gooding, 2005). A informação pode ser entendida como a gama de possibilidades (os opostos de incerteza); como correlação (e, assim, a estrutura), e a informação podem ser visualizadas como um código, como no DNA, de acordo com Capurro e Hjørland (2003). Além disso, a informação pode ser vista como dinâmica ao invés de estática, que pode ser considerado como algo que é transmitido e recebido, podendo ser encarado como algo que é processado, ou pode ser concebido como algo que é produzido e/ou construído. Pode ser vista, também, como coisa, como propriedade ou como relação. Analisada a partir da perspectiva de teorias formais ou a partir da perspectiva de teorias informais. Podendo ser sintática, como fenómeno semântica ou como pragmática, e manifestando-se através de cada região do mundo natural e social.

Neste contexto, é importante salientar o decisivo marco teórico implementado pelos Fundamentos da Ciência da Informação como disciplina na CI, ressaltando os interesses para o olhar crítico em busca da episteme da área. Nesse ponto, Marijuan (2002) ressalta que a partir de seu início, na década de 90 a Ciência da Informação apresenta uma tentativa de resgatar o conceito de informação para fora de suas controvérsias clássicas e usá-lo como um centro ferramenta científica, de modo a servir como uma base para um novo, com “disciplinas fundamentais do desenvolvimento informacional” (SALDANHA, 2012. p. 3).

Contudo, abordar o tema e o termo informação em uma linha contínua abarcada pelas narrativas inerentes ao processo histórico, que, naturalmente, tendem à imparcialidade natural no processo de representação do fato ocorrido, deixa evidente a complexidade não só por, unicamente, conceitua-la, mas sim, por não ter, talvez, os subsídios certos para buscar suas raízes *fundamentológicas*. Atina-se para isso em decorrência de uma literatura apresentada no contexto científico, que teve por longos anos suas atenções voltadas para a informação em seu contexto de aplicabilidade e não em seu contexto epistemológico, ou seja, seu contexto de fundamentação.

E é nesse ponto que vale a pena ter uma atenção mais aguçada. A área enfrenta problemas naturais por se dispor a tratar de uma “coisa”, “processo” e “conhecimento” (BUCKLAND, 1991) que não pertence majoritariamente a CI, dado que, a informação é objeto de estudo de diversas áreas, como a Comunicação, a Computação entre tantas outras. O que não acontece com a Física, por exemplo, que tem seu escopo muito mais concentrado. Embora haja uma tendência mundial para a interação entre as áreas do conhecimento, o fato não implica que, necessariamente, uma área irá se dispor a analisar o que é geral ou o que é estudado e vem evoluindo a anos a fio por uma área b ou c. Desta forma, o maior problema é não ter um estudo filosófico enquanto base de estruturação, que também engloba a epistemologia, andando lado a lado com a construção de uma determinada área, no caso, a CI.

O termo “informação” tem uma raiz latina explícita, “*informatio, onis*,”

(delinear, conceber ideia) e por isso não poderia ter sido usado por Platão na Grécia antiga. Além disso, não existe um equivalente grego preciso para o nosso uso moderno. Mas não seria inteiramente anacrônica a ideia de considerá-lo o primeiro filósofo da informação. O suporte para a afirmação é visível em todo o corpus platônico. Alguns exemplos serão suficientes como prova, tais como: 1) preocupação com o sentido (ou seja, pouco informativa) termos usados no início dos diálogos (por exemplo, o Lisis, Laques, Mênon), 2) a preocupação com a desordem informações resultantes do sofisma e falsa retórica em diálogos como Górgias e Protágoras; 3) preocupações miméticas sobre a relação entre a fala e a escrita no Fedro, 4) preocupações semióticas e miméticas sobre sinais e seus referentes toda a obra “*A República*”, particularmente Livro X, e vários outros diálogos; 5) preocupações sobre como as palavras adquirem o seu significado, uma variante antiga do moderno problema símbolo de aterramento, no Crátilo; 6) o método de recolha e divisão baseada na identificação de similaridade e diferença.

Preocupações informativas é tão presente em Platão, na verdade, que uma reinterpretação em grande escala de seu pensamento explicitamente ao longo das linhas de uma Filosofia da Informação iria produzir resultados interessantes e frutíferos.

Outros filósofos canônicos podem ser considerados “filósofos da informação” elaborando o conceito de forma mais abrangente. Nesta capacidade, Leibniz e Kant se destacam como exemplos. Cada uma das mônadas de Leibniz percebe o todo, mas a partir de sua própria perspectiva, e uma vez que as mônadas são individualizadas com base em diferenças no que eles percebem, eles podem ser concebidos como agentes baseados em informação. Mais ao ponto, a noção de prova e os seus pontos de vista sobre a computação em acordo com a sua imagem metafísica do cosmos organizados de forma estruturalmente compreensível, utilizando medidas de identidade e diferença. Seu trabalho sobre a lógica, o cálculo diferencial e sua aplicação deixa isso claro que Leibniz também é um importante precursor da teoria da informação (LEIBNIZ, 1983; 1988)

Pode-se mencionar, também, o filósofo Immanuel Kant como tendo relações que se enquadram na categoria de “filósofos da informação”, não só em virtude de ser o primeiro a apresentar um modelo de processamento de informações da mente em sua obra *Crítica da Razão Pura* (2005), mas também porque este ponto de vista implica a construção de um mundo cognoscível, no qual entram em jogo as categorias (ou regras) que se usa para organizá-la e os juízos lógicos que têm influência direta na construção do entendimento das premissas. O "mundo fenomenal", de Kant, em outras palavras, consiste em objetos exteriores ao “*eu* na medida em que são conhecidos a partir do fato em que eles são ordenados e organizados para serem compreensíveis (*informativo*) de antemão.” Assim, entendendo-o como informativo, o paradigma kantiano em epistemologia, aplica regras para estruturar os dados de entrada, de tal forma que para se chegar a uma dada saída do mundo da experiência cognoscível (embora não necessariamente conhecida) por ciência (KANT, 2005).

A questão fundamental dos filósofos de todos os tempos sempre foi entender as relações do sujeito com o mundo. Alguns cortes na teoria do conhecimento são fundamentais e remetem há pensadores em quem obrigatoriamente terá que se deter, como: Platão, Aristóteles, Kant, Hegel e Marx. Não é viável desviar-se de tais autores, devido as suas respectivas representatividades e reconhecimento pelas obras estabelecidas e por suas contribuições à teoria do conhecimento, enfatizadas ao longo do tempo.

Hegel (1992), no entanto, argumentou que a “grandeza” do homem em relação ao mundo, como sendo um observador crítico, não representa uma atividade individual somente, mas representa a síntese do “Espírito do Povo” da época em que viveu. Época essa sempre condicionada pela forma de organização do Trabalho Social (como bem teorizou Marx).

O primado do espírito no idealismo é a ponto pacífico já presente em Descartes e, posteriormente, em Kant em sua revolução copernicana. No fundo, o idealismo em qualquer de suas nuances privilegia o sujeito na construção do mundo: será o *Cogito* cartesiano que em Kant (2005) se traduz no *Eu* transcendental e que em Hegel se traduz no Espírito Absoluto.

Há que se observar, portanto, que não se deve reduzir a questão dos pontos de partida entre o idealismo e o materialismo como sendo o primeiro irreal e absolutamente subjetivo e o segundo real e absolutamente objetivo. Nem o *Eu* transcendental de Kant é tão subjetivo assim, visto que é formal e nem o espírito Absoluto de Hegel é somente subjetivo, visto que, ele se objetiva nas instituições Sociais.

Atina-se, portanto, para o começo de tudo isso: “A Metafísica Clássica platônico-aristotélica”, pois é contra ela que virá o primeiro corte epistemológico elaborado por Kant. Pode-se afirmar que a partir de Kant a metafísica clássica sofre um abalo geral. Surge com Kant a compreensão de que o conhecimento é relação e não contemplação. O autor coloca em bases novas a questão cognitiva que até então estava separada radicalmente entre empiristas e racionalistas, inserindo-se no seio dessas duas correntes para fazer-lhes a síntese.

O empirismo e o racionalismo são correntes que formalmente se sistematizaram a partir dos séculos XVI, XVII e XVIII, porém, contudo, ambas as posições estavam impregnadas no pensar clássico porque quer a ênfase fosse o intelecto (todo o nosso conhecimento procede do intelecto) quer na experiência, ambas pressupunham uma ordem na natureza, ordem essa que era justamente a pedra do toque da metafísica platônico-aristotélica.

Já Parmênides na filosofia grega, foi um dos filósofos mais expressivos do período pré-platônico. Parmênides já lançava um debate fecundo que iria perpassar o pensamento filosófico até Hegel no século XIX: são os mesmos o ser e o pensar? O ser é aquilo que se pensa dele. Tudo depende de como se considera o ser.

Para os gregos e toda a escolástica medieval o mundo sensível na sua aparência multiforme, colorido e variado, esse mundo mesmo onde se vive é movimentado demais para ser objeto de conhecimento rigoroso, sólido, científico. A verdade requer universalidade e realidade sensível, sendo contingente e particular, não pode encerrar em *sí* mesma nenhuma verdade. A tese de Parmênides, retomada por Platão, é que somente o mundo inteligível,

imaterial é verdadeiro e objetivo, porque o eterno é imutável. O mundo sensível não passa de uma reprodução imperfeita do mundo das ideias.

Aristóteles critica essa ideia da duplicidade platônica negando a necessidade de dois mundos e colocando em debate, nos próprios objetos do mundo toda a verdade objetiva. Mas Aristóteles não conseguiu fugir a perfeição das ideias (daí dizer-se que ele é platônico) porque as coisas só podem ser conhecidas pelo seu conceito, pela sua definição. Se for verdade que só se conhece o contingente, o particular. E o particular por sua vez só se explicita no universal (essa tese da mediação do particular com o universal também constitui um ganho da humanidade para sempre, mas em Hegel e Marx ela estará colocada em bases novas).

A questão toda então se volta à pergunta clássica dos filósofos de todos os tempos, a questão ontológica: o que é o ser, o que é o mundo? Diz-se que Parmênides é um dos inspiradores da metafísica clássica por ter sido quem formulou o princípio de identidade, ou seja, o ser é idêntico a si mesmo. Portanto, o ser é aquilo que ele é e o *não-ser* não existe, pois seria absurdo aceitar que alguma coisa seria aquilo que ela não é. Platão vai dizer que o ser da coisa está na ideia perfeita da coisa em si. Ou seja, o ser da coisa está nela mesma, na sua substância cuja essência pode ser conhecida pelas suas causas, a causa formal, causa material, a causa eficiente e a causa final (PLATÃO, 1997). De todas as causas, pode-se considerar a causa formal como a que se sobrepõe às outras causas, pois é ela que informa o ser das coisas dizendo-lhes sobre aquilo pelo que as coisas são e o que não são, aquilo que faz com que a coisa seja o que ele é, isto é, a própria essência da coisa. Fazer ciência nessa concepção é buscar o conhecimento dessas quatro causas.

Desta forma, sintetiza-se que conhecer é conhecer o que a coisa é, o pressuposto é um mundo ordenado cheio de coisa inteligível em si mesmas. Essa é, alias a concepção de mundo para os gregos: o mundo é um cosmos ordenado, inteligível por si onde os homens e os deuses se submetem à superioridade do destino cujo princípio ordenador é imanente ao mundo, toda a inteligibilidade está no interior do mundo, o homem está como que grudado ao

mundo, ao presente, participando junto com os deuses do destino fatalista.

O mundo que parte das coisas postas como estão, trazem a reflexão, talvez, do conceito mais inicial de Informação, ou seja, perguntar-se sobre o que está posto em relação ao o *Eu* Kantiano como um observador do contexto ao redor é, sobretudo, refletir sobre a epistemologia do que venha a ser a informação.

Destarte, se como propõe a Hermenêutica de Capurro (2007), que a interpretação rege um novo paradigma para a Informação, estaria este condicionado, inicialmente, a interpretação do mundo ao redor. O Ser no mundo seria, talvez, a base fundamental para o pensamento Filosófico da informação, tendo o sujeito como o ponto inicial para a análise filosófica da informação.

O fato de trazer a reflexão filosófica da informação para o *Eu*, desmonta a ideia de que para se analisar a informação será preciso analisar o seu produto para se ter uma filosofia, sendo esta a reflexão que parte do processo de percepção até a sua concretização enquanto transmissão ou documento.

Nesse contexto, Saldanha nos traz a noção de que

A avaliação dos limites deste pensamento cognitivo dentro da epistemologia da CI fará Capurro (1992) discutir outro paradigma em sua cartografia – além daqueles três que o autor considerava, ali, como os principais da área –, o “paradigma hermenêutico”, vinculado à Retórica aristotélica, baseado em uma perspectiva pragmática – a hermenêutica, nos fala o epistemólogo, provê a dimensão pragmática da existência humana no sentido de que vivemos primeiramente dentro de um contexto específico. (SALDANHA, 2012 p. 262)

No entanto, figuras históricas à parte, a Filosofia da Informação, assim chamada, é uma área de estudo recente. Barreto (2002), com o seu texto intitulado “*A Condição da Informação*”, no qual reexamina os parâmetros epistemológicos da questão da informação, tendo como aspecto relevante, também, a teoria matemática da informação discutida acima, tem o objetivo de produzir uma teoria semântica da informação e os vestígios de um campo de desenvolvimento claros. Todavia, Luciano Floridi também despreendeu grandes esforços para uma extensa revisão sobre a semântica da Informação no contexto, sobretudo, começando com uma série de artigos a partir de 1995 e

culminando em 2011 com o texto intitulado "*The Philosophy of information*", publicado pela Universidade de Oxford. Neste texto, são trazidos vários problemas filosóficos pendentes no que tange aos conceitos das ciências computacionais a fim de colocá-las em um novo uso.

O texto publicado pela Universidade Inglesa ressalta, entre outras questões, como pano de fundo a "Quarta Revolução", um termo que Floridi emprega para descrever a atual era da informação, uma era em que a compreensão do "Eu" e do "Mundo" é significativamente alterada por mudanças bruscas no contexto informacional devido ao advento das máquinas de calcular de Alan Turing (1912-1954) em diante (FLORIDI, 2011). Por outro lado, as três primeiras revoluções comentadas por Floridi (1995–2001) são a de Copérnico, Darwin e Freud. Com a revolução copernicana, os seres humanos se viram não mais no centro do universo. Com a revolução darwinista, não mais separada dos animais e, posteriormente, com a freudiana, não mais transparente a si mesmos. À medida que a revolução da informação se desenrola, os seres humanos seguem, mais uma vez, redefinindo sua identidade pessoal e do seu mundo à luz de uma rede interligada de informações. Sem grandes visões pessimistas de um colapso cibernético, que Floridi evita explicitamente, ele observa que se esta "no meio de mudanças históricas e culturais monumentais que revitalizam filosofia com um novo vocabulário, novas metodologias e um novo conjunto de problemas urgentes que a disciplina deve abordar" (FLORIDI, 2002 p. 23. Tradução nossa).

Sem compromissos ontológicos significativos, alegando que suas teorias são mínimas ou neutras ao escopo de pesquisas voltadas à área da Ontologia, a teoria se desenrola, transformando o "método de níveis de abstração" da ciência da computação em um método epistemológico para criar uma nova filosofia transcendental no estilo de Kant, embora sem qualquer arquitetura conceitual kantiana. O resultado é um realismo informacional estrutural, aonde o realismo estrutural, tomado amplamente, postula que "as propriedades estruturais da realidade são cognoscíveis em si mesmos e, portanto, possíveis de obter direito" (Floridi, 2011). Ele resume seus resultados assim:

Uma consequência importante do realismo estrutural informacional é que, tanto quanto podemos dizer, a natureza última da realidade humana é informacional, ou seja, ela é constituída por objetos estruturados que não são nem substancial e nem material, mas é informativa independente da mente e da compressão cognitiva. (FLORIDI, 2011. p. 27 tradução nossa)

Diante de uma leitura mais atenta às obras de Immanuel Kant, sobretudo nas obras “Crítica da razão pura (1998)”; Crítica da Razão prática (2006); e “A Metafísica da Moral (2005)”, por exemplo, evidencia-se a proximidade com a natureza transcendental do projeto de Floridi.

A Filosofia da Informação vem apresentando concretamente preocupações epistemológicas decorrentes das investigações realizadas em lógica, inteligência artificial, filosofia da ciência e filosofia contemporânea da mente no contexto da revolução do computador. Também importante neste contexto foi o aparecimento de "teoria do meio", apresentada por Capurro (2003) e, popularizada pela expressão, "o meio é a mensagem", tendo em mente a relação da informação no contexto cultural, sócio-político e preocupações éticas em relação à informação e seu fluxo foram colocados em debates na filosofia também. No entanto, como acontece com a maioria das áreas da disciplina, as questões epistemológicas e éticas recaem sobre a metafísica, não sendo a Filosofia da Informação uma exceção.

Outro conceito pertinente ao contexto da Filosofia da Informação é a “ética da Informação”, mas, similarmente a Filosofia da Informação, seu nome pode facilmente levar a mal-entendidos. Esta possibilidade não é corroborada pelo fato da ética da informação ter sua análise emparelhada com outro termo muito utilizado e próximo, a ética de computador. Ética de computador, como ética médica, é um ramo da filosofia que diz respeito a computadores e seu uso, da mesma forma que a ética médica abordou questões biomédicas, tais como aborto, eutanásia, atendimento aos idosos, entre outros. Da mesma maneira, a ética de computador lida com questões como a privacidade online, se o software proprietário deve ser permitido ou se deve ser de código aberto, por exemplo. Por analogia, a ética da informação é muitas vezes considerada como sendo um

ramo aplicado de estudo sobre a informação e seu uso. Não há sentido fraco em que esse entendimento está correto, mas é apenas a parte aplicada de uma história mais fundamental.

O rápido aumento na quantidade de dados disponíveis e no aumento da velocidade de sua transmissão está criando rapidamente uma arena social em que as teorias éticas convencionais simplesmente não se encaixam. Em sua pesquisa, Floridi (2010b) recomenda uma revisão da teoria ética própria, necessária para resolver os problemas que não podem ser adequadamente tratados de outra forma. Seu ponto de vista, que é a visão predominante na ética da informação retiradas de uma perspectiva macro, pode ser caracterizada como um “ambientalismo ecoinformational” em que os objetos de informação, agentes e consumidores são as entidades fundamentais e em que os pacientes informativos são o alvo principal. Ele define a ética da informação como uma análise centrada no usuário e na sua relação com a disseminação da informação, dando a ética da informação um caráter especial devido a sua efemeridade. A partir desta perspectiva, a ética da informação é mais como uma ética ambiental moldada a outros tipos de ética.

O intuito deste capítulo foi trazer um apanhado sobre a obra floridiana no cerne da Filosofia da Informação e evidenciar, também, que tais conceitos apresentados pelo filósofo italiano têm alicerces bem fundamentados na literatura da filosofia de autores consagrados.

Espera-se, assim, ter-se conseguido criar um conciso arcabouço teórico no âmbito da Filosofia da Informação, tendo em vista que o ambiente literário da filosofia é imensamente denso e extenso. Porém, nas obras que se teve acesso, despreendeu-se exaustivo esforço para interpreta-las de forma cuidadosa, atinando sempre à densidade dos conceitos, esperando assim, conseguir apresentar uma teoria consistente.

Há de se levar em consideração, também, que a tradução das obras às quais se teve acesso de autores consagrados como Platão, Aristóteles, Kant, Hegel, Leibniz, Luciano Floridi entre outros, pode acarretar em uma perda de conceitos, já que as traduções nem sempre conseguem expressar o real

pensamento do autor. Todavia, espera-se ter feito o melhor uso interpretativo das obras para elucidar as questões pertinentes à pesquisa.

Ao tratar de uma área do conhecimento tão complexa como a Filosofia, resulta, certamente, em uma densa e laboriosa atividade de reflexão, visto que, não é tarefa fácil sintetizar, de forma clara, objetiva e rigorosa, os pensamentos de autores que remontam e constroem a Filosofia como campo científico e com todas as suas complexidades. Porém, para o presente estudo e fundamentação do quadro teórico desta pesquisa, se centrará em análises, majoritariamente, nos conceitos e teorias expostas pelo filósofo italiano Luciano Floridi, sem deixar de lado, alguns filósofos que fazem parte fundamental para essa pesquisa, devido as suas contribuições e relações com o tema, entre eles, Platão, Kant e Hegel.

Todavia, configurar um estudo baseado em autores da Filosofia que elaboram ideias, métodos e conceitos que são retomados e enriquecidos ao longo das obras, dará certamente uma margem para contestações e possíveis análises de ordem divergente da que se adota nesta pesquisa. Talvez uma tentativa de ordenação, de sistematização de pensamentos tão densos e complexos, corra o risco de deixar de lado ou desconsiderar elementos importantes para a estruturação do conjunto da obra. Mesmo assim, se faz necessário assumir os riscos e eleger o movimento de um conceito fundamental – A Filosofia da Informação – como um guia que ajudaria a explorar o solo em que caminha a pesquisa floridiana apoiada em autores tidos como clássicos.

Para tanto, compreende-se que este quadro de referência para o estudo, será montado a partir de uma contextualização na história da Ciência da Informação e como caminha a Filosofia da Informação no âmbito da Ciência da Informação.

4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Há quatro preocupações sobre a trajetória metodológica adotadas neste trabalho, são elas: o método, o corpus, os instrumentos de pesquisa e os procedimentos. Sobre o método, preocupou-se em verificar e propiciar instrumentos para a inserção, amostragem e recuperação dos termos selecionados para a pesquisa inseridos em uma base de dados, onde pudesse recuperar uma quantidade significativa de artigos atrelados a sua qualidade, ou seja, sendo eles referentes a revistas científicas da CI.

4.1 Plano metodológico para estruturação dos dados

Fundamentada em dados empíricos e marcos teóricos relacionados a um corpus selecionado, esta pesquisa, de caráter exploratório buscou elucidar como os debates propostos por Floridi, no âmbito da Filosofia da Informação, problematizam o campo da Ciência da Informação brasileiro.

O corpus, revelado por meio de uma pesquisa exploratória sobre uma base de dados com o referencial teórico correspondente às obras, especificamente artigos, de periódicos, foi analisado e interpretado, constituindo-se no embasamento do estudo em questão.

Assim, foi possível elucidar questões e reforçar, com um escopo mais amplo (inclusive internacional), os conceitos no âmbito da Filosofia da Informação, no sentido de trazer uma maior consistência para fundamentar a pesquisa. A importância dos conceitos trazidos nesse corpus foi critério para a realização de uma análise fundamentada, proposta do capítulo a seguir. Todavia, é sobre os instrumentos e formas de recuperação dos artigos a serem analisados à luz dos conceitos trazidos no quadro de referência, se desenvolve esta trajetória.

Há alguns anos, sobretudo até os primeiros anos do milênio 2000, para realizar um estudo de natureza bibliográfica, onde é preciso recuperar artigos/livros/textos para endossar a pesquisa, como a realizada neste trabalho, era vital a necessidade de consultar várias bases de dados; não porque

houvesse uma base mais completa que a outra, ou porque não havia bases; o que não existia de fato, era uma base de coleta de itens de periódicos dedicados exclusivamente aos domínios da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Assim, se fazia necessário consultar, por exemplo, o Portal de Periódicos da CAPES para realizar uma busca por área e subáreas de conhecimento; no entanto, uma filtragem visual por parte do pesquisador era necessária para separar as revistas científicas nacionais das estrangeiras, bem como alguns títulos representantes de quaisquer subáreas paralelas. Por conseguinte, com ajuda do Catálogo Coletivo Nacional (CCN), era necessário localizar os sites de revistas on-line ou o endereço das bibliotecas mais próximas onde tinham coleções físicas disponíveis. Através de uma pesquisa nos sites ou catálogos das bibliotecas, utilizando-se de motores de busca, empreendiam busca de artigos com temas relevantes. Dependendo da atualização dos catálogos, poderia ser mais seguro realizar busca nos sumários e resumos das revistas em uma pesquisa direta. Quaisquer artigos de revistas que estavam fora do alcance do pesquisador deve ser adquirido pelo COMUT, ou seja, solicitando o material de outros centros de informacionais.

Claro que a possibilidade acima descrita, corresponde a um caminho com um menor número de possíveis problemas. Várias ocorrências poderiam surgir em meio a esse procedimento. Iniciando pelas próprias possibilidades de uso da Internet, que florescem no Brasil a partir da segunda metade dos anos noventa. Instalações eletrônicas listadas desenvolver plenamente só na última década. As facilidades tecnológicas no ensino da informática obtiveram uma evolução mais satisfatória apenas nos últimos quinze anos. Certamente antes desse avanço, transcorria em um processo demorado.

A perspectiva, na realidade, é bem diferente: uma vez que em 2009 teve início a Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), atendendo assim, a uma importante lacuna para o desenvolvimento de pesquisas e estudos métricos, sobretudo no âmbito bibliográfico, dentro da Ciência da Informação. Em seu texto mais atual, o projeto BRAPCI, consta que

A Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) é o produto de informação do projeto de pesquisa “**Opções metodológicas em pesquisa: a contribuição da área da informação para a produção de saberes no ensino superior**”, cujo objetivo é subsidiar estudos e propostas na área de Ciência da Informação, fundamentando-se em atividades planejadas institucionalmente. Com esse propósito, foram identificados os títulos de periódicos da área de Ciência da Informação (CI) e indexados seus artigos, constituindo-se a base de dados referenciais. Atualmente disponibiliza referências e resumos de **8303 textos** publicados em **37 periódicos** nacionais impressos e eletrônicos da área de CI. Dos periódicos disponíveis **28** estão ativos e **9** históricos (descontinuados). (BRAPCI 2014, web).

E no ano de 2014, a BRAPCI passou a integrar em seu repositório, os artigos produzido no encontro mais expressivo e regulamentado da Ciência da Informação no Brasil o “Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB”, encontro que congrega todos os pesquisadores em Ciência da Informação no Brasil.

Oferecendo buscas por palavras-chave, título, resumo e autor, a BRAPCI permite o acesso a artigos indexados não só as suas referências, palavras-chave e resumos, como também ao link para aqueles que estão online. A extensão de cobertura da base é completa e atualizada, proporcionando segurança na recuperação, garantindo que o resultado abrange toda a produção nacional dos periódicos registrados na CI. Graças a BRAPCI, numerosas etapas que cobrem o procedimento de uma pesquisa bibliográfica na CI, têm sido removidas e, certamente, deu o desenvolvimento de um grande número de estudos.

Eis que assim, deu-se o primeiro passo no processo da pesquisa: a seleção realizada sobre a camada mais externa do espaço discursivo, correspondendo à unidade temática periódica reunida pelo banco de dados. Mais abrangente, porque invólucro da totalidade dos artigos abrigados sob cada título, cada um desses artigos, por sua vez, elencando um conjunto de referências bibliográficas, a mais oculta camada sedimentar. Começa, então, por unidade, este verniz aparente, o que leva a temática característica, até chegar

ao epicentro, as referências, o conjunto de proposições em que a análise deve ser realizada.

A seleção dos artigos iniciou-se na própria base de dados, devido a base não só tornar possível a pesquisa proposta como corresponde à cobertura espacial desejada, reunindo periódicos em CI brasileiros. A seguir, considerou-se o mecanismo de busca da base enquanto instrumento de pesquisa que, através da procura pelas palavras-chave: “Filosofia da Ciência da Informação”, “Filosofia da Informação” e “Luciano Floridi”, todas sendo realizadas com aspas (as aspas permitirem a precisão nos termos pesquisados), permitiram a recuperação da unidade temática expressa pelos artigos pertencentes aos periódicos que os publicaram. Naquele momento, passou-se a considerar a variável temporal, correspondente aos artigos publicados entre o período de 1972 a 2013.

A escolha dos termos para compor o objeto de estudo dessa pesquisa, merece um pouco mais de detalhe para elucidar as escolhas de cada um. Para tanto, segue uma estrutura explicativa de cada termo e sua relevância para a recuperação dos artigos.

- a) **“Filosofia da Informação”** – Termo central do estudo. Termo que abarca uma teoria em construção. Devido a sua relação vital com o tema e proposta desta dissertação, este termo foi inserido a fim de recuperar artigos que compusessem este conceito em seus escritos. Todavia, para o artigo para ser validado como objeto de estudo dessa pesquisa, ele (o artigo) teria que conter, ao menos, “Filosofia da Informação” no título, nas palavras chaves e/ou no resumo, por entender-se que o termo ali exposto, representa um tema central a ser abordado no artigo.
- b) **“Luciano Floridi”** – Autor e mentor do debate em questão, no qual esta pesquisa busca seus alicerces teóricos. Pelo fato de ser reconhecido na literatura de Ciência da Informação brasileira,

como o precursor do debate em Filosofia da Informação, entende-se que todos os artigos que o tivessem como tema central da pesquisa, seriam importantes para o objeto deste estudo. Todavia, para o artigo ser validado como objeto de estudo desta pesquisa, ele (o artigo) teria que conter, ao menos, “Luciano Floridi” no título, nas palavras chaves e/ou no resumo, por ter ciência que o termo ali exposto, representa um tema central a ser abordado no artigo.

- c) **“Filosofia da Ciência da Informação”** – Este conceito surge como uma reordenação crítica da variação da Filosofia da Informação floridiana. É um termo que expressa um conceito trazido pela autora Solange Puntel Mostafá, que faz parte o escopo dos artigos recuperados. Onde ela, a autora, admite a Filosofia da Ciência Informação como sendo uma pesquisa que parte de outra vertente sobre a questão da filosofia informacional. Deste feito, como sendo uma meta-teoria da Filosofia da Informação este descritor terá de vir acompanhado dos outros dois descritores, como se explicará a seguir.

Para fins de proposta desta dissertação, os artigos recuperados teriam que conter, no mínimo, o descritor “Luciano Floridi” e/ou “Filosofia da Informação” no título, nas palavras-chave e/ou no resumo. Por entender-se que este autor representa o foco principal deste estudo e que a Filosofia da Informação é o escopo central a ter seus conceitos analisados, sendo esta Filosofia da Informação referenciada a Floridi ou não.

Entretanto, o descritor “Filosofia da Ciência da Informação” só faz valia a este estudo se vinculado aos descritores “Luciano Floridi” e/ou “Filosofia da Informação”. O descritor “Filosofia da Ciência da Informação” em si, não representa conceitualmente as vertentes deste estudo, por este descritor ter definições que divergem da Filosofia da Informação tratada aqui.

Desta maneira, os artigos que contivessem, apenas, o descritor “Filosofia

da Ciência da Informação” no título, nas palavras-chave e/ou no resumo só seriam recuperados para esta dissertação se viesse acompanhado dos descritores “Filosofia da Informação” ou “Luciano Floridi” ou ambos.

Com os termos e seus critérios definidos, parte-se para a recuperação dos artigos que irão compor a análise. Inseriram-se os termos (com as aspas) mencionados no campo de busca da BRAPCI e, observada a sua pertinência foram incorporados ao corpus, excetuando-se as duplicatas.

Sobre o espaço temporal no qual foram selecionados os artigos, levou-se em consideração todo o período de abrangência da BRAPCI, ou seja, de 1972 a 2013, não inserindo o ano de 2014 pela impossibilidade de continuidade da busca até seu término.

Com este passo a passo, chega-se ao seguinte quadro de artigos, que segue abaixo (em ordem cronológica):

- 1) FRANCELIN, Marivalde Moacir; PELLEGATTI, Caio. Filosofia da informação: reflexos e reflexões. **Transinformação**, v. 16, n. 2, maio/ago, p. 123-132. 2004.
- 2) MATHEUS, Renato Fabiano. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, jul./dez. p. 140-165. 2005.
- 3) ROBREDO, Jaime. Ciência da Informação e Filosofia: Reflexões. **Enancib**. v.8, p. 01-20, 2007.
- 4) MOSTAFA, Solange Puntel. Epistemologia ou filosofia da Ciência da Informação? **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 20, n. 3, set./dez., p. 65-73. 2010.
- 5) FLORIDI, Luciano. Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) como filosofia da informação aplicada: uma reavaliação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 1, n. 2, , p. 37-47. 2010.
- 6) SALDANHA, Gustavo Silva. O imperativo mimético: a filosofia da informação e o caminho da quinta imitação. **Enancib**. v. 12, 2011.
- 7) SALDANHA, Gustavo Silva. Humano inumano pós-humano: o homem na, da e para a Ciência da Informação. **Ponto de Acesso**,

v. 6, n. 3, 2012.

- 8) GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Luciano Floridi e os problemas filosóficos da informação: da representação à modelização. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 4, n. 1, 2013.
- 9) REVOREDO, Túlio de Moraes. SALCEDO, Diego Andres. O Estado da arte da filosofia da informação na Ciência da Informação Brasileira. **DataGramZero**, v. 14, n. 6, 2013.

Faz-se necessário informar que a busca na base de dados BRAPCI retornou 10 textos, entre os anos de 1972 a 2013, com referências aos descritores e suas inserções. Entretanto, o texto “A verdade, a informação e o arquivo: primeiras impressões para uma filosofia da informação” da autora Aluf Alba Elias se trata de um pôster, não podendo ser considerado um texto válido para análise desta dissertação. O pôster, enquanto instrumento de produção científica, não apresenta as especificações técnicas, teóricas e profundidade conceitual que um artigo científico contempla. Desta maneira, o escopo total de análise deste estudo se configura com 09 artigos, que representam no Brasil, o debate sobre a Filosofia da Informação floridiana.

Estes artigos serão analisados mediante estrutura pré-estabelecida (mostrada a seguir) que contemplará as questões que envolvem tanto os autores dos artigos quanto ao artigo em si, entendendo-se, assim, que contempla e elabora um escopo de estudo muito mais aguçado sobre a problematização acadêmica da Filosofia da Informação debatida na Ciência da Informação brasileira.

A estrutura analítica dos artigos se dará, primeiramente, pela leitura dos artigos em ordem alfabética dos autores e, posteriormente, centrar-se-á o foco em cada parte do artigo, buscando assim uma identidade para esta Filosofia da Informação que emerge no Brasil.

Sobre o número de artigos que compõe a amostra, considera-se pertinente e suficiente, por se tratar de um estudo ainda em construção e que uma análise nesse momento histórico de construção válida, e muito, o trabalho,

por apresentar o que se produz e com que aspecto se desenrola o estudo flóridiano no Brasil.

Para tanto, acredita-se que com esta trajetória montada e apresentada, pode-se avançar nas análises tendo um embasamento suficientemente claro, sobretudo no escopo do corpus do objeto de estudo e como ele se desenvolverá mediante as análises.

4.2 Caminhos entre as ideias: um breve passeio pela análise de conteúdo

Como uma das ferramentas atuais mais extensivamente empregada pelos analíticos, a análise de conteúdo foi utilizada produtivamente em uma ampla variedade de aplicações de pesquisa na área de Ciência da Informação. Muitos estudos atuais usam análise de conteúdo qualitativa, apontando para os pontos fracos da abordagem quantitativa.

Considerando que a análise de conteúdo é sempre qualitativa, mesmo que fundamentada em elementos quantitativos, aqui não se estabelecerá uma posição dicotômica, o que pode melhorar a compreensão da trajetória da pesquisa. Entretanto, vale a pena salientar que alguns autores estabelecem essa diferenciação, primeiro, em relação às áreas de pesquisa a partir das quais elas desenvolvem-se são diferentes. O conteúdo a ser analisado sobre um documento recuperado se torna de bastante influência para respaldar os dados quantitativos que são amplamente utilizados na comunicação de massa, como forma de contar elementos textuais ou o conteúdo manifesto. Por outro lado, a análise de conteúdo qualitativa foi desenvolvida principalmente nas áreas da Antropologia, Sociologia e Psicologia, a fim de explorar os significados subjacentes às mensagens físicas.

Em segundo lugar, a análise de conteúdo quantitativa é dedutiva, destinado a testar hipóteses ou questões de endereços gerados a partir de teorias ou pesquisa empírica anterior. Por outro lado, a análise de conteúdo qualitativa é principalmente indutiva, atrelando o exame de assuntos e temas,

assim como as inferências a partir deles, nos dados. Em alguns casos, o conteúdo qualitativo analisa e tenta gerar teoria.

Em terceiro lugar, as técnicas de amostragem de dados requeridos por estas duas abordagens são diferentes. Análise quantitativa do conteúdo requer que os dados sejam selecionados por amostragem aleatória ou outras abordagens de probabilidade, de modo a assegurar a validade de inferência estatística. Por outro lado, as amostras para análise de conteúdo qualitativa geralmente consistem de textos propositadamente selecionados que podem informar as questões de pesquisa que está sendo investigado. Por último, mas não menos importante, os produtos de ambas as abordagens são diferentes. A abordagem quantitativa produz números que podem ser manipulados com vários métodos estatísticos. Por outro lado, a abordagem qualitativa geralmente produz descrições ou tipologias, junto com expressões de assuntos que refletem como eles veem o mundo social. Por este meio, as perspectivas dos produtores do texto podem ser mais bem compreendidas pelo investigador, bem como os leitores de os resultados do estudo (BERG, 2001). Análise de conteúdo qualitativa presta atenção aos temas originais que ilustram a gama de significados do fenômeno e não a significância estatística da ocorrência de textos ou conceitos específicos.

No trabalho de investigação real, as duas abordagens não são mutuamente exclusivas e podem ser utilizadas em combinação. Para tanto Smith (1975, p. 127. Tradução nossa) aponta que as "análises qualitativas trabalham com as formas e padrões de antecedentes-consequente da forma, enquanto análise quantitativa lida com duração e frequência da forma". Weber (1990) também apontou que os melhores estudos de conteúdo utilizam ambas as operações qualitativas e quantitativas.

O conteúdo qualitativo visa proporcionar uma integração dos dados naturais dos documentos por meio de uma interpretação que parte do pesquisador. "Este processo utiliza o raciocínio indutivo, pelo qual os temas e categorias emergem dos dados por meio de um exame cuidadoso do pesquisador e comparação constante. Mas a análise de conteúdo qualitativa não

precisa excluir o raciocínio dedutivo” (HEIERF, 2003. p. 8. Tradução nossa). “Gerando conceitos ou variáveis da teoria ou estudos anteriores, também é muito útil para a pesquisa qualitativa”, principalmente no que se diz respeito a interpretação de conteúdo por meio dos dados naturais dos documentos recuperados (PATTON, 2001. p. 11. Tradução nossa).

A discussão sobre as abordagens para a análise de conteúdo qualitativa, com base no grau de envolvimento do raciocínio indutivo tem início no debate em Heierf (2003. p. 23. Tradução nossa). As categorias de codificação são derivadas diretamente e indutivamente a partir dos dados brutos. Esta é a abordagem utilizada para o desenvolvimento da teoria fundamentada. A abordagem pode ser também direcionada a análise de conteúdo, em que a codificação inicial começa com uma teoria ou resultados de pesquisas relevantes. Então, durante a análise dos dados, os pesquisadores mergulham nos dados e permitem que os temas a surjam a partir dos dados. O objetivo dessa abordagem é geralmente para validar ou estender uma estrutura conceitual ou teoria. E, por fim, a análise de conteúdo pode ser somativa, que começa com a contagem de palavras ou conteúdo manifesto, em seguida, estende a análise para incluir significados latentes e temas. Esta abordagem parece quantitativa nos estágios iniciais, mas o seu objetivo é explorar o uso das palavras/indicadores de forma indutiva.

As coletas de dados já representam de início, um primeiro passo para a análise de conteúdo. Este envolvimento precoce na fase de análise auxilia a mover-se para trás e para frente entre o desenvolvimento do conceito e coleta de dados, e pode ajudar a direcionar a subsequente escolha de dados para fontes que são mais úteis para abordar as questões de pesquisa (MILEES1994). Para dar suporte a inferências válidas e confiáveis, análise de conteúdo qualitativa envolve um conjunto de procedimentos sistemáticos e transparentes para processamento de dados. Alguns dos passos se sobrepõem com os procedimentos tradicionais de análise de conteúdo quantitativa (TESCH, 1990), enquanto outras são exclusivas para este método. Dependendo dos objetivos do seu estudo, sua análise de conteúdo pode ser mais flexível ou mais

padronizada, mas geralmente pode ser dividida nas seguintes etapas abaixo:

Etapa 1: Preparar os dados

A análise qualitativa de conteúdo pode ser usada para analisar os vários tipos de dados, mas em geral, os dados necessitam de ser transformados em texto escrito antes da análise pode começar. “Se os dados são provenientes de textos existentes, a escolha do conteúdo deve ser justificada por aquilo que o pesquisador deseja alcançar” (PATTON, 2002. p. 32. Tradução nossa). Em estudos da Ciência da Informação, a análise de conteúdo qualitativa é mais frequentemente usada para analisar as transcrições das entrevistas, a fim de revelar o modelo de informação relacionada com comportamentos e pensamentos das pessoas. Ao transcrever as entrevistas, surgem os seguintes questionamentos: (1) Devem constar todas as perguntas do entrevistador ou apenas as principais questões do roteiro da entrevista; (2) Se as verbalizações devem ser transcritas literalmente ou apenas em um resumo; e (3) deve as observações durante a entrevista (por exemplo, sons, pausas e outros comportamentos sonoros. As respostas a estas perguntas devem servir como base para as questões da pesquisa. Enquanto uma transcrição completa pode ser o mais útil, o valor adicional que proporciona não pode justificar o tempo adicional necessário para criá-lo.

Etapa 2: Definir a unidade de análise

A unidade de análise refere-se à unidade básica do texto a ser classificada durante a análise de conteúdo. “Mensagens devem ser unificadas para que possam ser codificadas, e diferenças na definição da unidade podem afetar as decisões de codificação, bem como a comparabilidade dos resultados com outros estudos semelhantes” (WEVER et al., 2006. p. 25. Tradução nossa). Portanto, a definição da unidade de codificação é uma das suas decisões mais importantes e fundamentais (WEBER, 1990). Análise de conteúdo qualitativa geralmente usa temas individuais como unidade de análise, em vez de as unidades linguísticas físicas (por exemplo, palavra, frase ou parágrafo) mais frequentemente usados na análise de conteúdo quantitativa. Uma instância de um tema pode ser expressa em uma única palavra, uma frase, um parágrafo ou

um documento inteiro. Ao usar o tema como a unidade de codificação, estar-se-á olhando principalmente para as expressões de uma ideia (MINICHIELLO et al., 1990). Assim, pode-se atribuir um código para um pedaço de texto de qualquer tamanho, desde que esse pedaço represente um único tema ou assunto de relevância para a(s) pergunta(s) da pesquisa.

Etapa 3: Desenvolver Categorias e um esquema de codificação

As categorias de um esquema de codificação podem ser derivada a partir de três fontes: os dados, estudos anteriores com ele relacionados, e teorias. Esquemas de codificação podem ser desenvolvidos tanto nas formas indutiva e dedutiva. Em estudos onde estas teorias estão disponíveis, deve-se gerar categorias indutivamente a partir dos dados. A análise de conteúdo indutiva é particularmente apropriada para os estudos que se propõem a desenvolver a teoria, em vez de aqueles que pretendem descrever um determinado fenômeno ou verificar uma teoria existente. “Ao desenvolver categorias indutivamente a partir dos dados brutos, que são incentivados a utilizar o método comparativo constante” (GLASER; STRAUSS, 1967. p. 16. Tradução nossa), uma vez que não só é capaz de estimular ideias originais, mas também é capaz de fazer diferenças entre as categorias aparentes. A essência do método comparativo constante é (1) a comparação sistemática de cada texto atribuído a uma categoria com cada um deles já atribuídos a essa categoria, a fim de compreender plenamente as propriedades teóricas da categoria; e (2) integração das categorias e suas propriedades através do desenvolvimento de memorandos interpretativos.

Para alguns estudos, têm-se um modelo preliminar ou teoria sobre a qual se baseará a pergunta. “Pode-se gerar uma lista inicial de codificação das categorias do modelo ou teoria, e modificar o modelo ou teoria no curso da análise em novas categorias que emergem indutivamente” (MILES; HUBERMAN, 1994. p. 8. Tradução nossa). A adoção de sistemas de codificação desenvolvidos em estudos anteriores tem a vantagem de suportar a acumulação e comparação dos resultados da investigação em vários estudos.

Na análise de conteúdo quantitativa, as categorias precisam ser

mutuamente exclusivas, porque se forem manipuladas de forma equivocada, podem violar os pressupostos de alguns procedimentos estatísticos (WEBER, 1990). No entanto, na realidade, a atribuição de um texto em particular a uma única categoria pode ser muito difícil. Análise de conteúdo qualitativa permite atribuir uma unidade de texto para mais de uma categoria ao mesmo tempo (TESCH, 1990). Mesmo assim, as categorias em seu esquema de codificação deve ser definido de uma forma que eles são internamente o mais homogêneo possível e externamente o mais heterogêneo possível (LINCOLN; GUBA, 1985).

Para garantir a consistência da codificação, especialmente quando vários programadores estão envolvidos, deve-se desenvolver um manual de codificação, que geralmente consiste de nomes de categorias, definições ou regras para a atribuição de códigos e exemplos (WEBER, 1990). Alguns manuais de codificação tem um campo adicional para tomar notas como codificação prossegue. Usando o método comparativo constante, o manual de codificação irá evoluir ao longo do processo de análise de dados, e será aumentada com memorandos interpretativos.

Etapa 4: Teste o seu esquema de codificação em uma amostra de texto

Quando o objeto de estudo utilizar um processo bastante padronizada em sua análise, deve-se desenvolver e validar o esquema de codificação no início do processo. O melhor teste da clareza e da coerência de suas definições de categoria é codificar uma amostra de seus dados. Após a amostra ser codificada, a consistência da codificação precisa ser verificada, na maioria dos casos através de uma avaliação de acordo inter-codificador. Se o nível de consistência é baixo, as regras de codificação devem ser revistam. Dúvidas e problemas relativos as definições das categorias, regras de codificação, ou categorização de casos específicos precisam ser discutidas e resolvidas dentro da equipe de pesquisa (SCHILLING, 2006). Codificação de texto de exemplo, checando a consistência de codificação e revisão das regras de codificação é um processo iterativo e deve continuar até que a consistência suficiente codificação é atingida (WEBER, 1990).

Etapa 5: Código Todo o texto

Quando a coerência suficiente tenha sido alcançada, as regras de codificação podem ser aplicadas a todo o corpo de texto. Durante o processo de codificação, têm-se que verificar a codificação repetidamente, para evitar que "à deriva em um sentido peculiar do que os códigos pode significar" (SCHILLING, 2006). Porque a codificação prosseguirá enquanto os novos dados continuarão a ser recolhidos, é possível de que novos temas e conceitos surgirão e terá de ser adicionado ao manual de codificação.

Etapa 6: Avaliar a sua consistência de Codificação

Após a codificação de todo o conjunto de dados, é preciso reavaliar a consistência de sua codificação. Não é seguro supor que, se uma amostra foi codificada de uma maneira consistente e confiável, a codificação de todo o corpo de texto também é consistente. Codificadores humanos estão sujeitos à fadiga e são susceptíveis de cometer mais erros a medida em que a codificação prossegue. Novos códigos podem ser adicionados a verificação de consistência originais. Além disso, a compreensão dos codificadores das categorias e regras de codificação pode mudar sutilmente ao longo do tempo, o que pode levar a uma maior inconsistência (MILES; HUBERMAN, 1994; WEBER, 1990). Por todas estas razões, é preciso reavaliar a sua consistência codificação.

Etapa 7: tirar conclusões a partir de dados

Esta etapa envolve o sentido dos temas ou categorias identificadas, e as suas propriedades. Nesta fase, é necessário realizar inferências e apresentar suas reconstruções de significados derivados dos dados. Suas atividades podem envolver a explorar as propriedades e dimensões de categorias, identificando as relações entre as elas, descobrindo padrões, categorias e testar contra toda a gama de dados (BRADLEY, 1993). Este é um passo crítico no processo de análise, e seu sucesso vai depender quase que totalmente em suas habilidades de raciocínio.

Etapa 8: Relatório de métodos e resultados

Para queo estudo tenha credibilidade, é preciso monitorar e relatar seus procedimentos e processos de análise do modomais completo e verídico quanto

possível (PATTON, 2002). No caso da análise de conteúdo, devem ser descritas as decisões e práticas relativas ao processo de codificação, bem como aos métodos utilizados para estabelecer a confiabilidade de estudo.

A análise de conteúdo qualitativa não requer medições e teste de significância estatística, pois, em vez disso, ela revela padrões, temas e categorias importantes para a realidade social. Apresentar resultados da pesquisa de análise de conteúdo qualitativa é um desafio, embora seja uma prática comum usar citações típicas para justificar conclusões (SCHILLING, 2006), também pode-se querer incorporar outras opções para exibição de dados, incluindo as matrizes, gráficos, mapas e redes conceituais (MILES; HUBERMAN, 1994). A forma e a extensão da informação vai finalmente depender dos objetivos de pesquisa específicos (PATTON, 2002).

Ao apresentar os resultados da análise qualitativa de conteúdo, deve-se procurar um equilíbrio entre descrição e interpretação. A descrição dá a perspectiva do pesquisador aos leitores e o contexto, portanto, precisa ser rico e espesso (DENZIN, 1989). A pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa, e a interpretação representa o entendimento pessoal e teórico do fenômeno em estudo. Um relatório interessante e de fácil leitura "fornece descrição suficiente para permitir que o leitor a compreender a base para uma interpretação, e interpretação suficiente para permitir que o leitor a compreender a descrição" (PATTON, 2002, p.503-504).

Desde feito, com as etapas estabelecidas, há um embasamento maior do que e como pesquisar e quais seus parâmetros para a análise, e tais parâmetros remetem a questão de Confiabilidade e Objetividade.

E sobre estes aspectos, a Confiabilidade e Objetividade são os critérios utilizados para avaliar a qualidade da pesquisa no paradigma de investigação positivista convencional. Como um método de interpretação, análise de conteúdo qualitativa difere da tradição positivista em seus pressupostos fundamentais, fins de pesquisa e processos de inferência, tornando os critérios convencionais inadequados para julgar os seus resultados da investigação (Bradley, 1993). Reconhecendo essa lacuna, Lincoln e Guba (1985) propuseram

quatro critérios para avaliar o trabalho de investigação interpretativa: credibilidade, transferibilidade, confiabilidade e confirmabilidade.

Credibilidade: refere-se à "representação adequada das construções do mundo social em estudo" (BRADLEY, 1993, p.436). Lincoln e Guba (1985) recomendam um conjunto de atividades que ajudam a melhorar a credibilidade dos resultados da pesquisa, são eles: engajamento prolongado no campo, observação persistente, triangulação, análise de caso negativo e verificação de interpretações em relação aos dados brutos. Para melhorar a credibilidade da análise de conteúdo qualitativa, os pesquisadores não só tem a necessidade de criar estratégias de coleta de dados que são capazes de solicitar adequadamente as representações, mas também para projetar processos transparentes para a codificação e tirar conclusões a partir dos dados brutos. O conhecimento e experiência dos codificadores podem ter um impacto significativo sobre a credibilidade dos resultados da investigação. É necessário fornecer definições de codificação precisos e procedimentos de codificação claras. (WEBER, 1990).

Transferibilidade: refere-se à extensão em que a hipótese de trabalho de pesquisa pode ser aplicada a um outro contexto. Não é tarefa do pesquisador fornecer um índice de transferência; em vez disso, ele ou ela é responsável pelo fornecimento de conjuntos de dados e descrições que permeiam ricos o suficiente para que outros pesquisadores sejam capazes de fazer julgamentos sobre a transferibilidade dos resultados para diferentes configurações ou contextos.

Confirmabilidade: refere-se a "a medida em que as características dos dados, conforme postulado pelo pesquisador, pode ser confirmado por outras pessoas que lêem ou rever os resultados da investigação" (BRADLEY, 1993, p.437). A principal técnica para o estabelecimento de confiança e confirmabilidade é através de auditorias dos processos de pesquisa e descobertas. Confiança é determinado pela verificação da consistência dos processos de estudo e confirmabilidade determinado pela verificação da coerência interna do produto de pesquisa, ou seja, os dados, os resultados, as

interpretações e as recomendações. Os materiais que podem ser utilizados nestas auditorias incluem dados brutos, notas de campo, notas teóricas e memorandos, manuais de codificação, notas de processo, e assim por diante. O processo de auditoria tem cinco etapas: Inserção dos Dados, determinações de auditabilidade, o acordo formal, de determinação de confiabilidade (confiabilidade e confirmabilidade) e encerramento.

A análise de conteúdo permite que se visualizem tanto relações gerais abstratas que são determinantes, tais como entre autores e conceitos, entre autores entre si, assim como as relações de concordância ou de contradição, entre quadros teóricos. Uma vez essas categorias mais ou menos elaboradas e abstraídas, podem-se estruturar as concepções que a partir de noções simples permitem que se visualizem relações mais específicas e complexas. É por meio dessa trajetória de progressiva determinação de relações ou de descoberta, pela análise de relações e interpretação, processos inseparáveis, embora conceitualmente distintos, que se realiza o estudo do corpus. São essas relações que se trata de descobrir, determinar e representar que precisamente constituem o que aqui se entende por compreensão do corpus. O objetivo é identificar temas importantes ou categorias dentro de um corpo de conteúdo, e para fornecer uma rica descrição da realidade social criada por esses temas / categorias como são vividas em um ambiente particular. Através da preparação de dados cuidadosa, codificação e interpretação, os resultados da análise de conteúdo qualitativa pode apoiar o desenvolvimento de novas teorias e modelos, bem como validar as teorias existentes e fornecer descrições densas de configurações ou fenômenos particulares.

Mediante o conteúdo exposto nessa seção, espera-se conseguir uma clareza quanto às atribuições de análises que serão empregadas nos artigos recuperados na Brapci, a fim de traçar um marco teórico da Filosofia da Informação no Brasil de forma concisa e confiável.

4.3 Estrutura para análise do corpus

Para além do método de como se recuperaram os artigos e de como se dá a sua análise pelo conteúdo, faz-se necessário elaborar uma estrutura para analisar o corpus. Esta estrutura servirá de molde e de guia para que a análise dos artigos tenha um padrão sólido e confiável.

Esta estrutura se constitui de um conjunto de seissubestruturas, sendo estas responsáveis pela extração de conceitos. A saber, segue a estrutura e sua definição:

- 1) **Quem Fala?** (bibliografia acadêmica do autor e sua relação com o campo pesquisado)
- 2) **De onde fala?** (Atual posição acadêmico-teórica do autor)
- 3) **Onde fala?** (atual instituição e suas parcerias, redes, grupos de estudo)
- 4) **Sobre quem fala?** (autores que são referenciados no texto com que o autor dialoga)
- 5) **Como fala?** (momentos no tempo em que o discurso é apresentado)
- 6) **Para quem fala?** (tipos de canais adotados para difusão dos conceitos)

Para extrairmos dados sobre os autores, instituições e representatividade dos grupos de pesquisase utilizaráa Plataforma Lattes, por entender-se que:

A Plataforma Lattes representa a experiência do CNPq na integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações. Sua dimensão atual se estende não só às ações de planejamento, gestão e operacionalização do fomento do CNPq, mas também de outras agências de fomento federais e estaduais, das fundações estaduais de

apoio à ciência e tecnologia, das instituições de ensino superior e dos institutos de pesquisa. Além disso, se tornou estratégica não só para as atividades de planejamento e gestão, mas também para a formulação das políticas do Ministério de Ciência e Tecnologia e de outros órgãos governamentais da área de ciência, tecnologia e inovação. (PLATAFORMA LATTES, web)

Com esta estrutura montada, acredita-se que a pesquisa tem sua estrutura bem definida e suficientemente capaz de prosseguir com as análises.

5 A FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO FLORIDIANA E SUA REPRESENTATIVIDADE NO BRASIL

Conforme explicitado na sessão anterior, a análise de conteúdo tem substancial importância para se decorrer sobre a análise do corpus de artigos recuperados nesta pesquisa. Ter uma estrutura sólida de análise dos artigos traz confiabilidade e precisão para a pesquisa.

Para tanto, dando início às análises, faz-se necessário iniciar-se por algumas questões fundamentais para o escopo desta pesquisa. Antes de se analisarem os artigos, precisam-se analisar alguns conceitos. Assim se fez necessário elencar e discorrer sobre algumas questões.

A) **Ausência do termo Epistemologia como descritor**– A ausência do termo como um dos descritores de busca para recuperação de artigos, se deu por entender-se que a forma como é tratada a Filosofia nesta pesquisa, é a forma mais ampla da *PhiloSophia* (*Philo* – Amigo) e (*Sophia* – Saber). A Epistemologia e, sobretudo, a Epistemologia da Ciência dedica-se ao prolongamento da reflexão crítica de um determinado conceito na ciência mediante sua evolução. Não se trata, por tanto, da epistemologia fazer, unicamente, um levantamento histórico de uma determinada ciência. Mostrar a construção histórica de uma ciência e não repensá-la crítica e filosoficamente não é um estudo epistemológico.

Para tanto, Gaston Bachelard (referência) em seu livro “A Epistemologia” faz um apanhado do conceito *Epistemologia* sob a perspectiva de vários autores em seus estudos sobre os temas que permeiam a investigação do por que das coisas estarem postas no mundo. Traz à tona argumentos apurados de críticas sobre o conceito de Epistemologia nas ciências impulsionado, sobretudo, pelo cenário científico do século XX e do seu imediatismo operacional, onde a busca pelo resultado prevalecera sobre a fundamentação dos conceitos.

Ainda sobre Bachelard, ressalta-se uma passagem do seu supracitado livro, que fundamenta fortemente a decisão da não utilização do descritor “Epistemologia”. Bachelard afirma que:

[...] É a ciência experimental das instrumentações ministeriais: pesem, meçam, contem; desconfiem do abstrato, da regra; liguem os espíritos jovens do concreto, ao fato. Ver para compreender, tal é o ideal desta estranha pedagogia. **Pouco importa se o pensamento for, por consequência, do fenômeno mal visto para a experiência mal feita.** Pouco importa se a ligação epistemológica assim estabelecida for do pré-lógico da observação imediata para a sua verificação sempre infalível pela experiência comum, em vez de ir do programa racional de pesquisas para o isolamento e a definição experimental do fato científico sempre artificial, delicado e escondido. (BACHELARD, 2003. p. 16. Grifo nosso)

Algumas considerações sobre a citação se fazem necessárias. Primeiro sobre não querer-se, por hora, fazer uma crítica de como o conceito Epistemologia é tratado e apropriado pela Ciência da Informação, embora este tema seja de interesse do autor deste estudo. Porém, esta citação, em específico, traz um debate importantíssimo para como pensar a Ciência da Informação e sua origem, ainda mais considerando-se que ela surgiu (ou se institucionalizou) como ciência na década de 1940 com a explosão informacional no pós-guerra.

Em segundo plano, fez-se necessário grifar, na citação, um trecho que elucida e que traz grande carga de conceitos. Quando Bachelard argumenta sobre “fenômeno mal visto e experiência mal feita”, ele reforça como a reprodução da técnica pode ser nociva para uma ciência. Reproduzir a técnica por reproduzir, sem pensar sobre os fundamentos do objeto a ser modificado, do contexto a ser inserido e do ambiente a ser transformado pode fadar uma determinada ciência ao fracasso. É necessário, antes de tudo, que o conceito e a atribuição da Epistemologia tenha uma aplicação eficaz. Bachelard alerta, antes de tudo, que a técnica pela técnica não caracteriza a ciência como tal, o que faz da ciência uma ciência é a capacidade de seus interlocutores conseguirem abstrair do ambiente natural problemas e soluções para sua aplicação (técnica) e a partir daí conseguir implementar uma ação de modificação do meio.

Para além, entende-se ainda que a Filosofia, enquanto campo de estudo,

é uma estrutura macro que abarca, entre outros campos, a Epistemologia. Tal como a Indexação é um dos campos do saber pertencentes a Ciência da Informação. É importante lembrar também, que a Filosofia da Informação é um estudo filosófico (também epistemológico) sobre a Informação. Ou seja, a FI não é um campo que se dedica a investigar e problematizar sobre a Epistemologia da CI. A FI pode auxiliar na construção epistemológica da CI, mas não compreende somente um estudo epistêmico.

Desta forma, entende-se que se fosse inserido o descritor “epistemologia” nas buscas, os artigos retornados iriam destoar da proposta deste estudo, visto que, a proposta é tratar de uma Filosofia explicitada nos conceitos floridianos. Embora a Filosofia da Informação proposta por Floridi englobe um estudo epistêmico, este estudo não é direcionado a Ciência da Informação e sim a uma Informação enquanto conceito mais abrangente, que não se limita somente a CI.

B) Filosofia da Informação e Ciência da Informação – inicialmente, a teoria idealizada por Luciano Floridi (2001;2002) e incorporada nesta pesquisa, não teve pretensão inicial de dialogar e de se inserir nos debates da Ciência da Informação. Até porque, a informação, enquanto objeto de estudo, é um campo que permeia todas as ciências. Então por que essa ligação tão intensa da CI com a FI? A resposta não se prolonga, já que a CI uma ciência, mesmo que recente, dedicada a pesquisar sobre a informação, majoritariamente em seus registros e tendo um déficit, apresentado na literatura científica, quanto a sua estruturação enquanto ciência (epistemologia). Não é de todo o espanto que essa relação se dê de forma muito intensa e enriquecedora para ambos os lados. A Filosofia da Informação não vislumbra ser uma disciplina da CI, seu escopo de estudo é grande demais para isso. Todavia, a FI pode fornecer a CI um grande aparato reflexivo para estruturar-se de forma crítica e não em uma reprodução histórica, trazendo para a CI noções de construção filosófica enquanto ciência.

Para tanto, depois de analisado mediante as leituras para esta pesquisa,

a questão da Epistemologia e da inserção da Filosofia da Informação na Ciência da Informação, se dará início as análises dos artigos.

5.1 Entre o discurso e a publicação: a representação analítica dos artigos científicos

Todas as informações sobre os autores apresentadas nesta subseção foram extraídas mediante pesquisa no portal CNPq (www.lattes.cnpq.br) de pesquisa dos currículos dos pesquisadores, também conhecido como Currículo Lattes, onde após leitura do currículo de cada um dos pesquisadores foram retiradas as informações que compõem estas análises. No caso dos pesquisadores que não atuam no Brasil, como é o caso do Luciano Floridi, foi realizada busca na instituição onde o autor é vinculado e de lá foram extraídas as informações.

Análise do artigo 01

Para início, seguirá a ordem cronológica dos artigos. O primeiro artigo a ser analisado é o artigo dos autores Marivalde Moacir Francelin e Caio Pellegatti, sob o título “**Filosofia da informação: reflexos e reflexões**” sendo publicado no ano de 2004. É importante informar que o conteúdo do artigo se trata, até pelo seu ano de publicação, de uma apresentação à comunidade científica de Ciência da Informação do Brasil, desse novo campo de estudo que vem sendo construído por Luciano Floridi na Europa.

1) **Quem fala?** – Marivalde Moacir Francelin é graduado em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) com obtenção de título no ano de 1998. Possui Mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas) com obtenção de título no ano de 2004 e possui Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP) com obtenção de

título em 2010.

A dissertação e a tese do pesquisador Francelin, tem ligação direta com a pesquisa epistêmica da Ciência da Informação, versam para questões que influenciam na construção CI. Seus artigos, em grande maioria, também tem conteúdos voltados para as questões Filosóficas da Informação e da Ciência da Informação. A linha de pesquisa em que o autor se dedica enquanto pesquisador tem influência direta com a Filosofia da Informação.

Caio Pellegattié graduado em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com obtenção de título no ano de 1996. Possui Mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas) com obtenção de título no ano de 2006.

A dissertação do pesquisador Pelegatti não tem ligação direta com a Filosofia da Informação e sua representatividade de artigos se resume a apenas um, do qual se fez menção neste estudo.

2) **De onde Fala?** - Marivalde Moacir Francelin é pesquisador Doutor e orientador de pesquisadores de curso de mestrado e de doutorado. CaioPellegattié Mestre e não tem produção publicada na base Lattes do ano de 2007 até a elaboração deste estudo.

3) **Onde Fala?** - Marivalde Moacir Francelin é Professor e Pesquisador Doutor do Departamento de Biblioteconomia e Documentaçãoda Universidade de São Paulo e participa, atualmente, do grupo de pesquisa na mesma instituição financiado pela Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo, que tem como título “Epistemologias e anti-epistemologias da Ciência da Informação”, do qual o pesquisador é coordenador. Caio Pelegattié um profissional liberal e não participa ou coordena nenhum grupo de pesquisa. Seu último e único artigo publicado foi este com o pesquisador Marivalde Francelin.

4) **Sobre quem fala?** - Os autores do artigo em questão trazem uma vasta referência de textos utilizados para elaborar o estudo. Todavia, destaca-

seapenas alguns. O primeiro deles é a citação do pesquisador Luciano Floridi, consolidando-o como o mentor intelectual da Filosofia da Informação.

Por conseguinte, também se destaca a citação e extração dos conceitos do autor Hélio Japiassu. Japiassu é uma grande referência no estudo das ciências, das organizações dos saberes e das suas epistemologias. Abordar Japiassu no artigo mostra o cuidado ao tratar a Filosofia da Informação e da Epistemologia, atinando para questão da Filosofia da Informação não ser uma Epistemologia da CI e sim, um campo de estudo que auxilia no estudo epistemológico.

Destaca-se ainda, a citação e referência ao autor Fernando Ilharco. Ilharco, pouco lembrando nos artigos produzidos sobre a Filosofia da Informação, foi, junto à Floridi, um dos precursores da difusão dos estudos. Ilharco não pode ser considerado um mentor da Filosofia da Informação, porém foi o autor que se antecipou a tendência e lançou o livro “Filosofia da Informação: alguns problemas fundadores” que traz um esquematização muito clara, eficaz e didática dos conceitos expostos por Floridi. Ilharco é, sem dúvidas, um dos grandes mentores em língua portuguesa, da Filosofia da Informação.

Destacam-se ainda as citações da Solange Puntel Mustafa e do Jaime Robredo. Ambos serão, anos após, dois autores importantes do debate da Filosofia da Informação no Brasil. Sendo autores que defendem a constituição de uma Epistemologia da Ciência da Informação mais contundente e eficaz fortalecida nos estudos filosóficos da informação.

Foram citados também os autores Yves-François Le Coadic, Kevin McGarry e Tefko Saracevic, que são autores muito utilizados para fazer menção a conceitos fundamentais da Ciência da Informação, sendo autores canônicos na construção da CI, tendo seus estudos tratados de forma paradigmática. Mostrando que os autores Francelin e pelegatti, tiveram a preocupação em bem fundamentar a Ciência da Informação para tratar da Filosofia da Informação.

Chama-se atenção para as citações dos autores Karl Popper, Thomas Kuhn e Pierre Bourdieu. São autores muito influentes do século XX no que se

trata da tematização e construção da ciência, analisando sua construção epistêmica, relações institucionais e suas relações de poderes. Ao utilizar estes autores, Francelin e Pelegatti, atinam para a modificação constante da construção da ciência, tomando nota que a Filosofia da Informação é um novo campo que surge para debater e reorganizar campos diversos, inclusive campos da Ciência da Informação.

Vale salientar também a ausência de autores clássicos da Filosofia, como Platão, Aristóteles entre outros. A não presença destes filósofos e a presença de pensadores da filosofia do século XX mostram a contemporaneidade do debate e sua relação com o pós-modernismo.

Os outros autores citados no artigo têm a sua importância, todavia de forma mais pontual do que os destacados nesta análise.

5) **Como Fala?** - O artigo “Filosofia da Informação: reflexos e reflexões” foi o primeiro artigo a tratar do tema na literatura científica da Ciência da Informação brasileira, sendo publicado dois anos após Floridi introduzir o debate na ciência com seu artigo “What is this philosophy of information”. Publicado em momento muito oportuno, mostra que os pesquisadores da Ciência da Informação no Brasil estão atentos ao cenário mundial e sua influência direta na CI brasileira.

6) **Para quem fala?** - O tipo de canal utilizado para a difusão dos conceitos foi um artigo publicado em revista científica da Ciência da Informação. A publicação em uma revista do tipo A ou B tem impacto direto sobre a relevância e público que o conceito irá atingir, as revistas abrangem linhas de pesquisa específicas e públicos diferentes tendo um impacto maior em nível regional, nacional ou internacional. A Transinformação, revista na qual o artigo foi publicado, é uma revista editada pela Faculdade de Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas tendo sido fundada em 1989, com uma periodicidade quadrimestral de publicação. A revista possui Qualis A1 – Ciências Sociais Aplicadas I, atribuído pela Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e é indexada por base de dados internacionais como a *Web Of Science*, entre

outras, tendo uma representatividade a nível internacional.

Ao ser publicado este artigo na revista Transinformação, abriu-se um leque vasto para a produção do tema em Filosofia da Informação debatido no Brasil. Esta publicação por ser a primeira e ter sido publicada em uma revista de grande representatividade inseriu a Ciência da Informação brasileira no debate internacional da Filosofia da Informação.

Análise do artigo 02

Dando prosseguimento, o segundo artigo a ser analisado tem como título: **“Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação”** do autor Renato Fabiano Mateus foi publicado no ano de 2005.

1) **Quem fala?** – Renato Fabiano Matheus é graduado em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com obtenção de título no ano de 1995. Possui Mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com obtenção de título no ano de 2005 e, atualmente, é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais.

A dissertação do pesquisador Matheus não tem ligação com a Filosofia da Informação, não participa de grupos de pesquisas relacionados com o tema e seus artigos, bem como a temática da dissertação tem relação com redes sociais, classificação e organização da informação. O único artigo com a temática filosófica da informação foi este analisado neste estudo.

2) **De onde fala?** - Renato Fabiano Matheus é mestre em Ciência da Informação e estudante de doutorado onde há seu maior contato com o âmbito de pesquisa científica.

3) **Onde fala?** – O pesquisador Renato Fabiano Matheus é funcionário do

Banco do Brasil SA e não participa de nenhum grupo de pesquisa, seus artigos versam sobre tema diferente da Filosofia da Informação e seu único trabalho sobre o tema foi o apresentado aqui.

4) **Sobre quem fala?** – O autor apresenta uma vasta lista de textos referenciados, porém, destacam-se apenas alguns autores mais expressivos no âmbito do tema em questão. Para início, a citação do autor Luciano Floridi justifica e fundamenta o emprego da Filosofia da Informação no artigo, embora seja apenas um único texto referenciado, a teoria do autor se encontra presente, principalmente porque o artigo utilizado fora o “What is the Philosophy of Information”, artigo em que Floridi apresenta, pela primeira vez, sua teoria de forma unificada.

Destaca-se também a referência aos autores Harold Borko, Bertram Brookes, Vanevar Bush, Yves-François Le Coadic, Fritz Machlup, Una Mansfield, Tefko Saracevic e Claude Shannon. Ao citar estes autores Matheus faz um bom balanceamento sobre as teorias fundamentais da Ciência da Informação, dado que, alguns dos autores citados representam uma corrente mais positivista e outros nem tanto. Desta forma tem-se, por parte do pesquisador Matheus, uma preocupação bem fundamentada para conceituar a Ciência de Informação.

Em contraponto, o autor faz uma referência a Boyd Rayward que trata no artigo referenciado, sobre o pioneirismo de Paul Otlet na fundamentação teórica da Ciência da Informação. Embora seja uma única referência com duas citações no texto, aponta que o autor inclinou-se a apresentar outro lado da construção da CI, uma vertente mais conceitual do que *reprodutivista*.

Chama a atenção, também, a referência às autoras brasileiras Maria Nélida González Gómez e a Cristina Dotta Ortega. Ambas expressam grande representatividade no cenário da construção filosófica da Ciência da Informação no Brasil, tendo grupos de pesquisas voltados para questões filosóficas da Ciência da Informação em instituições de grande expressão, onde produzem e reoxigenam de forma muito contundente o debate e a produção científica. As

autoras, inclusive, são atores importantes no cenário da construção do debate em Filosofia da Informação no Brasil. A menção e utilização dos conceitos das autoras deixa claro que o pesquisador Matheus, buscou contextualizar a Filosofia da Informação através de uma literatura brasileira bem respaldada.

Embora seja uma única referência com duas citações no texto, é de considerar a utilização do autor Thomas Kuhn, presente também no artigo dos pesquisadores Francelin e Pelegatti, Kuhn expressa grande influência no pensamento contemporâneo ao elaborar teorias e conceitos sobre as revoluções estruturais das ciências em meio a relações de poderes e mudanças no comportamento institucional. Ao citar e ler Kuhn, o autor Matheus traz noções pós-modernistas de construção e modificações das ciências deixando, assim, espaço para a inserção de uma Filosofia para estudo de uma sempre nova Informação enquanto teoria.

Como o próprio título do artigo propõe, é de grande maioria as citações à Rafael Capurro, o que torna este artigo de uma característica muito importante. Capurro tem grande influência na Ciência da Informação brasileira, seus estudos versam sobre a construção de paradigmas para a CI e teorias extensas sobre o conceito de informação, o conceito de ciência e sobre como se constitui a Ciência da Informação. A temática do artigo e seu período de publicação, que fora logo após ao debate ter sido iniciado no Brasil, mostra que a Filosofia da Informação já vinha sendo tratada no Brasil, porém, sob outra perspectiva e denominação. Ao Capurro tratar sobre as questões do Conceito de Informação, da construção etimológica e epistemológica da Informação, ele já construía um estudo filosófico da informação.

Capurro também versa sobre as questões éticas, tecnológicas e sociais da informação que também são fundamentais para a estruturação da Filosofia da Informação.

Ao aliar as teorias de Luciano Floridi e Rafael Capurro, o pesquisador Matheus promove uma grande contribuição para o debate da Filosofia da Informação no âmbito brasileiro. Esta pesquisa foi além do artigo apresentado em 2004 por Francelin e Pelegatti. Matheus trouxe uma reflexão e debate

embasados nos conceitos do Luciano Floridi, não apenas apresentando a teoria, mas sim, debatendo-a. A única crítica e ressalva que se têm, é por ter uma única referência a textos do Luciano Floridi e apenas cinco citações ao longo do artigo, se a proposta era debater a Filosofia da Informação *floridiana*, seria interessante ter mais referências e citações aos conceitos *floridianos*.

5) **Como Fala?** - O artigo “Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação”, foi o primeiro no Brasil a debater e lançar críticas à Filosofia da Informação, sua importância torna-se evidenciada por relacionar conceitos Floridianos às teorias de Rafael Capurro. Com esta pesquisa, o cenário brasileiro científico da Ciência da Informação passou a produzir teorias e conceitos de uma Filosofia da Informação.

O artigo fora lançado no ano de 2005, um ano após o debate ser trazido ao Brasil, à pesquisa não tem só uma importância teórica, mas também temporal, por trazer o debate na efervescência temporal em que se apresentam os conceitos a nível mundial.

6) **Para quem fala?** - O meio utilizado para a inserção do debate foi um artigo publicado em revista científica da Ciência da Informação. A publicação em uma revista do tipo A ou B tem impacto direto sobre a relevância e público que o estudo irá atingir, as revistas abrangem linhas de pesquisa específicas e públicos diferenciados, tendo um impacto maior a nível regional, nacional ou internacional.

A Revista da Escola de Biblioteconomia deixou de ter esse nome e passou a ser chamada de Perspectivas em Ciência da Informação no ano de 1996. A então Perspectiva em Ciência da Informação publicou o artigo do pesquisador Matheus no ano de 2005. A revista é editada pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais com uma periodicidade de publicação quadrimestral. A revista tem Qualis A1 – Ciências Sociais Aplicadas I, atribuído pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal

de Nível Superior(CAPES) e é indexada por base de dados internacionais com a *Web Of Science*, entre outras, tendo uma representatividade a nível internacional.

A importância deste artigo, da sua temática crítica e comparativa de teorias (as teorias de Capurro e Floridi), torna-se mais expressiva pelo fato de ter sido publicado em um ano de eclosão dos conceitos da Filosofia da Informação e por ter sido publicado em uma Revista de expressão internacional. Todos estes elementos unidos tornam a publicação de importância muito expressiva, colocando o artigo como um precursor do debate no Brasil.

Análise do artigo 03

Por conseguinte, tem-se o terceiro artigo a ser analisado, com o título “**Ciência da Informação e Filosofia: reflexões**”, do autor Jaime Robredo. Antes de se iniciarem as análises por meio das estruturas, faz-se necessário informar que o autor a ser analisado, faleceu no ano de 2010, sendo as análises apontadas aqui, para a sua produção em vida, resguardando sempre a memória e a obra do grande pesquisador e docente que foi Jaime Robredo, um nome de muita expressão e de significado inestimável para a Ciência da Informação brasileira.

1) **Quem fala?** – Jaime Robredo graduou-se em Facultad de las Ciencias pela Universidad de Madrid com obtenção de título no ano de 1950. Possuía especialização em Principios de Radioactividad pelo Consejo Superior de investigaciones Cientificas. Outra especialização em Les Ordinateurs Et L’informatique pelo Institut National Superieur D’enseignement com obtenção de título no ano de 1972 e a última especialização em Computerized Documentation System Cds Isis pela Organizacao das Nacoes Unidas Para Educacao, Ciencia e Cultura com obtenção de título no ano de 1978. Possuía, ainda, Doutorado em Facultad de Ciencias pela Universidad de Madrid com obtenção de título no ano de 1954. Além de dois Pós-Doutorados, um na

Universidade de Saarbruecken com término no ano de 1989 e outro no Instituto Politécnico com término no ano de 1954.

É importante ressaltar que toda a formação acadêmica do pesquisador Jaime Robredo não teve relação direta com estudos filosóficos da informação e nem epistemológicos na Ciência da Informação. Em contraponto, Robredo publicou artigos e capítulos de livros nas temáticas filosóficas e epistemológicas da Informação e da Ciência da Informação e coordenou grupos de pesquisas nas linhas de pesquisa epistemológica e filosófica da informação. Estas participações, que expandem a sua formação acadêmica, o inseriu como agente importante na construção da Filosofia da Informação no Brasil.

2) **De onde Fala?** – Jaime Robredo era pesquisador e professor titular da Universidade de Brasília e orientador de pesquisadores de curso de mestrado e de doutorado.

3) **Onde Fala?** - Jaime Robredo era pesquisador e professor titular da Universidade de Brasília. Diretor do projeto internacional de implantação do Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola (SNIDA) PNUD-FAO e Ministério de Agricultura. Consultor internacional, em sistemas de informação especializados, para diversas organizações das Nações Unidas. Pesquisador A1 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Pesquisador Associado Sênior Universidade de Brasília e Líder do Grupo de Pesquisa Representação e Organização da Informação e do Conhecimento UnB/CID, certificado pela instituição e pelo CNPq.

4) **Sobre quem fala?** – Antes de iniciar-se as análises das referências do artigo, cabe a ressalva de que não há, sequer, uma única citação, referência e/ou menção ao Luciano Floridi durante todo o artigo. O que causa curiosidade devido ao artigo ser publicado pelo Robredo no ano de 2007, período em que Floridi já houvera publicado muitos artigos sobre o tema e no Brasil já havia dois artigos referenciando e falando sobre a Filosofia da Informação floridiana. Esta

observação gera algumas inquietações de ordem epistêmica. Tivera Robredo ignorado a teoria floridiana ou ele, simplesmente, a desconhecia? Se a segunda hipótese for verdadeira, tem-se um novo quadro que se configura diante do debate brasileiro, sendo o Robredo um mentor conceitual de uma possível Filosofia da Informação. Durante todo o seu artigo, ao abordar o estudo filosófico da Informação, Robredo se aproxima de reflexões da filosofia do século XX que parte de premissas de conflitos sociais e da construção do conhecimento, para embasar o conceito de informação.

Este fato muito inquieta pelo fato do Robredo conseguir refletir sobre a Informação por meio da filosofia, não elaborando quadros e/ou estruturas para análise. O que fortalece a concepção de que o pensamento filosófico da informação proposto por Robredo, no artigo, advinha de reflexões de suas leituras e análises filosóficas. Mas, infelizmente, tais questionamentos terão que ficar na ordem das ideias.

Dando prosseguimento, destaca-se a citação do autor Claude Shannon (até agora, citado em todos os artigos analisados). Shannon parece ter unanimidade, dentre os artigos analisados até agora, no que se refere a conceituação da construção da Ciência da Informação e da Teoria da Informação. Ao citar e referenciar Shannon, Robredo aponta para conceitos de ordem operacionais e práticas do fazer Ciência da Informação, o que é de esperar, visto que, a formação acadêmica do pesquisador Robredo advém das ciências exatas.

O que chama mais a atenção nas referências e que sustentam as dúvidas apresentadas acima são as referências a Gilles Deleuze, Felix Guattari, Martin Heidegger, José Ortega y Gasset, Michel Foucault e Ludwig Wittgenstein. Todos estes filósofos são de uma importância imensurável para o século XX, embora atuassem em campos de pesquisas distintos, todos convergiam em teorizar sobre a produção do conhecimento tendo como perspectiva o *Eu* como referencial para o objeto posto no mundo. Ou seja, a observação da coisa em si parte do observador. Tudo que está posto é porque é, porém a função e qualidade são atribuídas pelo observador. Daí Wittgenstein debruça toda uma

teoria sobre os conceitos linguísticos para a representação do mundo. Já para Heidegger o mundo tal como é posto por parte de uma única unidade, torna a compreensão do ser uma determinação do homem. O homem é a porta de acesso ao ser.

Já os filósofos Ortega y Gasset, Foucault, Deleuze e Guattari, tinham uma visão de construção e difusão do conhecimento em uma vertente mais política e social. Quando Foucault, por exemplo, explana sobre o 'Saber', o 'Poder' e o 'Sujeito' traz o conceito de organizações intelecto-sócio-doutrinárias, ou seja, os indivíduos/sujeitos sociais se agrupam e se separam pelas semelhanças e pelas diferenças discursivas. Os locais de produção, uso e disseminação da Informação/Conhecimento, para os quatro autores supracitados advém, em alguma instância, de uma configuração de um local estabelecido pelas semelhanças de um público com interesses convergentes e de uma apropriação cognitiva para que certa ideia seja difundida e/ou debatida.

Ressalta-se, por fim, que a bibliografia utilizada pelo pesquisador Robredo, compreende uma densidade teórica expressiva. Sua forma de conceituar uma Filosofia da Informação é, sem dúvidas, de uma maestria intelectual notável. Porém, sente-se falta dos filósofos canônicos de formação de conceitos base da Filosofia. Ao não citar Platão, por exemplo, abre-se uma série de lacunas no que tange à consolidação de um conceito. Não que seja obrigatória a utilização de filósofos clássicos para falar de Filosofia da Informação, mas sendo a FI um conceito emergente e, em grande maioria, os artigos tentam conceitua-la, torna-se latente a utilização dos pensadores filosóficos clássicos, pois são a partir deles, que o conceito pode se estabelecer.

5) **Como Fala?** – O artigo “Ciência da Informação e Filosofia: reflexões” tem a particularidade de ser um artigo que não remonta ou debate a teoria Floridiana. Pelo contrário, parece desconsidera-la e lança ao debate para a FI, uma Filosofia de uma Informação advinda de outra vertente, a da observação e reflexão de leituras. O mais espetacular do fato de usar o mesmo termo mais não citar o mesmo autor, aponta para a congruência de necessidade do debate.

Pensar filosoficamente a Informação e, com isso, também repensar a Ciência da Informação, saindo do jargão “criado no pós-guerra”, só faz fortalecer epistemologicamente a CI.

O fato de o artigo ser lançado no ano de 2007, já cinco anos após o início do debate floridiano, é de considerar uma localização no tempo inquietante. Caso o termo “Filosofia da Informação” tenha surgido por espontaneidade (como dúvida apresentada anteriormente), certifica a Filosofia da Informação não mais como um estudo emergente, e sim, como uma necessidade.

6) Para quem fala? - O artigo, diferentemente dos anteriores analisados aqui, teve sua apresentação e publicação nos anais de um evento científico. O evento em questão fora o ENANCIB (Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação). Que é o maior e mais importante evento científico em pesquisa em ciência da Informação no Brasil.

O evento reúne os pesquisadores em Ciência da Informação de todo o Brasil. Dividindo as áreas de produção do saber em Grupos de Trabalhos (GTs), que, atualmente, são 11. Estes GTs têm por finalidade congregar pesquisas e pesquisadores com afinidades de estudo e investigação.

O GT no qual o artigo teve publicação, fora o GT-01, que tem por finalidade abranger estudos Filosóficos e Epistemológicos da Ciência da informação. A importância e a inserção que o artigo teve ao ser publicado neste evento, é que sua absorção por parte da comunidade científica é muito mais veloz e eficaz. Devido ao autor do trabalho poder expor a pesquisa para os seus pares e, assim, o artigo além de apresentado é discutido. Ou seja, esta publicação pode ter tido uma inserção muito mais rápida e eficaz do que o artigo do Francelin e Pelegatti publicado em 2004.

O ENANCIB é, sem dúvidas, uma grande porta para a expansão e iniciação do debate na academia. É lá onde os pesquisadores se encontram e é lá onde os pesquisadores lançam novas perspectivas para as pesquisas. Sem contar que o ENANCIB tem uma representatividade internacional, tendo sempre em suas edições a presença de pesquisadores de outras nacionalidades. Ao

artigo ser lançado com esta temática e com todas as questões que o envolve, foi de extrema importância para a difusão do termo “Filosofia da Informação” na CI brasileira.

Análise do artigo 04

O artigo “**Epistemologia ou filosofia da Ciência da Informação?**” quarto a ser analisado, publicado no ano de 2010, tem a um importância substancial para o debate, pelo fato da autora do artigo despontar como uma das mais influentes interlocutoras do tema no Brasil, dialogando diretamente com o Luciano Floridi. Neste artigo a autora lança à comunidade científica a primeira crítica elaborada no Brasil sobre a Filosofia da Informação flordiana e como ela pode e deve ser repensada no âmbito de CI.

Deste feito, o artigo se destaca por fazer parte de um diálogo científico entre Mostafa e Floridi, apontando críticas e fortalecendo o debate na CI brasileira. O artigo é uma grande e oportuna contribuição para o debate da Filosofia da Informação no Brasil.

1) **Quem fala?** – Solange Puntel Mostafa é graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos com obtenção de título no ano de 1972. Possui Mestrado em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) com obtenção de título no ano de 1981 e possui, ainda, Doutorado em Educação: História, Política e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) tendo obtido título no ano de 1985. Mostafá possui ainda um Pós-Doutorado na Politechnic of North of London com término no ano de 1991.

Toda a carreira acadêmica da autora tem uma ligação com o tema da Filosofia e Epistemologia da Informação e da Ciência da Informação. Sendo sua tese de doutorado um verdadeiro tratado sobre as questões epistêmicas da Biblioteconomia.

2) **De onde Fala?** – Solange Puntel Mostafa é professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo e orientadora de pesquisadores de programas de pós-graduação.

3) **Onde Fala?** – Além de professora/pesquisadora e orientadora da Universidade de São Paulo, Mostafa já coordenou grupos de pesquisa como, por exemplo, o de título “Filosofia da Diferença e a Ciência da Informação” entre tantos outros, que versam sobre a temática da Filosofia e da Ciência da Informação. Atualmente Mostafa coordena o grupo de pesquisa sob o título “Ressonâncias Deleuzanas na Ciência da Informação: Estudo Bibliométrico” que versa, entre outras questões, para os conceitos Deleuzianos e como eles têm se difundido em diversas áreas do conhecimento, dada à familiaridade do filósofo com as artes e as ciências.

Mostafa é uma importante interlocutora do debate epistêmico da Ciência da Informação no Brasil, tendo grupos de pesquisas academicamente expressivos e participações contudentes com artigos, palestras e apresentações.

4) **Sobre quem fala?** – Este artigo versa sobre a análise crítica e contundente à teoria floridiana. No artigo, as referências expostas por Mostafa, visam fundamentar a sua teoria de que a Ciência da Informação já contempla, por si só, uma Filosofia da Informação. Para a autora a visão Floridiana de afirmar que o objeto de pesquisa da Biblioteconomia e Ciência da Informação é a informação no sentido fraco e, especificamente, de dados registrados, isto é, documentos, parecem desconsiderar todos os estudos e evolução da CI.

A autora prossegue argumentando que a

Biblioteconomia e Ciência da Informação como Filosofia da Informação Aplicada é uma disciplina preocupada com documentos e seu ciclo de vida, bem como com os procedimentos e técnicas pelos quais o ciclo dos documentos é implementado e regulado. Apesar desses enunciados estarem presentes nas definições clássicas da ciência da informação, elas foram de certa maneira superadas no

adensamento historiográfico por que passou o campo, o que Floridi parece desconsiderar. (MOSTAFA, 2010. p. 66)

Estas Afirmações mostram a visão divergente que a autora tem em relação a algumas nuances do conceito floridiano. Ao Floridi apresentar a Biblioteconomia e a Ciência da Informação (BCI) como campos de estudo preocupados em se debruçar sobre os documentos e seu ciclo de vida, inviabiliza, um pouco, a inserção do debate da Filosofia da Informação na Ciência da Informação. Uma vez que, a BCI tem estruturado estudos sobre a Informação de forma deslocada do Documento, ou seja, estudos sobre a informação enquanto concepção antes do registro documental.

Ao partir desta premissa, a autora Mostafa elabora uma série de referências que visam fundamentar a sua teoria de uma Filosofia da Ciência da Informação pautada em uma “Linguagem Documentária Menor” (LDM) e “Classificação Descritiva por Afeto” (CDA).

Para tanto, a autora explana que ambos os processos são atividades de representação de ordem filosófica. Desta forma, argumenta que a LDM é uma atividade de redução do conceito a questão epistêmica. Ou seja, em um tesouro, por exemplo, ao estruturar relações de conceitos em suas macro-estruturas, a LDM versará sobre a questão menor do conceito e do seu significado. Antes das relações há o conceito e, antes do conceito, há o processo filosófico associativo informacional.

Aponta ainda, que a CDA contempla a relação etimológica e filosófica do conceito *Afeto*. Relembra e aponta que Afeto significa “o modo de pensar de forma não-representativa”. Ou seja, ao cientista da Informação tratar o documento enquanto objeto informacional, sua atividade parte, mesmo que inconsciente, de uma estrutura filosófica da informação em uma abrangência da realidade objetiva.

Vale salientar que a autora explana e fundamenta tais conceitos, para elucidar a questão floridiana no que tange a Ciência da Informação tratar a informação no “sentido fraco”. Mostafa aponta, fortemente embasada em Giles Deleuze, que a forma como a CI vem tratando a Informação e seus registros,

não parte de uma estrutura mecanicista não reflexiva. Embora a área seja carente de uma estrutura e organização dos saberes filosófico enquanto disciplina formal no seu escopo de estudo, não quer dizer que, necessariamente, a Ciência da Informação não pratique uma atividade filosófica.

Para além, destaca-se às referências aos autores Aldo Barreto e Regina Marteleto. Ambos os autores são, indiscutivelmente, referenciais no debate construtivo epistêmico da Ciência da Informação no Brasil. Ao não citar Shannon, como ocorrera nos artigos analisados anteriormente, aponta para uma linha acadêmica da autora que versa pela construção filosófica da CI.

Ao citar Barreto e Marteleto (e também as autocitações), aponta que a autora procurou embasar a Ciência da Informação no Brasil de forma mais conceitual. Os autores referenciados enveredam por uma linha mais Filosófica da construção da Ciência da Informação. Observando que o conceito de gerenciar, disseminar e pensar informação advém desde a Grécia antiga, mesmo que os termos fossem outros (ver página 26 onde se aborda a questão do pensar informação na Grécia clássica).

Ao longo dos séculos diversas contribuições foram elaboradas para estrutura uma ciência que se dedica a informação. Como Paul Otlet trouxe, talvez a maior contribuição, com o “Tratado de Documentação” para o que hoje se conhece como estudo científico da informação.

Destaca-se ainda a referência a Michel Buckland, que não houvera sido citado entre os artigos até agora, e que tem uma visão muito próxima de Barreto e Marteleto no quesito construção da Ciência da Informação. Autor que, a nível internacional, também lança outras vertentes, que não a matemática, para a construção da CI.

As referências e citações a Gilles Deleuze e Baruch Spinoza, são de necessidade vital para a construção da teoria do artigo. A autora se fundamenta expressivamente nestes autores para ir de encontro às afirmações floridianas. É a partir deles que a autora fundamenta seus conceitos. Ao falar sobre “Linguagem Documentária Menor” e “Classificação Descritiva por Afeto”, a autora justifica suas afirmações em conceitos de Deleuze e Spinoza. A filosofia

construída por estes autores versam pela construção do saber informativo e que, alguns momentos, cruzam direta e claramente com a área de CI.

5) **Como Fala?** – o artigo “**Epistemologia ou filosofia da Ciência da Informação?**” é um estudo que aponta, pela primeira vez no Brasil, as lacunas conceituais apresentadas nos estudos floridianos. Ao ser publicado no ano de 2010, a autora já tem respaldo suficiente para argumentar sobre a teoria de Luciano Floridi.

6) **Para quem fala?** –O artigo fora publicado, acredita-se que intencionalmente, em uma revista científica de Ciência da Informação com grande expressão internacional, para que o debate com Luciano Floridi pudesse ser estabelecido.

A revista em questão que publicou o artigo é a “*Informação e Sociedade: Estudos*”. Revista vinculada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba. A revista tem Qualis A1 – Ciências Sociais Aplicadas I, atribuído pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Além de ser indexada pelas bases de dados internacionais *Journal Citation Reports (JCR Web)* do *Institute for Scientific Information (ISI Web of Knowledge)*.

Tais qualificações da revista colocam o artigo da Mostafa em um patamar diferenciado, que o credencia a ser inserido em um debate internacional. Tanto que, este objetivo foi alcançado e Luciano tomou conhecimento deste artigo e publicou uma réplica, que será apresentada a seguir.

Análise do artigo 05

O próximo artigo a ser analisado tem diversas singularidades. A primeira delas é o autor. Luciano Floridi, o mentor do conceito trabalhado neste estudo, publicou um artigo em revista de Ciência da Informação brasileira. Segundo é o conteúdo do artigo, que tem como temática a resposta ao artigo da Solange Puntel Mostafa, esclarecendo alguns pontos e lançando teoria sobre outros.

O artigo foi aceito pela revista em idioma inglês e traduzido para o português pelas pesquisadoras Solange Puntel Mostafa e Denise Viuniski da Nova Cruz, tendo como título “**Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) como Filosofia da Informação Aplicada: uma reavaliação**” sendo publicado no ano de 2010, um mês após as críticas elaboradas pela Mostafa.

1) **Quem fala?** – Luciano Floridi é graduado em Filosofia pela Universidade de Roma La Sapienza tendo obtido título de bacharel no ano de 1988. Possui ainda Mestrado em Filosofia da Lógica pela Universidade de Warwick (Inglaterra) com obtenção de título no ano de 1989 e Doutorado em Filosofia da Lógica também pela Universidade de Warwick (Inglaterra) com obtenção de título no ano de 1992.

O autor sempre dedicou sua carreira acadêmica ao estudo da informação. Em primeira instância, com enfoque na ética-computacional e, após, em uma teoria mais abrangente que contemplava as questões informacionais contemporâneas. Propondo, assim, uma Filosofia da Informação pautada nos preceitos contemporâneos da produção informacional.

2) **De Onde Fala?** – Luciano Floridi é professor e pesquisador sênior da University of Oxford (Inglaterra), sendo o pesquisador chefe e titular da universidade sobre questões Éticas e Filosóficas da Informação.

3) **Onde Fala?** - Luciano Floridi é Professor de Filosofia e Ética da Informação. Em Oxford, ele também é pesquisador sênior em Ética Prática; Pesquisador Associado em política de informação do Departamento de Ciência da Computação; e Membro da Faculdade de Filosofia. Fora Oxford, ele é Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade norte-americana, Washington DC.

Floridi é presidente eleito da Sociedade Internacional para o Estudo da Informação (2013-) e membro da comissão de avaliação internacional da Universidade de Milão (2009-). Ele foi presidente do grupo de peritos "Conceitos

de Engenharia" da Comissão Europeia, sobre o impacto das tecnologias de informação e comunicação sobre as transformações digitais que ocorrem na sociedade europeia (2012-2013), e presidente da Associação Internacional de Computação e Filosofia (2006- 2010). Ele é atualmente Editor-Chefe de Filosofia e Tecnologia da série de livros Synthese Biblioteca; Editor para assunto de Synthese (filosofia da computação e informação); Editor associado da Sociedade da Informação (filosofia da informação); e Membro do conselho editorial de Ética e Tecnologia da Informação, Ética e Política, Jornal Internacional de Tecnologia e Interação Humano, Minds e Machines, indagações filosóficas, Rivista Internazionale di Filosofia e Psicologia, e Telemática e Informática.

4) Sobre quem fala? – Este artigo tem uma grande singularidade no que diz respeito as referencias utilizadas para a elaboração do estudo. Pois bem, todas, sim, todas as referências utilizadas no artigo do pesquisador Luciano Floridi, são auto-referências. Ou seja, Floridi se pautou nele mesmo para elaborar o artigo e para contestar as criticas elaboradas pela Solange Mostafa. O autor faz uma breve menção à Claude Shannon no decorrer do artigo, mas sem referência-lo. A Menção fora apenas uma lembrança a teoria matemática da informação.

O que se pode tentar justificar a ausência de referências de outros autores é o fato do artigo se tratar de uma explicação da sua teoria e, a partir daí, fez-se necessário elaborar um recorte temporal e conceitual de sua produção para apontar suas percepções e conceitos expostos.

Entretanto, pelo artigo tratar da Biblioteconomia e da Ciência da Informação (BCI), que não são de seu escopo de pesquisa e nem de sua formação acadêmica, esperava-se, ao menos, citações e referências a autores destas áreas. Para a temática do artigo se fazia imprescindível uma revisão extensivamente fundamentada em autores que conceituassem a BCI, sobretudo em sua estrutura epistêmica. Mostafa fundamentou muito plausivelmente suas críticas, trouxe conceitos densos e estritamente restritos a BCI, qualquer contraponto a estes conceitos, se fazia necessário embasar-se em conceitos

fundamentais da BCI. Ao Floridi desconsiderar este recurso de referência a autores que produzem na BCI, o descredibiliza um pouco do debate. Isto não quer dizer que Floridi não tenha sua importância ou que coloque em cheque sua imensurável importância para o debate, muito pelo contrário, o fato do artigo ser aceito para publicação, apenas com citações próprias, mostra que Floridi tem peso e credibilidade para debate Filosofia na CI.

Mesmo com todas estas ressalvas é importante chamar atenção para um aspecto das autorreferências, elas expressam uma evolução e cadência cronológica de sua teoria da Filosofia da Informação. Floridi referenciou alguns de seus textos chaves para a compreensão da FI. Estes artigos o embasam a argumentar sobre a Filosofia da Informação e da sua capacidade de conseguir dialogar com outros campos de forma a não apresentar uma teoria empacotada e/ou engessada, como se esta estivesse que ser aceita com moldes pré-determinados sem possibilidade de debate, mas sim, como uma teoria em expansão com possibilidades diversas de criação.

Sua explanação se pauta, ainda, na explicação de como a Filosofia da Informação pode fornecer melhores aparatos à Biblioteconomia e a Ciência da Informação do que a Epistemologia Social, da qual se pautam as áreas para estruturar seu campo de estudo, tomando a informação como oriunda de uma natureza social.

5) Como Fala? – O artigo “Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) como Filosofia da Informação Aplicada: uma reavaliação” tem sua publicação no ano de 2010 um mês após ter sido publicado o artigo da Solange Puntel Mostafa com críticas aos preceitos filosóficos da informação apresentados por Floridi.

A proximidade temporal com que os dois artigos dialogam, evidência a efervescência do debate, mostrando que a temporalidade da construção do conceito se dá de forma rápida. Várias arestas ainda precisam ser podadas e, em análise a este artigo, pode-se perceber que a modelagem da Filosofia da Informação se dá de forma muito rápida para os parâmetros de construção de

uma teoria.

6) **Para quem fala?** – O artigo fora publicado em revista com menos expressão internacional que fora publicado o artigo da Mostafa. Todavia, mesmo assim ainda se fez possível à viabilidade do diálogo direto entre o mentor da teoria e o crítico e, assim, esclarecendo-se alguns pontos.

A revista em questão que publicou o artigo é a “InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação” vinculada ao departamento em Ciência da Informação da Universidade de São Paulo campus Ribeirão Preto. O periódico se dedica à divulgação especializada da área informacional, abrindo espaço a discussões interdisciplinares e interinstitucionais de temas informacionais e possíveis interfaces que permeiam as temáticas exploradas. Além de artigos e relatos de pesquisa inéditos, a revista publica resenhas de livros, documentos especiais, entrevistas e traduções de autoria de docentes e pesquisadores, desde que aprovados em revisão cega por pares (double blind peer review) e pelo Comitê Editorial.

A revista é um periódico nacional, de periodicidade semestral tendo A revista tem Qualis B1 – Ciências Sociais Aplicadas I, atribuído pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Além de ser indexada pelas bases de dados Latindex e BRAPCI.

O canal utilizado para explanação dos conceitos e canal para o debate se mostrou eficiente tendo atingido o objetivo de propagar para os pesquisadores em Ciência da informação no Brasil o debate e a construção da Filosofia da Informação.

Análise dos artigos 06 e 07

Os próximos textos a serem analisados têm o seu autor, assim como Mostafa, como um grande representante e teórico da Filosofia da Informação no Brasil, despontando, talvez, como o maior interlocutor sobre o tema no país, não só pela produção dos artigos mencionados neste estudo, mas pela interlocução

que o autor faz sobre o tema abarcando grupos de pesquisa, eventos e até revista especializada no tema, dos quais ele é Colaborador, mentor e/ou coordenador.

O autor em questão é Gustavo Silva Saldanha, cuja produção no tema, até o ano de 2013, contempla dois artigos, a saber: **“O imperativo mimético: a filosofia da informação e o caminho da quinta imitação”** sendo publicado no ano de 2011 e **“Humano inumano pós-humano: o homem na, da e para a Ciência da Informação”** sendo publicado em seguida no ano de 2012.

Pelo fato do autor ser o que mais produz sobre o tema até o ano de 2013, com dois artigos, se faz necessário mudar a estrutura de análises apresentadas até agora. Como é um único autor para dois artigos, analisar-se-á os parâmetros que envolve a biografia uma única vez e quando os parâmetros de análise envolver as questões pertinentes aos artigos, se subdividirá em “A” e “B”. Por exemplo, o parâmetro “4) sobre quem fala?” terá a subdivisão “4A” e “4B” para representar cada um dos artigos, o que acontecerá de forma igual com os parâmetros “5” e “6”.

Com esta explicação sobre a mudança esclarecida, dar-se-á início às análises dos artigos obedecendo as suas singularidades e seus respaldos teóricos.

1) **Quem fala?** –Gustavo Silva Saldanha é graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com obtenção de título em bacharel no ano de 2006. Possui Especialização em Filosofia Medieval pela Faculdade São Bento do Rio de Janeiro com obtenção de título no ano de 2010. Possui ainda, Mestrado em Ciência da Informação também pela Universidade Federal de Minas Gerais com obtenção de título no ano de 2008. E, por fim, possui doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo obtido o título de doutor no ano de 2012.

Toda a trajetória acadêmica do pesquisador Saldanha teve relação direta com o âmbito da pesquisa em Filosofia da Informação. Seus trabalhos de obtenção de título, como a Dissertação e a Tese, tiveram relação direta com a

teoria filosófica da informação.

2) De onde fala? – Gustavo Saldanha é professor e pesquisador do Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia (IBICT) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Saldanha atua ainda na orientação de pesquisadores estudantes do curso de Mestrado e Doutorado do IBICT.

3) Onde Fala? – Além de atuar como pesquisador e professor, Saldanha tem interlocuções de debate científico no âmbito de palestras e artigos. Atualmente o pesquisador coordena dois projetos de pesquisa que têm interferência direta em sua pesquisa e produção em Filosofia da Informação.

O primeiro Projeto de Pesquisa que Saldanha coordena, com início ano de 2013, tem como título “Trilhar o trivium: a filosofia da ciência da informação na tradição filosófica da linguagem” vinculado ao IBICT, que trata, entre outras questões, sobre as relações pautadas no século XX, entre a Filosofia da Ciência da Informação e estudos sobre a linguagem em âmbito epistêmico.

O segundo Projeto de Pesquisa, com início no ano de 2014, tem como título “Epistemologia histórica do pensamento biblioteconômico-informacional: linguagem, instituições, artefatos e intersubjetividades” vinculado ao IBICT que versa, entre outros temas, sobre as questões epistêmico-históricas da construção da Biblioteconomia e das questões informacionais enquanto área.

Em ambos os projetos, há de se observar a presença e relação com temáticas que envolvem o estudo filosófico da informação. O autor se mostra bastante produtivo sobre o tema representando com grande respaldo para a teoria em construção.

4. A - Sobre quem fala? – Aqui, como já mencionando, se subdividirá a análise em dois pontos. O primeiro artigo a ser analisado tem como título “**O imperativo mimético: a filosofia da informação e o caminho da quinta imitação**” sendo publicado no ano de 2011.

O artigo traz uma percepção de análise da Filosofia da Informação. Neste

artigo Saldanha desenvolve uma análise filosófica no âmbito da evolução documental e da representação da informação, desde de Gutenberg à Bush. Observando como o suporte para registro informacional aliado a seu aumento de produção, pôde instaurar uma nova conjectura de análise filosófica.

Há de ressaltar, de início, as importantíssimas referencias aos filósofos clássicos. Até o momento, este foi o primeiro artigo a se valer de autores clássicos da filosofia para fundamentar os conceitos. Ao referenciar Platão e Aristóteles, o autor busca fomentar seus preceitos filosóficos com um importante respaldo clássico.

Saldanha utiliza os autores para fundamentar a teoria do idealismo racional sobre o mundo. A representação do objeto presente em Platão e em Aristóteles tem ideia inicial, para Saldanha, na concepção de mímese, ou Imitação(cópia). Quando Platão chama imagens de "sonhos feitos pelo homem produzidos para aqueles que estão despertos", (266C sofista), ele destaca a apreensão de dos fatos a Mímese (reprodução) como ainda outro tipo distinto de uma imagem mental. Olhar e ouvir assemelham-se em alguns aspectos. Em ambos os casos, o mecanismo de percepção produz ou oferece imagens mentais. Por exemplo, se utilizada uma foto como representação de uma casa, não há na foto de uma casa uma pressão em suas formas e qualidades sobre a mente do observador nem há uma casa de verdade produzindo a imagem mental a partir da foto de uma casa. Mas, alternativamente, o espectador da imagem está acordado e não sonhando, o que parece implicar que o espectador ou o ouvinte está ciente de que é uma mímese e não uma coisa real que ele ou ela é apreender.

O pensamento platônico-aristotélico pauta-se na representação do mundo através da observação, onde há o mundo em essência e o mundo das representações, este último é o mundo da reprodução, o mundo do qual se faz necessário reproduzir uma ideia da percepção imperfeita do que se vê.

Ressaltam-se, ainda, as citações à Vannevar Bush, Paul Otlet e Jesse Shera. Ao citar estes autores, Saldanha pauta a sua análise epistêmica da Ciência da Informação estabelecendo as visões antes do pós-guerra, com Otlet

e ressaltando também as visões do pós-guerra. Porém, em todos os autores citados é possível fundamentar a teoria do artigo que se dedica a tratar a informação mediante a uma evolução do suporte documental e do conceito de mímese platônico-aristotélico.

Por fim, as referências a Floridi aponta para que o autor procurou contextualizar o seu conceito sobre uma Filosofia da Informação, pautando análises na contemporaneidade. Ao citar Floridi foca-se na relação com os problemas filosóficos tradicionais para o fenômeno de informações. O estudo floridiano tem um foco mais específico, desenvolvendo a noção de que o objetivo é mostrar que muitos dos problemas filosóficos clássicos podem proveitosamente ser aplicados aos domínios variáveis da ciência da informação. Por isso, se inicia uma análise comparativa dos conhecimentos em ciência da informação e filosofia, e em suas relações mútuas.

Desta forma, Saldanha fundamenta seu estudo e estrutura, de forma sólida, como a evolução no suporte documental aliado a crescente produção de Informação, pode ter influência direta no plano conceitual dos estudos filosóficos da informação.

4. B Sobre quem fala? – o segundo artigo a ter suas referências ressaltadas para elucidar com quem o autor dialogou em seu texto tem como título **“Humano inumano pós-humano: o homem na, da e para a Ciência da Informação”** tendo sua publicação no ano de 2012.

O artigo traz ao debate conceitos sobre a concepção do homem no século XX e a sua correlação com o pensamento científico da informação. Aborda, entre outros aspectos, como a produção do *Eu* (Homem Cognoscente) participa da produção informacional.

Vale ressaltar a que a Filosofia da Informação trazida por Saldanha neste artigo, não se fundamenta fortemente na Filosofia da Informação floridiana. Neste artigo, o conceito de filosofia de uma informação tratado pelo autor, evidencia uma concepção filosófica que parte do conceito filosófico do homem, envolvendo todas as suas questões existencialistas e em como este processo

afeta a produção de construção da Informação. Esta teoria, diferente da floridiana, tem como ponto de partida o Homemdesenvolvido no debate contemporâneo, e, a partir dele, eclode a reflexão da Informação. Ou seja, enquanto para Floridi o foco é a informação e a sua inserção na filosofia, para Saldanha é a Filosofia e a sua inserção na informação.

Para além, a exemplo de Robredo, o artigo não traz nenhum texto referenciado de Luciano Floridi, o que não é de se estranhar, já que, como citado acima, a teoria apresentada por Saldanha neste artigo tem, de fato, um distanciamento conceitual ao tratar a Filosofia da Informação floridana. Porém, isso não quer dizer que ambos os autores estejam falando de coisas distintas, pelo contrário, os pontos de vista apresentados se complementam. Todavia, Saldanha faz uma menção à Floridi ao logo do texto, para exemplificar a Filosofia da Informação floridiana pautada na concepção contemporânea da tecnologia informacional.

Entretanto, há uma citação que merece um grande destaque. Ao citar Bernd Frohmann em especial o seu artigo “Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information” aponta que o autor Saldanha buscou um aparato na Filosofia da Informação produzida na Europa. Frohmann é um interlocutor de Floridi, neste artigo utilizado por Saldanha há, inclusive, uma citação a Floridi.

Frohmann apresenta uma Filosofia da Informação pautada na análise documental, partindo do princípio que ela, a FI, é baseada em uma filosofia de documentação. Adverte para o fenômeno da informação de Nunberg que anuncia uma mudança substancial a pergunta "O que é informação?" seguindo na direção de uma investigação crítica das fontes e na legitimação da questão similitude com a filosofia de Wittgenstein. Para Wittgenstein, segundo Frohmann, as formas de significado são uma desconstrução da Filosofia da Informação, porque sugerem que a capacidade informativa de um documento depende de certos tipos de práticas. Com isso, a informação surge como um efeito de práticas documentais que são ontologicamente primárias à informação. A informatividade dos documentos, portanto, remete para as propriedades das

práticas documentais. Estas práticas, Frohmann argumenta que se subdividem em quatro grandes categorias: sua materialidade; seus sites institucionais; as formas em que são socialmente disciplinadas; e sua contingência histórica.

Para Frohmann, a Filosofia aplicada à informação é, inevitavelmente, aplicada ao documento, entendendo que só é possível falar sobre a informação quando registrada. Porém, Frohmann é utilizado por Saldanha no texto para mencionar autores que tratam da Filosofia da Informação na CI.

Dando prosseguimento, as referências textuais a Jürgen Habermas, Martin Heidegger e Jean-François Lyotard são vitais para o desenvolvimento do estudo, como o próprio Saldanha argumenta. A necessidade de citar estes autores vem embasar a ideia de Saldanha do que há na filosofia de compromisso com o homem. Aristóteles pensa o homem como a essência das coisas. Ela é eterna em si apenas na mudança, na medida em que ideia ou forma não têm existência independente ou transcendente à realidade das coisas ou mente.

Ao utilizar Heidegger, que tem uma linha de pensamento convergente com os outros dois, Saldanha aponta para o conceito que a única forma de desenvolver um "primeiro" ou "principal" da filosofia - o reflexo do eu - sobre a totalidade das formas em que ela existe é insistir nesta nota que, antes de qualquer especulação teórica sobre os seres, é a existência que torna possível a teoria em primeiro lugar. De acordo com Heidegger (2005 p. 25), "a natureza existencial do homem é a razão pela qual o homem pode representar as coisas como tal", por ser consciente delas. Toda consciência pressupõe existência, como o homem existencial. Principalmente por isso, Heidegger volta sua atenção para um modo de teorização mais primordial que é divulgado em práticas diárias, o ser-no-mundo.

Ao partir destas premissas, Saldanha fundamenta seu estudo da Filosofia da Informação, entendendo que o Homem enquanto observador consciente do mundo é capaz de produzir um mundo. A partir dele – do homem – é que se torna possível a informação. Ou seja, pensar sobre a filosofia existencialista humana é pensar sobre uma Filosofia da Informação.

Menciona-se, ainda, que há ausência dos autores adeptos da teoria epistêmica na Ciência da Informação, que falam sobre seu surgimento e criação. Há algumas menções à Claude Shannon, Vannevar Bush, entre outros, ao longo do texto, porém, nada muito expressivo. Desta forma, o artigo versa muito mais para uma vertente enraizada nos alicerces da Filosofia, enquanto área científica, do que da Ciência da Informação.

Assim, com esta carga filosófica muito bem fundamentada, Saldanha apresenta uma nova forma de pensar a filosofia do conceito de informação. O artigo é substancialmente denso, sua carga de complexidades conceituais o torna suficientemente capaz de validar o debate em questão.

5 A. Como Fala? – O artigo **“O imperativo mimético: a filosofia da informação e o caminho da quinta imitação”**, publicado no ano de 2011, é o primeiro publicado pelo autor que, além de representar a retomada do debate no Brasil, traz a retomada às citações a Luciano Floridi. O artigo fundamenta a teoria da Filosofia da Informação pautada na evolução do registro documental levando em consideração a teoria floridana. O momento em que foi publicado, assim como seu outro artigo, credencia o autor e suas obras como um importante instrumento de construção do debate no Brasil.

5 B. Como Fala? – O artigo **“Humano inumano pós-humano: o homem na, da e para a Ciência da Informação”**, publicado no ano de 2012, pode ser considerado como um artigo de retomada após um hiato no debate da Filosofia da Informação no Brasil. Os últimos artigos foram publicados no ano de 2010, resultante nos esclarecimento entre Mostafa e Floridi. Destaca-se na análise temporal por se tratar de um artigo que conceitua uma Filosofia da Informação que não converge totalmente com a teoria floridiana, tanto que ele, Floridi, não fora referenciado no artigo.

6 A. Para quem fala? – A exemplo de Jaime Robredo, Saldanha publica seu primeiro artigo sobre o tema Filosofia da Informação no Encontro Nacional de

Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), o maior e mais importante evento científico em pesquisa em ciência da Informação no Brasil. O artigo publicado em 2011 no Encontro tem como título “O imperativo mimético: a filosofia da informação e o caminho da quinta imitação”.

O evento reúne os pesquisadores em Ciência da Informação de todo o Brasil, distinguindo as áreas de produção do saber em Grupos de Trabalhos (GTs), que atualmente são 11. Estes GTs têm por finalidade congregar pesquisas e pesquisadores com afinidades de estudo e investigação.

O GT no qual o artigo teve publicação, foi o GT-01, que abrange estudos Filosóficos e Epistemológicos da Ciência da informação. A importância e a inserção que o artigo teve ao ser publicado neste evento, é que sua absorção por parte da comunidade científica é muito mais eficaz. Devido ao autor do trabalho poder expor a pesquisa para os seus pares, o artigo além de apresentado é discutido. Ou seja, ao expor seu ponto de vista o autor pode fazer uma interlocução direta com seus pares.

O ENANCIB é, sem dúvidas, uma grande porta para a expansão e iniciação do debate na academia. É lá onde os pesquisadores se encontram e é lá onde lançam novas perspectivas para as pesquisas. Sem contar que o ENANCIB, tem uma representatividade internacional, tendo sempre em suas edições a presença de pesquisadores de outras nacionalidades. Ao artigo ser lançado com esta temática e com todas as questões que o envolve, foi de extrema importância para a difusão do termo “Filosofia da Informação” na CI brasileira.

6 B. Para quem fala? – O artigo de título “Humano inumano pós-humano: o homem na, da e para a Ciência da Informação” tem sua publicação em revista de boa repercussão na comunidade científica em Ciência da Informação do Brasil, voltando o debate para o público nacional.

A revista em questão é a “Ponto de Acesso”, revista vinculada ao Instituto em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (ICI-UFBA) a revista tem como foco tornar acessíveis, livre e gratuitamente os textos

acadêmicos que tenham como foco o campo de estudo a informação enquanto contexto científico.

A revista é publicada e editada no Brasil tendo Qualis B1 – Ciências Sociais Aplicadas 1 – atribuído pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sendo indexada pela base de dados internacional “Directory of Open Access Journals” e pela base de dados nacional BRAPCI.

Análise do artigo 08

Este artigo a ser apresentado, difere de todos os outros, pois nele, é feita uma revisão extensa e concisa da teoria Floridiana. São apontadas as questões de motivação para estudo, sua relação com a Ciência da Informação e como o tema é debatido e aceito no contexto científico da CI.

O texto tem um grande respaldo na CI pelo fato de ter uma qualidade de revisão muito expressiva e, também, pela sua autora ter uma grande expressão na comunidade da Ciência da Informação, sendo uma das mais influentes pesquisadoras da CI na vertente epistêmica.

O artigo a ser analisado tem como título **“Luciano Floridi e os problemas filosóficos da informação: da representação à modelização”** sendo publicado no ano de 2013 pela autora Maria Nélida González de Gómez.

1) **Quem fala?** – Maria Nélida González de Gómez é graduada em Filosofia pela Universidad Nacional de Rosário, Ex-Universidad del Litoral, na Argentina, onde obteve título de bacharel no ano de 1968. Possui Mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com obtenção do título no ano de 1982. É doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com obtenção de título no ano de 1992. Gómez é, ainda, Pesquisadora nível 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e atua como professora bolsista sênior, na Universidade Federal Fluminense.

2) De onde fala? – A pesquisadora é Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, na condição de Professora Visitante sênior da Universidade Federal Fluminense e Professora Colaboradora do Pós - graduação em Ciência da Informação desenvolvido em convênio pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia-IBICT e a Universidade Federal de Rio de Janeiro. Orientadora de Mestrado e Doutorado, e supervisora de estágios de pós-doutorado, em Ciência da Informação.

3) Onde Fala? – Além das atividades docentes, Gómez tem sua voz de pesquisa ativa em atividades de ensino e pesquisa direcionadas ao entendimento das questões contemporâneas da informação e da documentação, à luz das premissas filosóficas e epistemológicas abordadas no campo interdisciplinar da Ciência da Informação, assim como em alguns de seus desdobramentos nas Ciências Sociais Aplicadas. Tem experiência na constituição e acompanhamento de cursos de Pós-graduação na área, estrito e lato senso, em funções de coordenação, assessoria e consultoria. Tem participado, como avaliadora externa, da avaliação de cursos de pós-graduação e graduação da área, e em Jornadas de Iniciação Científica da UFRJ (2011, 2012) e da UNIRIO (2010, 2012). Gomez coordena, ainda, um grupo de pesquisa vinculado ao CNPq que tem como título “Da validade da informação à validade dos conhecimentos” que tem por finalidade compreender as questões epistêmicas de transmissão do conceito inicial de informação à sua propagação enquanto conhecimento.

4. Sobre quem fala? – Os conceitos expostos no artigo doutrinam as suas referências. Os autores utilizados para fundamentar as teorias versam, sobretudo, para a questão de pensamento filosófico da informação, respaldando a proposta de elaborar uma revisão do conceito floridiano.

Ressalta-se, de início, as citações aos filósofos Jürgen Habermas, Martin Heidegger, Thomas Kuhn e Ludwig Wittgenstein. Estes pensadores trazem o

embasamento filosófico para a autora, no sentido de estruturar seu conceito na tangente da Informação e da Verdade, apontando que o conceito de informação tornou-se central na filosofia mais contemporânea. No entanto, pesquisas recentes demonstraram que não existe consenso sobre uma definição única e unificada de informações. Semanticamente não é de causar surpresa essa falta de consenso. A informação é um conceito tão poderoso e evasivo que, como uma metamorfose, pode ser associado a várias explicações, dependendo do conjunto de requisitos e pormenores desejados que orientem uma teoria.

Partindo destes pré-requisitos é que Gómez busca trazer os alicerces filosóficos presentes nos filósofos para embasar suas premissas. Suas teorias elucidam o fato de que a informação “encapsula” pode denotar uma “veracidade”, de modo que “a informação verdadeira” é simplesmente redundante e “informações falsas”, ou seja, a desinformação, são apenas *pseudo-informações*.

Para além, menciona-se, ainda, as citações a Rafael Capurro, autor que já fora debatido em um artigo brasileiro que tratava sobre a Filosofia da Informação, também ganha espaço no estudo da pesquisadora. Ao citar Capurro, González de Gómez visa trazer a noção da questão ética da informação, atinando para o fato de que o *valor* não designa uma propriedade das coisas, é antes um efeito de relações pessoais com as coisas e com os outros. As coisas, naturais ou artificiais, são nelas mesmas sem valor, assim como o “homem por si mesmo não é plausível de valoração, é *in-valuable* - já que ele e é quem assume os julgamentos de valor” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2013).

Por fim, se ressaltam as referências a Luciano Floridi. Pelo artigo ter um foco de análise da teoria do filósofo, era de se esperar seu expressivo número de citações. Ao citar Floridi, como ideia geral do artigo, a autora buscou exemplificar que o significado dado a um determinado documento que contém conteúdo informacional não é resultante (pelo menos não só) da mente do usuário. Há um sentido de informação que precisa ser distinguido do mais forte, tese realista, de acordo com a qual os dados também podem ter sua própria

semântica independentemente de um produtor inteligente/informador. Isto também é conhecido como informação sobre o ambiente, e um exemplo típico é fornecido pelos anéis concêntricos visíveis na madeira de um tronco de árvore cortado, que podem ser utilizados para estimar a idade da planta.

Com tais fundamentações referenciais, a autora elaborou um estudo muito conciso e de grande utilidade para a comunidade científica. O artigo evidencia uma teoria emergente e contempla uma reflexão muito rica em conceitos, elevando o debate e considerando vários espaços para a construção da teoria.

5) Como Fala? – O artigo “**Luciano Floridi e os problemas filosóficos da informação: da representação à modelização**” tem sua apresentação temporal bastante oportuna. Sendo publicado no ano de 2013, quando a teoria floridiana já tivera 11 anos desde sua aparição. Credenciei o artigo com seus objetivos de pautar uma análise da teoria da Filosofia da Informação. Ao ser publicado nesse espaço temporal, havia bastante texto a ser analisado.

6) Para quem fala? – O artigo da González de Gómez, foi publicado em revista de grande representatividade nacional, voltando o debate para a comunidade científica brasileira.

A revista em questão que publicou o artigo é a “InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação” vinculada ao departamento em Ciência da Informação da Universidade de São Paulo campus Ribeirão Preto. O periódico se dedica à divulgação especializada da área informacional, abrindo espaço a discussões interdisciplinares e interinstitucionais de temas informacionais e possíveis interfaces que permeiam as temáticas exploradas. Além de artigos e relatos de pesquisa inéditos, a revista publica resenhas de livros, documentos especiais, entrevistas e traduções de autoria de docentes e pesquisadores, desde que aprovados em revisão cega por pares (double blind peer review) e pelo Comitê Editorial.

A revista é um periódico nacional, de periodicidade semestral, sendo avaliada como Qualis B1 – Ciências Sociais Aplicadas I, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Além de ser indexada pelas bases de dados Latindex e BRAPCI.

O canal utilizado para explanação dos conceitos e canal para o debate se mostrou eficiente tendo atingido o objetivo de propagar para os pesquisadores em Ciência da informação no Brasil o debate e a construção da Filosofia da Informação.

Análise do artigo 09

Por fim, chega-se à análise do último artigo que representa o corpus total deste estudo. O artigo analisado aqui tem algumas particularidades que precisam ser evidenciadas. A primeira delas é sobre o primeiro autor do artigo, também autor deste estudo. Para tanto, há de se esclarecer que não ocorreu qualquer mudança nas análises dos artigos, sendo mantida a seriedade e o caráter estritamente científico da análise. A segunda é sobre o conteúdo do artigo, que tem como objetivo congrega toda a produção sobre a Filosofia da Informação no Brasil, apresentando alguns indicadores de autores, publicações e seu o estado da arte.

O artigo tem como título **“O Estado da arte da filosofia da informação na Ciência da Informação Brasileira”**, tendo como autores Túlio de Moraes Revoredo e Diego Andres Salcedo, sendo publicado no ano de 2013.

1) Quem fala? – O primeiro autor, Túlio de Moraes Revoredo, é graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco com obtenção de título de Bacharel no ano de 2011. Possui ainda um curso de curta duração, em nível de especialização, pela Universidade Federal de Pernambuco e, atualmente e, ainda, é Mestrando (concluinte) do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCI-UFPE) com data prevista para obtenção de título no ano de 2015.

A trajetória acadêmica de Revoredo vem se pautando em construir uma estrutura voltada para o estudo epistemológico e filosófico da informação e da Ciência da Informação, tendo o seu trabalho de conclusão de curso e a sua dissertação, voltados para esta temática.

O segundo autor é Diego Andres Salcedo. Salcedo possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco com obtenção de título no ano de 2007. Possui Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco com obtenção de título no ano de 2009 e possui Doutorado em Comunicação também pela Universidade Federal de Pernambuco com obtenção de título no ano de 2013.

Salcedo, em sua trajetória acadêmica, dedicou-se ao estudo da comunicação científica por meio dos selos postais tendo, ainda, participado de pesquisas no âmbito filosófico da informação.

2) De Onde Fala? – Túlio de Moraes Revoredo é mestrando do PPGCI-UFPE onde tem seu contato com a comunidade científica e dialoga sobre os temas da Filosofia da Informação. Diego Andres Salcedo é pesquisador e docente da Universidade Federal de Pernambuco, onde desenvolve seus estudos e sua produção científica.

3) Onde Fala? – Além de discente concluinte do PPGCI-UFPE, Revoredo dedica-se à participação em grupos de pesquisas que envolvem o tema da Filosofia da Informação, tendo participação, também, em palestras e cursos nos quais falam sobre o campo acadêmico.

Salcedo acumula, além das atividades de docente/pesquisador, a coordenação do grupo de pesquisa “Humanidades Digitais: ciência, tecnologia e memória”, vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e atua no Conselho Editorial da Coleção E-CIT da Pró-Reitoria de Comunicação, Informação e Tecnologia da UFPE, onde exerce seu campo de inserção e propagação dos seus discursos científicos.

4. Sobre quem fala? – Como já mencionado, o artigo tem uma proposta de analisar, até o ano de 2011, o que foi produzido sobre a Filosofia da Informação flordiana no Brasil. Aborda, entre outras questões, como se dava até o momento, o pensamento flordiano no Brasil, se pautando em uma estrutura esquemática, produzida por Fernando Ilharco, do qual elabora 15 questões fundamentais para a construção de uma Filosofia da Informação. Baseado nesses 15 pontos analisou-se em que medida o que era produzido no Brasil se assemelhava com estas problemáticas.

Deste feito, a primeira referência que se faz evidenciar neste artigo relaciona-se aos pesquisadores em Ciência da Informação no Brasil que haviam publicado sobre o tema até 2011. Estes autores, também representados aqui, mas com outra perspectiva, construíram para o estudo o seu corpus dando uma característica singular ao artigo, sendo o primeiro artigo a fazer um levantamento sobre o que estava sendo produzido sobre a FI até o momento.

Por conseguinte, destaca-se a referência a Fernando Ilharco, autor pouco utilizado pela comunidade científica brasileira, sendo utilizado apenas por Francellin e Pelegatti ao retratarem o surgimento da FI, mas que tem uma importância significativa para a Filosofia da Informação a nível internacional. Ilharco é um pesquisador português que conseguiu unir a teoria flordiana em seu livro “Filosofia da Informação: alguns problemas fundadores” que esquematizam de forma muito didática como o estudo vem se construindo. Tornando a sua referência de grande importância por debate filosófico da informação além de ser um texto chave para a construção do artigo, já que, o artigo fundamenta suas análises nas 15 questões elaboradas por Ilharco.

Ressalta-se, também, a referência ao Sebastião Souza. O autor no ano de 1986 foi um dos primeiros a publicar em revista científica uma reflexão filosófica sobre a área. Em seu artigo “Fundamentos filosóficos da biblioteconomia”, Souza atribuía aos filósofos clássicos o respaldo para tornar a profissão do bibliotecário uma atividade não reprodutivista, mas sim, uma atividade que envolvesse, antes de tudo, uma característica humanística de reflexão sobre o conceito de teorização do fazer bibliotecário. Os autores do estudo, Revoredo e

Salcedo, reconhecem em Souza um dos pioneiros na introdução do debate filosófico no Brasil.

Ao citar Gilles Deleuze, os autores procuram fundamentar filosoficamente o nível de discussão do artigo, encontrando em Deleuze seus aparatos reflexivos no âmbito da filosofia a fim de consolidar o discurso e trazer ao debate contrapontos filosófico de grande expressão mundial.

Por fim, ressaltam-se as citações a Luciano Floridi. Entende-se no âmbito do artigo que Floridi expressa uma grande gama de conceitos no cerne da pesquisa filosófica, com cinco áreas: definição da informação, a semântica da informação, inteligência/cognição, informativo universo/natureza e valores/ética.

Mesmo se fragmentário, o artigo serviu como uma contribuição para o esforço de compreender o estado da arte e os caminhos de desenvolvimento. Muitas ideias novas foram propostas e respostas sugeridas para os problemas surgidos no decorrer do desenvolvimento da Filosofia da Informação. Em seu emblemático artigo “Open Problems in the Philosophy of Information” baseado na palestra de Herbert Simon professor em Computação e Filosofia da Universidade Carnegie Mellon, em 2004, Luciano Floridi enumera cinco das áreas mais interessantes com dezoito questões fundamentais. A sua pesquisa inclui muitos temas já existentes para os quais os pesquisadores vêm contribuindo, mesmo antes de 2004, mas há também a inserção de novos problemas filosóficos em um novo contexto, com o objetivo de organizá-los em um sistema coerente.

Desta forma, com o quadro de referência alicerçado em bases firmes, o artigo atingiu o seu objetivo de apresentar a comunidade científica o que estava sendo produzido sobre a filosofia da informação e em como isso poderia afetar a Ciência da Informação brasileira.

5.2 Comentários sobre as análises

Com as análises fundamentadas e explicitadas, espera-se ter alcançado um resultado satisfatório no debate e conciso na apresentação dos artigos, com

ênfase nas seis categorias, analisando desde a formação do autor, às referências utilizadas até o meio de publicação e da argumentação sobre as suas formas de inserção.

Destarte, após as apreciações dos artigos concluídas apresentam-se alguns indicadores resultantes das análises.

A) Autores mais produtivos – após análises e recuperação dos textos com base nas estruturas estabelecidas neste estudo, observa-se o autor Gustavo Silva Saldanha, como o autor com a maior quantidade de produções, tendo apresentado dois artigos à comunidade científica envolvendo o tema. Ao observar a biografia e os envolvimento acadêmicos do pesquisador, têm-se, por certo, a sua relação muito intensa com o tema em questão.

B) Meios científicos que mais publicaram sobre o tema – segue imagem:

Figura 01 - Lista das Revistas

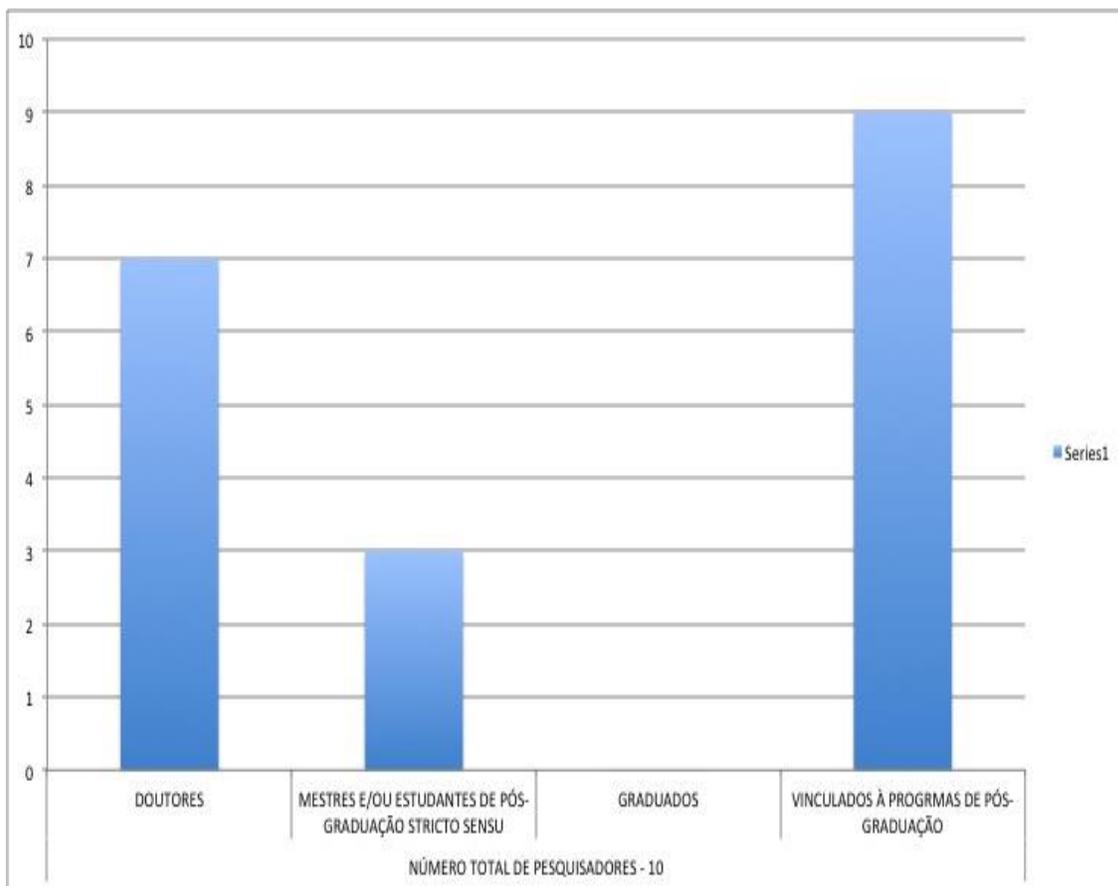
journal	quant.
InCID: R. Ci. Inf. e Doc.	2
ENANCIB	2
Transinformação	1
Ponto de Acesso	1
Perspect. ciênc. inf.	1
DataGramaZero, Rio de Janeiro	1
Informação e Sociedade: Estudos	1

Fonte – O autor

Desta forma, têm-se dados sobre onde mais se produziu sobre a Filosofia da Informação no Brasil. A saber, a “InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação” e o “Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB”, são os maiores disseminadores das ideias Floridianas, com duas publicações cada. Há de se destacar o fato de o ENANCIB apontar como um meio expressivo para divulgação um campo de pesquisa emergente. Entre outros aspectos, atesta que o Encontro cumpre o seu papel de discutir e produzir sobre os temas que podem ter influência na CI. Desta forma, o ENANCIB destaca-se como o evento mais importante de CI no Brasil por estar atento às novas concepções conceituais que vêm sendo produzidas.

C) Por fim, destaca-se em que nível acadêmico o debate da Filosofia da Informação se concentra no Brasil.

Figura 02 - Pesquisadores e suas relações acadêmicas



Fonte – O autor

Ao observar o gráfico pode-se tirar algumas conclusões. São 10 autores/pesquisadores ao todo, e destes, sete possuem o título de Doutor e outros três são mestrandos, Mestres ou doutorandos e nenhum deles possuem apenas o título de graduado. Além disto, nove dos dez pesquisadores são vinculados a programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Deste feito, é possível afirmar que o debate em Filosofia da Informação baseada nos preceitos floridianos, se dá em ambiente estritamente acadêmico e das pós-graduações. E, por entender-se que no Brasil o maior nível que um pesquisador pode chegar a sua titulação, é o Doutorado, pode-se afirmar, também, que o debate se dá no mais elevado nível de titulação acadêmica, visto que, 70% dos autores/pesquisadores são Doutores.

Assim, com as análises concluídas e com alguns extratos das análises destacados e representados em gráficos, acredita-se que este estudo cumpriu seu objetivo em determinar conceitualmente a constituição de uma Filosofia da Informação baseada em Luciano Floridi e apresentada, com suas devidas particularidades, no Brasil.

6 TÉLOS DA PESQUISA

Como o próprio nome do capítulo sugere, é chegado o “*Télos*” desta pesquisa. *Télos* (telos = finalidade, a motivação, objetivo, fim). Para Aristóteles tudo tinha um propósito, uma "enteléquia". A palavra significa literalmente "ter um telos no interior". Segundo o autor, as pedras sempre cairão no chão porque a sua enteléquia obrigava-as a cair para o centro da terra. A enteléquia humana é uma atividade racional na busca do propósito.

Desta forma, retoma-se os objetivos geral e específico desta pesquisa, tendo alcançado um propósito teórico, aqui explanado de forma mais pessoal, incluindo os pontos de vista do autor sobre os resultados das análises e interpretações resultantes dos estudos. Deste modo, discorre-se sobre uma análise geral do conteúdo deste estudo.

O conhecimento em curso e os resultados do desenvolvimento histórico da cognição, na percepção da filosofia, são essenciais para o pensamento teórico, pois oferecem ao cientista um parâmetro confiável para avaliar as hipóteses e teorias que ele mesmo produz.

Não são apenas o objeto desta ou daquela ciência e os métodos de estudo que se devem levar em conta. Procura-se definir o papel social e moral que esta ou aquela ciência desempenha ou pode desempenhar na vida da sociedade, o que implica, ou pode implicar para o futuro da humanidade. Esta tendência para o autoconhecimento, de que muito se fala, tanto cientistas quanto filósofos, é obrigada a mostrar-se e deve mostrar-se na relação entre filosofia e ciência.

A importância dos princípios filosóficos, categorias e leis não devem ser simplificadas. É equivocado sugerir que nem um único problema específico pode ser resolvido sem eles. Quando se pensa no lugar e papel da filosofia no sistema de cognição científica, não se separam experimentos ou cálculos do desenvolvimento da ciência como um todo.

A filosofia, como já foi elucidado, não é simplesmente uma ciência abstrata. Ela também se reveste de um aspecto axiológico, responsável pelos valores éticos e estéticos. A ciência proporcionou ao homem resultados e

produtos significativos, mas a ética ou, dito de forma mais direta, a consciência, contribuído mesmo modo. A avaliação, aspectos ideológicos e estéticos também são importantes para a ciência. A intervenção do pensamento filosófico na vida do homem ilustra essa ideia, pois são as interpretações originais de uma dada situação ou realidade que enriquecem as discussões existenciais, quando avaliamos e estabelecemos juízos sobre ocorrências de forma espontânea. Nessas ocasiões a filosofia está presente, implícita ou explicitamente, no discurso de quem fala, ou mesmo nos atos e reações das pessoas que participam do diálogo, das instituições representadas e cujos traços e história decorrem de uma linha de pensamento, de uma visão filosófica que certamente não é original e sobre a qual o exercício filosófico já fez história.

A relação do pensamento filosófico com a ciência tem influência direta com o plano conceitual da Filosofia tratada neste estudo. Ao pensar a filosofia como um campo do pensamento separado da ciência, tendo estas, a Filosofia e a Ciência, uma relação de interlocução para a construção do saber, atribui-se uma percepção mais abrangente do que justificar uma ciência por suas práticas.

A Filosofia é uma ciência ou um campo de estudo que se constrói independente dos atributos científicos? Esta é uma questão que tem grande expressão entre os filósofos, sobretudo os filósofos que dedicam seus estudos à filosofia da ciência. Entretanto, ao estruturar uma filosofia que dedica suas atividades a busca do saber, como a própria etimologia da palavra sugere, pode-se afirmar que a Filosofia é, antes da prática científica, um *locus* para a construção do saber científico, sendo esta responsável pela constituição e organização dos saberes, ou seja, ao referir-se sobre Filosofia enquanto um campo de onde parte as ramificações para a estruturas das ciências é, no aspecto da discussão desta dissertação, pensar a Filosofia em seu contexto histórico e etimológico, onde a busca pelo saber parte dos preceitos de uma investigação incessante na busca do conhecer, assim, a Filosofia seria, nesta visão, uma estruturação inicial para contextualizar uma investigação científica.

Contextualizar o pensamento filosófico, desde da Grécia antiga e inserida na contemporaneidade com seus processos reflexivos e estruturadores para

pensar sobre as questões postas no mundo e tendo estas questões atrelada à informação, é propor um pensamento científico da informação, uma ordenação dos saberes para a sua estruturação enquanto ciência. Como foi comentado neste trabalho, a proposta de uma Filosofia da Informação não é a de se restringir a Ciência da Informação. Todavia, se o processo inverso for posto em prática, pode-se estruturar um pensamento filosófico da informação por meio da ciência. Ou seja, tendo a filosofia como responsável pela estrutura dos saberes e da construção de uma ciência, poderia ser a filosofia a base para Ciência da Informação estruturar o seu estudo sobre Filosofia da Informação.

Ao Floridi afirmar que a Ciência da Informação tem seu escopo de estudo voltado para a informação “no seu sentido fraco” pautado no registro documental conflita com a ideia de que a filosofia pode, se inserida como um esquema de estrutura dos saberes, fornecer a Ciência da Informação a capacidade de tornar-se suficientemente capaz de abarcar em seus escopos de estudo, uma abrangência filosófica da Informação com todas as nuances propostas por Floridi.

Para os estudos floridianos, a Filosofia da Informação é uma nova empreitada da humanidade, que busca na informação estruturas para resolução de problemas da comunicação e resolução de entraves nos mais diversos âmbitos das relações sociais. Este campo efervescente que precisa ser debatido, conceituado e estruturado, de modo tal a ser compreendido, não pode, desta forma, subordinar a Filosofia da Informação a esta ou aquela ciência.

Entretanto, pode-se usar outro campo científico para exemplificar como as ciências podem congrega e relacionar-se com campos que não são, aparentemente, do seu escopo de abrangência científica. O campo científico da Física e suas estruturas de estudo sobre a Teoria da Relatividade, por exemplo, contemplam questões que são estritamente importantes para a humanidade e de interesse científico para outras ciências. Porém, estes estudos, por mais que sejam constituídos de maneira interdisciplinar, com influências de outras ciências na construção da teoria, a Física é uma mantenedora do conceito epistêmico do debate, partindo dela (a Física) as fronteiras da interdisciplinaridade.

É a partir dos cientistas que constroem o campo da Física, que surgem as indagações para o debate da Teoria da Relatividade.

Deste modo, pode-se pensar da mesma maneira com a Ciência da Informação, sendo a informação um campo interdisciplinar e de vastacomplexidade quedesperta interesse me diversas outras ciências, não isenta a Ciência da Informação de ser uma mantedora do debate e da construção filosófica da informação.

Pensar uma Filosofia pautada na Informação moderna sustenta a teoria de que a Informação não pode ser, unicamente, fruto de uma reprodução científica a fim de ser quantificada e reproduzida é necessário, sobretudo, a sua reflexão, a sua filosofia.

A Filosofia da Informação, introduzida nessa pesquisa, é a proposta de uma nova área do saber destinada a investigar em termos fundamentais uma série vastíssima de problemas originados e relacionados com o desenvolvimento do acesso da informação por parte da sociedade.

Partindo do pressuposto que a “Filosofia da Informação” eurocêntrica apresentada ao mundo pelo filósofo italiano Luciano Floridi é, em princípio, uma teoria que parte de um estudo muito amplo que, em alguma medida, se encontra com as raízes epistêmicas do campo da Ciência da Informação brasileira. Este estudo se preocupou em interpretar a Filosofia da Informação por meio da representação teórica que o termo expressa e não, unicamente, pela sua grafia. Ou seja, falar sobre a epistemologia documentária, por exemplo, é, em alguma instância e na visão deste estudo, uma “Filosofia da Informação” por haver elementos estruturalmente filosóficos para a conceituação da informação em um domínio específico, mesmo o estudo epistemológico documental não tendo a grafia do termo “Filosofia da Informação” inserida em seu contexto literário. Deste modo, o estudo buscou contribuir para a consolidação do debate filosófico da informação no Brasil, tendo em vista que a teoria da Filosofia da Informação é recentemente discutida no campo Científico (início dos anos 2000) e na necessidade de um lugar epistêmico para o debate na Ciência da Informação brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, B. RESER, D. Content analysis in library and information science research. **Library & Information Science Research**, v. 12 n.3, p. 251-260, 1990.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**: ensaio introdutório, texto em grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2005. v. 1.
- BACHELARD, G. A epistemologia. Lisboa: Edições 70, 2003.
- BARRETO, A. D. A. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, p. 67-74, 2002.
- BATESON, G. **Natureza e Espírito**: Uma Unidade Necessária (or. Mind and Nature), Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1987.
- BERG, B.L. Qualitative Research Methods for the Social Sciences. **Library & Information Science Research**, v. 12 n.3, p. 251-260, 2001
- BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, v.19, n. 1, p. 3-5, 1968.
- BOURDIEU, P. **Choses dites**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.
- BOYCE, B. R.; KRAFT, D. H. Principles and theories in information science. **ARIST**, v.20, p. 153-185, 1985. BRADLEY, J. Methodological issues and practices in qualitative research. **Library Quarterly**, n. 63 v.4 p. 431-449, 1993.
- BUCKLAND, M. Information as a thing. **Journal of the American Society for Information Science**. v. 42, n, 5, p. 351-360, jun. 1991.
- BUCKLAND, M. Documentation, Information Science and Library Science in the U.S.A. **Information Processing & Management**, v. 32, n. 1, p. 63-76, 1996. Também publicado em: BUCKLAND, Michael, HAHN, Trudi Bellardo (Eds.). **Historical studies in Information Science**. Medford: Information Today, 1998. 326 p. (ASIS Monograph Series). p. 159-170.
- BUCKLAND, M.; LIU, Z. History of information science. **ARIST**, v.30, p. 385-415, 1995.
- BUSH, V. **As we may thing**. Disponível em: <http://www.tcnj.edu/~miranda/classes/topics/reading/bush.html>. Acesso em: 28 fev. 2014.
- CAPURRO, R. **Epistemologia e Ciência da Informação**. [S.l.: s.n.], 2003. Disponível em: <www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 30 mar. 2014.

CAPURRO, R. Hermeneutics and the phenomenon of information. **Research in Philosophy and Technology**, v.19, p. 79-85, 2000.

CAPURRO, R. What is information science for? A philosophical reflection. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.). **Conceptions of library and information science: historical empirical and theoretical perspectives**. proceedings of the International Conference held for the celebration of 20th Anniversary of the department of information studies, University of Tempere, Finland, 26-28, 1991. London: Taylor Graham, p. 82-96. 1992.

CAPURRO, R. ; HJORLAND, B. The concept of information. **ARIST**, v.37, p. 343-411, 2003.

Denzin, N.K. Interpretive Interactionism **Journal of the American Society for Information Science**. v. 42, n, 5, p. 351-360, 1989.

DIAS, E. W. Biblioteconomia e Ciencia da Informacao: natureza e relacoes. **Perspectivas em Ciencia da Informacao**. v. 5, n.3. p. 11-15, jan.-jun. 2000.

DOMINGUES, I. **O grau zero do conhecimento**: o problema da fundamentação das ciencias humanas. São Paulo: Loyola, 1991.

ELIAS, A. A. A verdade, A informação e o arquivo: primeiras impresses na busca por uma filosofia da informação. **Enancib**. n. 12, 2011

FLORIDI, L. Information ethics: On the philosophical foundation of computer ethics. **Ethics Inform. Technol**, v. 1, p. 33-52, 1998.

_____. Philosophy and Computing: An Introduction; **Taylor & Francis**, v. 8 p. 1-25, 1999.

_____. What is the Philosophy of Information? **Metaphilosophy**, v. 33, p. 123-145, 2002.

_____. Two approaches to the Philosophy of Information. **Mind Mach**, v. 13, p. 459-469, 2003.

_____. Open problems in the Philosophy of Information. **Metaphilosophy**, v. 35, p. 554-582, 2004a.

_____. Outline of a theory of strongly semantic information. **Mind Mach**, v. 14, p. 197-221, 2004b.

_____. Information ethics, its nature and scope. **Computer and Society**, v. 36, p. 21-36, 2006.

_____. Understanding Information Ethics. **Philosophy Computer**, v. 7, p. 3-10, 2007.

_____. Information ethics: A reappraisal. **Ethics Information Technology**, v. 10, p. 189-204, 2008.

_____. Information ethics: A reappraisal. **Ethics Information**. v. 10, p. 189-204, 2008.

_____. Understanding information ethics: Replies to comments. **Philosophy Computer**. v. 8, p. 4-11, 2009.

FLORIDI, L.; SANDERS, J. Artificial evil and the foundation of computer ethics. **Ethics Information Technol**, v. 3, p. 55-66, 2001.

_____. Mapping the foundationalist debate in computer ethics. **Ethics Information Technol**. v. 4, p. 1-9, 2002.

FLORIDI, L. Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) como filosofia da informação aplicada: uma reavaliação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 1, n. 2, , p. 37-47. 2010.

FRANCELIN, M. M; PELLEGGATTI, C. Filosofia da informação: reflexos e reflexões. **Transinformação**, v. 16, n. 2, maio/ago, p. 123-132. 2004.

GARCIA, J. C. R. Conferencias do Georgia Institute of Technology e a Ciencia da Informacao : "de volta para o futuro". **Informacao & Sociedade: Estudos**. v.12, n.1, p.43-66, jan.-jun. 2002.

GIBBONS, M., et al. **A nova produção do Conhecimento**. London: Sage Publications, 1994.

GLASER, B.G. STRAUSS, A.L. **The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research**. New York: Aldine, 1967.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Luciano Floridi and the philosophical problems of information: from representation to modeling. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 4, n. 1, 2013.

GOODING, D. Socially Sensitive Computing: A Necessary Paradigm Shift for Computer Science. **ARIST**, v.37 p. 1-19, 2005.

HAYES, R. The History of Library and Information Science: A Commentary. **The Journal of Library History**. v. 20, n.2, p.173-178. 1985.

HIMMA K. TAVANNI H. The handbook of information and computer ethics. **ARIST**, v.23. 2008.

HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Parte I, Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2005;

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. (Prefácio, Introdução, Caps. I e II) Tradução e notas de Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

HEILPRIN, L. B. Foundations of information science reexamined. **ARIST**, v.24, p. 343-372, 1989.

HSIERF, H.F. Three approaches to qualitative content analysis. **Qualitative Health Research**, v.15 n.9, p.1277-1288. 2003.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 3.ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

JAPIASSU, H. MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

KANT, E. **Crítica da razão prática**. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

LATOURETTE, B. **A esperança de pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Tradução de César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora EDUSC, 2001.

LEIBNIZ, G. W. Os princípios da filosofia ditos a monadologia. Tradução Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.103-15. (Os pensadores).

LEIBNIZ, G. W. Novos ensaios sobre o entendimento humano. Tradução Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1988b. (Os pensadores).

LINCOLN, Y.S. GUBA, E.G. Naturalistic Inquiry **ARIST**, v.14 n.8, 1985.

MACHLUP, F. MANSFIELD, U. The study of information: Interdisciplinary messages. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 23 n. 5, 1983.

MARIJUAN, P.C. LIN, S.K. Papers from the foundations of information Science. (FIS 2002). **Entropy**, v. 5, p. 1-12. 2002.

MATHEUS, R. F. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, jul./dez. p. 140-165. 2005

MAYRING, P. Qualitative content analysis. **Qualitative Social Research**, v.1 n.2. jun. 2008. Disponível em: <http://217.160.35.246/fqs-texte/2-00/2-00mayring-e.pdf>. Acesso em: 16 abr 2014.

- MINICHIELLO, V. ARONI, R. TIMEWELL, E. ALEXANDER, L. In-Depth Interviewing: Researching People. **Journal of the American Society for Information Science**. v. 23, n. 4, 1990.
- MILES, M. HUBERMAN, A.M. Qualitative Data Analysis. **Journal of the American Society for Information Science**. v.34, n.3, 1994.
- MOSTAFA, S. P. Epistemologia ou filosofia da Ciência da Informação? **Informação & Sociedade: Estudos**. v.20, n.3, p. 65-73, set./dez. 2010.
- OTLET, P. **Documentos e documentação**: introdução aos trabalhos do Congresso Mundial da Documentação Universal. Paris, 1937. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/>>. Acesso em: 12 mar. 2014.
- PATTON, M.Q. Qualitative Research and Evaluation Methods. **Journal of the American Society for Information Science**. v.16, n.7, 2002.
- PIAGET, J. A **Epistemologia Genética**. Petrópolis: Vozes, 1971
- PINHEIRO, L. V. R. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**. v.15, n.1, p.1-21, 2005.
- PINHEIRO, L. V. R. LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, v.24, n.1, p.42-53, jan./jul.1995.
- PLATÃO. **Dialogos**: O banquete ; Fedon ; Sofista ; Politico. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1999.
- PLATÃO. **A República**. 11. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- REVOREDO, T. M. SALCEDO, D. A. O Estado da arte da filosofia da informação na Ciência da Informação Brasileira. **DataGramZero**, v. 14, n. 6, 2013.
- ROBREDO, J. Ciência da Informação e Filosofia: Reflexões. **Enancib**. v.8, p. 01-20, 2007.
- SALDANHA, G. S. Ipásia e a Ciência da Informação no território das Humanidades: a virada linguística informacional em um diálogo entre Rorty e Habermas. **DataGramZero**, v. 12, n. 2, 2011.
- SALDANHA, G. S. O imperativo mimético: a Filosofia da Informação e o caminho da quinta imitação. In: **Encontro nacional de pesquisa em ciência da informação**, 12. 2011. Brasília-DF. Anais... Brasília-DF: UNB, 2011. p. 1-20.
- SALDANHA, G. S. **Uma filosofia da Ciência da Informação**: organização dos saberes, linguagem e transgramáticas. 2012. 439f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia,

Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SALDANHA, G. S. Humano inumano pós-humano: o homem na, da e para a Ciência da Informação. **Ponto de Acesso**, v. 6, n. 3, 2012

SCHILLING, J. On the pragmatics of qualitative assessment: Designing the process for content analysis. **European Journal of Psychological Assessment**, v. 22, n.1, p. 28-37, 2006.

SHANNON, C. A. Mathematical theory of communication. **Bell System Technical Journal**, v. 27, p. 379-423, 623-656, 1948.

SHERA, J. H. **Sociological foundations of librarianship**. Bombay: Asia Publishing House, 1970.

SHERA, J. H. Sociological relationships of information science. **Journal of the American Society for Information Science**. v.22, n.2, mar - abr. 1971.

SHERA, J. H. CLEVELAND, D. B. History and foundations of information Science. **Annual review of information Science and technology**. v. 12, p. 249-275. 1977.

SMITH, H.W. Strategies of Social Research: The Methodological Imagination. **Journal of the American Society for Information Science**, v.27, n.2, 1975.

TESCH, R. Qualitative Research: Analysis Types & Software Tools. **Journal of the American Society for Information Science**. v.12, n.3, 1990.

VAN BENTHEM, J. ADRIAANS, P. **Philosophy of Information**; North Holland: Amsterdam, The Netherlands, 2008.

VICKERY, B. C. Fifty years of information progress. **A Journal of Documentation review**. v.13, n. 3, 1994.

VICKERY, B. C. Ontologies. **Journal of information Science**. v.23, n. 4, p. 277-286, 1997.

WEBER, R.P. Basic Content Analysis. **Journal of information Science**. v.25, n. 12, 1990.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**. v. 29, n. 2, p.229-239, mar.1993.

ZEMAN, J. **O significado filosófico da noção de informação**. 2005. Disponível em: <www.uff.br/ppgci/textos/significadofilosoficozeman.doc> Acesso em: 12 abr 2013.